



UDESC
UNIVERSIDADE
DO ESTADO DE
SANTA CATARINA

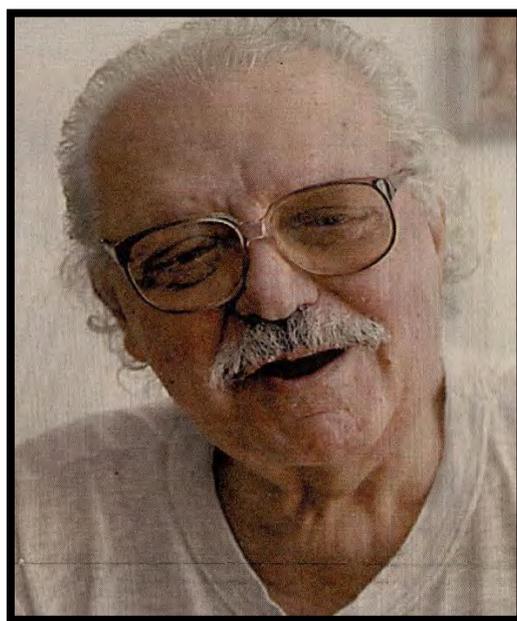


FAED
Centro de Ciências
Humanas e da Educação



IDCH
Instituto de Documentação e
Investigação em Ciências Humanas

**Instituto de Documentação e Investigação em Ciências Humanas
Espaço Eglê Malheiros & Salim Miguel**



Notícias Sobre Salim Miguel: Matérias, entrevistas, notas e comentários Volume V - 2002

Organização e digitalização: Iraci Borszcz

Enilde Regina Mai Jordanou

Coordenação. Profa. Dra. Maria Teresa Santos Cunha

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| 001: Encontro Cultural | 4 |
| 002: Memórias de editor..... | 5 |
| 003: Como intelectual do ano, Salim Miguel ganha o troféu Juca Pato | 6 |
| 004: DOUTOR Salim Miguel..... | 7 |
| 005: Primeira mão..... | 8 |
| 006: O PERSONAGEM: Salim Miguel | 9 |
| 007: Salim Miguel é o mais novo membro da UFSC | 10 |
| 008: A MAIS justa homenagem..... | 11 |
| 009: DESTAQUE | 12 |
| 010: Esquecidos pela lei | 13 |
| 011: Bem longe da proteção da lei | 14 |
| 012: O escritor Salim Miguel é aclamado intelectual do ano | 17 |
| 013: Salim Miguel - Intelectual do ano de 2001 | 18 |
| 014: Salim Miguel ganha um lugar entre os grandes..... | 19 |
| 015: Uma justa homenagem | 20 |
| 016: Mas ficar parado era impossível | 21 |
| 017: Salim Miguel conquista Prêmio Juca Pato | 22 |
| 018: MEMÓRIAS ao pé da letra..... | 23 |
| 019: Salim Miguel é o vencedor do prêmio UBE..... | 24 |
| 020: Políticas culturais | 25 |
| 021: Muito mais cultura | 26 |
| 022: Salim Miguel recebe o troféu Juca Pato..... | 27 |
| 023: Um intelectual do Sul | 28 |
| 024: O Catarinense Salim Miguel recebeu o Juca Pato..... | 29 |

| | |
|---|----|
| 025: Ficção e história da obra de Salim Miguel | 33 |
| 026: Rápidas | 35 |
| 027: Na ilha | 36 |
| 028: Os livros na praça | 37 |
| 029: Salim nas alturas. | 39 |
| 030: Um colaborador de primeira hora | 40 |
| 031: Salim Miguel um doutor escritor | 41 |
| 032: Salim Miguel: vou ser um escritor sim, e com esse nome | 42 |
| 033: A literatura valorizada..... | 44 |
| 034: Aprendendo a escrever na companhia das corruíras | 45 |
| 035: Doutor Salim: assim estava escrito | 46 |
| 036: Salim Miguel ganha troféu Juca Pato..... | 47 |
| 037: Olhar de repórter | 48 |
| 038: Salim e Eglê comungam conversa | 49 |
| 039: Salim Miguel homenageado..... | 50 |
| 040: Troféu põe Salim Miguel em boa companhia | 51 |
| 041: Prêmio Salim Miguel recebe hoje o Juca Pato 2001 | 52 |
| 042: O primeiro Juca Pato da literatura catarinense | 53 |
| 043: Mestres no conto e na poesia | 57 |
| 044: O intelectual do ano..... | 58 |
| 045: Jornalista vence troféu Juca Pato..... | 59 |
| 046: Escritor Salim Miguel é eleito intelectual do ano | 60 |
| 047: Juca Pato | 61 |
| 048: O difícil ofício de editar livros..... | 62 |
| 049: Prêmio à coerência..... | 63 |
| 050: Justíssimo | 64 |
| 051: Ilustrada. O escritor jornalista Salim Miguel..... | 65 |
| 052: Curto circuito..... | 66 |

| | |
|---|----|
| 053: Salim na claridade | 67 |
| 054: Intelectual do ano | 68 |
| 055: Sete dias de vanguarda | 69 |
| 056: Tricampeão de copas literárias | 70 |
| 057: Justo galardão | 73 |
| 058: Genialidade nas letras catarinenses..... | 74 |
| 059: Luz na escuridão..... | 75 |
| 060: Vapt – vupt | 77 |
| 061: Eles dizem, eles fazem..... | 78 |
| Índice por Autor | 79 |
| Índice por Jornal | 82 |

001: Encontro Cultural

ENCONTRO Cultural, **A Notícia**. Florianópolis, 09 out. 2002.



002: Memórias de editor

SAMPAIO, Ivanildo. Memórias de editor. *Jornal do Comércio*. Recife, 26 jun. 2002.

26/6/2002
Recife *Jornal do Comércio*
IVANILDO SAMPAIO

Memórias de Editor

Recebi da Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina o primeiro exemplar de um novo projeto, que se chamará "Memória de Editor", no qual, com justa satisfação, encontro um longo depoimento, esclarecedor e humano, de um casal muito querido: os meus amigos Salim Miguel e sua mulher Eglê Malheiros, dois escritores catarinenses que há mais de 40 anos são um monumento vivo de quase tudo que se fez no campo das letras e das artes em Florianópolis.

Ambos começaram a sacudir a pasmeira em que dormitava a então provinciana capital catarinense ainda estudantes, primeiro com a revista "SUL", um produto quase artesanal, rodado de favor na gráfica que produzia o Diário Oficial do Estado. Essa revista, todavia, seria o embrião em torno do qual se congregariam integrantes daquele que ficou conhecido como "Grupo Sul", revelando nomes que mais tarde brilhariam como estrelas importantes na reluzente costelação da cultura brasileira: poetas, escritores, ensaístas, artistas plásticos.

Poder-se-ia dizer, hoje, sem nenhum exagero, que, do ponto de vista cultural, Santa Catarina e Florianópolis nunca mais foram as mes-

mas depois do movimento liderado pelo "Grupo Sul", a partir de metade dos anos 40, e alguns de seus integrantes - como os próprios Salim e Eglê - abririam, a ferro e fogo, o caminho do reconhecimento, tomando-se mais tarde os condutores de sua própria caravana. Vem de longe a minha amizade com Salim, vem dos tempos mais escuros do passado, marcado pela censura e pelo medo, quando dividíamos, no Rio de Janeiro, uma ampla sala no prédio de uma editora que não existe mais. Pensava eu que sabia muito de Salim - mas descobri agora que sabia muito pouco. Por modéstia ou por desencanto, ele nunca falava do "Grupo Sul"; assim como Eglê se apresentava apenas como tradutora, escondendo os livros de poesia, as experiências de teatro e de cinema que viveu, os ensaios e os estudos que publicou.

Esse "Memória de Editor" - simples, despojado, esteticamente bem produzido e agradavelmente bem editado resgata uma época em que era muito mais ampla a solidariedade literária, e nomes já consagrados como Carlos Drummond de Andrade, Graciliano Ramos e Vinicius de Moraes não se furtavam a colaborar numa publicação de fora do eixo literário dominante, ainda mais feita por um bando de universitários contestadores, que gastavam tempo e conversa reunidos na sede do Parti-

do Comunista - ainda legalizado - no centro de Florianópolis. Lembra também a bela experiência que foi a revista de contos "Ficção", projeto conjunto desenvolvido já no Rio de Janeiro, do qual participaram também Cícero Sandroni e Laura, sua mulher - iniciativa para a qual Salim posteriormente me chamou mas que, por absoluta falta de tempo, não tive como aceitar.

Essa revista "Ficção" mereceria um capítulo à parte, a começar pelo enunciado que trazia logo abaixo do título: "Histórias para o prazer da leitura", criação do jornalista Cícero Sandroni. Escreveram suas histórias em "Ficção" nomes como os de Wander Piroli, Joel Silveira, Fausto Cunha, Domingos Pellegrini Jr., Eduardo Galeano, Marques Rebelo, Autran Dourado, J.J. Veiga, Juarez Barroso, Marina Colasanti e outros, muitos outros grandes nomes que são pronunciados com respeito na literatura latino-americana. Representava a revista em Pernambuco o jornalista Ricardo Noblat, assim como eu também ex-colega de Salim na finada editora lá em cima mencionada.

É isso aí: Santa Catarina se redime diante de Salim e Eglê, vítimas da intransigência, do arbítrio e principalmente da inveja, logo nos primeiros dias que seguiram ao golpe de abril de 64. Ambos souberam se impor pela retidão e pela coerência - e são hoje luz e porto para as gerações que começam.

Um belo depoimento de dois escritores catarinenses

► Ivanildo Sampaio, jornalista, é diretor de Redação do *Jornal do Comércio*

003: Como intelectual do ano, Salim Miguel ganha o troféu Juca Pato

NOGUEIRA, Adriano. Como intelectual do ano, Salim Miguel ganha o troféu Juca Pato. *Linguagem Viva*. Florianópolis, ano 3., n. 154, jun.2002.

COMO INTELECTUAL DO ANO, SALIM MIGUEL GANHA O TROFÉU JUCA PATO

Adriano Nogueira

Ele, Salim Miguel, nascido libanês, na cidade de Kfarsouroun, no dia 30 de janeiro de 1924, com seus pais, José Miguel e Tamine Athie Miguel, chegou no Brasil em 1927, brasileiro naturalizado, foi o vencedor do Prêmio Intelectual do Ano, promovido anualmente, desde 1963, pela União Brasileira de Escritores, com patrocínio do jornal *Folha de S. Paulo*.

Salim Miguel vai receber o Troféu Juca Pato, láurea destinada ao consagração do Intelectual, com o qual já foram distinguidos Santiago Dantas, Afonso Schmidt, Alceu Amoroso Lima, Cassiano Ricardo, Caio Prado Júnior, Érico Veríssimo, Menotti Del Picchia, Jorge Amado, Pedro Antonio de Oliveira Ribeiro Neto, Josué Montello, Cândido Mota Filho, Afonso Arinos de Mello Franco, Raimundo Magalhães Júnior, Juscelino Kubstichek de Oliveira, José Américo de Almeida, Luís da Câmara Cascudo, Sobral Pinto, Sérgio Buarque de Holanda, Dalmo de Abreu Dallari, Paulo Bomfim, Carlos Drummond de Andrade, Cora Coralina, Fernando Henrique Cardoso, Frei Betto, Antonio Callado, Abgubar Bastos, Barbosa Lima Sobrinho, D. Paulo de Evaristo Ams, Ledo Ivo, Fábio Lucas, Rachel de Queiroz, Marcos Rey, Luís Fernando Veríssimo, Sábato Magaldi, José Mindlin, Jacob Gorender e Octávio Ianni.

A premiação é sempre concedida a um intelectual que no ano anterior tenha publicado obra de relevante importância para a cultura nacional e ser ela indicada por um mínimo de trinta associados da União Brasileira de Escritores (UBE). Salim Miguel foi candidato único.

A obra indicada foi *Eu e as Corruíras*, lançada em Florianópolis pelas Edições Sul para comemorar os 50 anos de carreira literária de Salim Miguel.

Salim Miguel é contista, ensaísta, romancista, poeta, crítico, roteirista e jornalista. Membro da União Brasileira de Escritores (UBE/SC),

Prêmio APCA - Associação Paulista de Críticos de Arte (1999), com o romance *"Nur na Escuridão"*. Estudou alemão e árabe, antes do português, sua escolaridade passa pelo primário no Grupo Escolar Prof. José Brasilício de Souza, em Biguaçu, complementar no Grupo Escolar Lauro Müller, em Florianópolis, e colegial (incompleto) no Colégio Catarinense, da capital.

No dia 13 de junho de 2002, o escritor e jornalista será laureado, merecidamente, com o Título de Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Foi criado no interior catarinense, em Biguaçu, mas em 1943 sua família muda-se para Florianópolis, onde ele, com outros

jovens, cria um movimento cultural, conhecido como Grupo Sul (1947-1958) que com revista, editora, teatro, artes plásticas, música, cineclube e cinema modificou o ambiente intelectual de Santa Catarina.

Em 1965 vai residir no Rio de Janeiro, onde fica até 1979 e exerce as funções de Técnico em Comunicação da Agência Nacional, trabalha na Bloch Editores, dona das revistas *Fatos & Fotos, Manchete e Tendência*, como copydesk, repórter e chefe de redação, na Enciclopédia Delta-Larousse, com Antonio Houaiss, redigindo, como colaborador, verbetes sobre autores brasileiros.



Salim Miguel

Volta para Florianópolis em 1979, chefiando a sucursal da Agência Nacional, trabalha no *Jornal da Semana* e depois dirige, na qualidade de diretor-executivo, a Editora da UFSC e no jornal *O Estado* mantém a coluna *Livros*.

Autor de mais de vinte títulos, seu nome figura entre os melhores contistas brasileiros desde quando escreveu *Alguma Gente*, em 1953,

que de Maria de Lourdes Teixeira (primeira escritora a ingressar na Academia Paulista de Letras) mereceu a observação: "Salim Miguel incorporase com *Alguma Gente* à geração nova dos nossos melhores contistas, sendo que a muitos excede pela propriedade narrativa" e Marques Rebelo, da Academia Brasileira de Letras, registra: "*Alguma Gente* é uma nova mensagem literária da província, cheia de humanidade, revelando ao mesmo tempo um autêntico escritor: Salim Miguel".

Seu último livro, *Eu e as Corruíras* é o coroamento da obra de um escritor nacionalista, consciente, defensor da soberania nacional, cujos escritos primam pela valorização da justiça social. Em 1964 foi preso pelo regime militar e a experiência é objeto de seu livro *Primeiro de Abril, Narrações da Cadeia*.

Conheci Salim Miguel em setembro de 1988, apresentação de Paulo Dantas, durante a Bial Inter-nacional do Livro, no Ibirapuera, quando dele recebi o livro *A Vida Breve de Sezefredo das Neves, Poeta*, editado pela Tchê! Editora, em 1987, lido com prazer e intenção de confrontá-lo com *10 Contos Escolhidos*, de sua autoria, décimo nono livro da coleção 10, editado pela Horizonte Editora, de Brasília, em 1985, que reuniu, na época, os melhores contistas do Brasil.

É o pouco que sei da brilhante carreira do escritor laureado com o Troféu Juca Pato, embora seja um dos signatários da sua indicação.

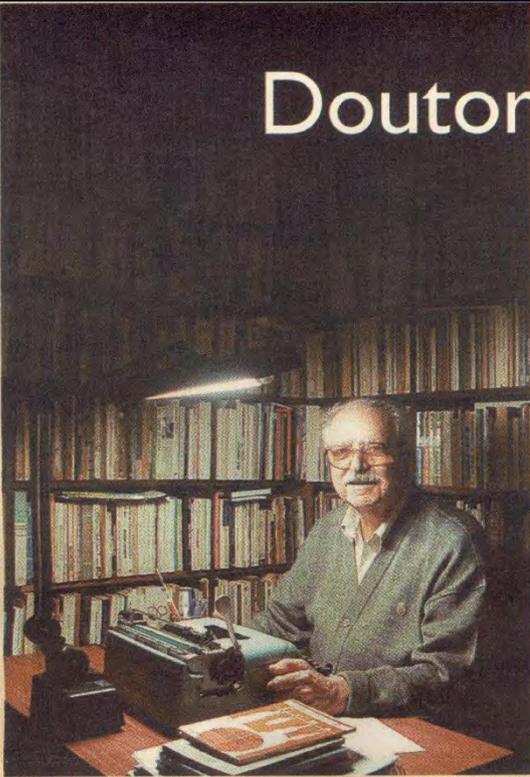
Adriano Nogueira, diretor da União Brasileira de Escritores, pertence à Academia Piracicabana de Letras.

004: DOUTOR Salim Miguel

DOUTOR Salim Miguel. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 25 jun. 2002. Casa Nova, n. 36, pag. 16.

personalidade 2002 4

Doutor Salim Miguel



A visão perfeita e nítida das casas em que passou estão guardadas na memória do escritor Salim Miguel, que pela primeira vez dá uma entrevista em que o assunto é a casa e a sua maneira de viver. Logo de início, vai avisando: "Não sei mudar uma lâmpada e não sei fazer café, por isso vocês vão ficar sem café porque a Eglê saiu".

A rotina da casa, inclusive mudar lâmpadas e outras tarefas, pertence a Eglê, companheira de 55 anos, dos quais cinco são de namoro. Mas nem por isso ele esqueceu as emoções que as suas moradas lhe deram. E tenta traduzir: "O sentimento é de que em cada uma eu deixei um pedaço de mim e carreguei dentro de mim algo da casa", diz Salim, que este mês recebeu o título Doutor Honoris Causa da UFSC. Orgulhoso, pergunta: "Você sabem quem foi o único escritor que recebeu esse título?". E responde: "José Saramago".

Também em junho ele recebeu a notícia de que tinha ganho o troféu Juca Pato de "Intelectual do Ano" pela Academia Brasileira de Letras e jornal *Folha de São Paulo*. O troféu existe há 39 anos e já o receberam Carlos Drummond de Andrade, Érico Veríssimo, Luís Fernando Veríssimo, Jorge Amado, Cora Coralina entre outros escritores.

As lembranças sobre a casa aos poucos vão sendo soltas com entusiasmo por Salim, que lembra da vendola que o pai tinha em frente a residência, em Biguaçu, e a vinda para Florianópolis para morar na casa que pertencia a família Gama d'Eça. De seu quarto ele via o bar Gato Preto o Poema Bar, onde se reunia com os amigos. A vivência naquela casa foi tão intensa que o escritor a reconstituiu, quase 50 anos depois, no livro *Nur na Escuridão*.

Recordar as moradas traz lembranças nem sempre agradáveis. Na casa do bairro Agrônômica, onde já morava com a mulher e quatro dos seis filhos, o casal foi preso. Mas aquele mesmo bairro faz rir ao contar o que ouvia das pessoas: "Naquela época todo mundo dizia que a Agrônômica ficava no fim do mundo, a minha rua nem nome tinha, eles chamavam rua projetada G, era um projeto de bairro", relata.

As várias moradas aqui e em outras cidades refletem a vida agitada de um jornalista inquieto e escritor que se vê reconhecido no Brasil, aos 78 anos. "Durante anos viajei como jornalista, passava pouco tempo em casa", diz. Hoje, seu dia-a-dia inclui caminhadas diárias pelo campus da UFSC além de passar cinco horas ouvindo música, principalmente clássica e MPB. Para ler, apenas com lâmpada especial e lupa já que uma conjuntivite alérgica o permite ler apenas durante 15 minutos ininterruptos. "Livro de ensaio é mais viável, mas romance é mais difícil, me irrita", queixa-se.

No apartamento na Carvoeira ele reúne parte de sua vasta biblioteca e no escritório sente-se num mundo apenas seu, onde conversa com os livros. "As vezes puxo um e lembro da satisfação que o livro me deu", afirma. São 12 mil títulos distribuídos entre o apartamento e a casa de praia, na Cachoeira do Bom Jesus

As várias moradas aqui e em outras cidades refletem a vida agitada de um jornalista inquieto e escritor que se vê reconhecido no Brasil, aos 78 anos

Refletido nas paredes estão obras importantes dedicadas ao casal como o desenho de Salim feito pelo amigo Carlos Sciliar e da Eglê, por Martinho de Haro. Antônio Mir, Eli Heil, Vera Sabino e Hassis são alguns artistas ilustres que enfeitam as brancas paredes do apartamento



Fotos: Hermes Bazzani

16 Casa Nova

005: Primeira mão

LIZ, Romi de. Primeira mão. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 20 maio 2002. Variedades, coluna Juliana Wosgraus, pag. 03.

Primeira mão

A Universidade Federal de Santa Catarina deverá entregar oficialmente o título de Doutor Honoris Causa ao escritor Salim Miguel em 13 de junho, durante cerimônia no Auditório da Reitoria.

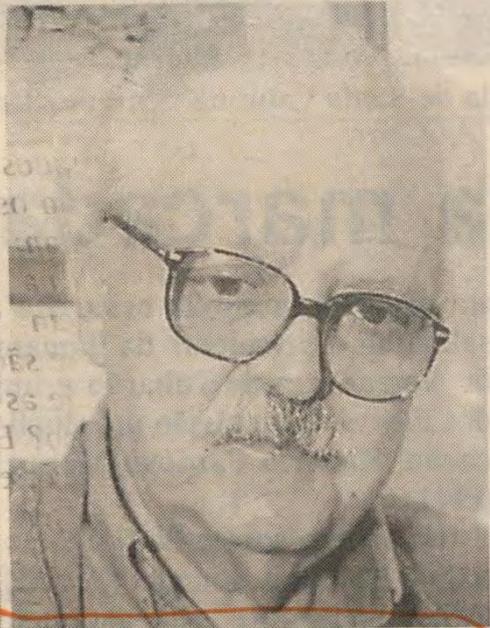
A justificativa da premiação foi elaborada pela Editora da UFSC, que Salim dirigiu por quase uma década. O parecer lavrado pelo professor Dilvo Ristoff, atual diretor do Centro de Comunicação e Expressão, recebeu aprovação do Conselho Universitário, presidido pelo reitor Rodolfo Pinto da Luz.

O título é a principal honraria que a UFSC pode conceder a uma personalidade. Salim Miguel é o primeiro escritor catarinense que tem este privilégio. O ato redime a UFSC de uma maior atenção à literatura catarinense, reclamada pelos autores locais.

006: O PERSONAGEM: Salim Miguel

O PERSONAGEM: Salim Miguel. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 06 jun. 2002. Visor, pag. 03.

O personagem



Salim Miguel

O escritor foi escolhido como vencedor do Prêmio Juca Pato, que lhe conferiu o título de Intelectual do Ano, outorgado pela União Brasileira de Escritores. É o primeiro catarinense a receber esta distinção desde a criação do prêmio, que no passado já distinguiu nomes como Érico Veríssimo e Santiago Dantas. Vale como uma homenagem não só ao veterano homem de letras como também à cultura catarinense.

007: Salim Miguel é o mais novo membro da UFSC

SANTHYANNA, Monica. Salim Miguel é o mais novo membro da UFSC. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 14 jun. 2002. Caderno Santa Catarina, pag. 18.



CAIO CEZAR/DC/FLORIANÓPOLIS

Salim Miguel é o mais novo membro da UFSC

MÔNICA SANTHYANNA

O escritor e jornalista "líbanobiguaçuense" - como o próprio se diz - Salim Miguel, de 78 anos, é o mais novo membro da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Ontem à noite, na entidade, ele recebeu o título de Doutor Honoris Causa.

Ele foi escolhido para a homenagem pelo Conselho Universitário da UFSC, que reconheceu em Miguel as qualidades não só de importante produtor cultural catarinense, mas de inigualável colaborador da universidade. Segundo o reitor Rodolfo Pinto da Luz, que preside o Conselho, Salim foi a mola propulsora da consolidação da Editora da universidade. "De 1983 ao início da década de 90, ele, com sua vasta experiência como editor, conseguiu fazer funcionar a Editora que, se existe hoje, deve parte disso a Salim."

Ao falar sobre a arte de escrever para o perfeito deleite do leitor, o homenageado afirmou que para

fazê-lo é preciso ler muito, e não só isso: "Saber reescrever é o grande segredo".

Salim se reportou a Nelson Rodrigues para finalizar a receita: "É mister saber cortar, como quem corta a própria carne, porque quando se corta um texto, a gente corta o que saiu de dentro da gente".

Sem paixão não se faz nada

Perfeccionista e apaixonado pelo ofício, já que, segundo ele, "sem paixão não se faz nada", Salim lembrou que *Nur na Escuridão*, antes de chegar às 250 páginas que o compõem hoje, chegou a ter 500. "Escrevi e reescrevi este livro cerca de cinco vezes." O campeão foi o último capítulo. "Escrevi nove vezes."

Momentos antes de receber o título, o escritor tentava buscar nas entranhas das próprias emoções a descrição mais aproximada do sentimento que o invade durante os momentos de criação. Salim afirmou que nesses instantes é "invadido por uma sensação indescritível de prazer".

SALIM: Título de Doutor Honoris Causa

008: A MAIS justa homenagem

A MAIS justa homenagem. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 14 jun., 2002. Visor, pag. 03.



A mais justa homenagem

A Universidade Federal de Santa Catarina prestou ontem justa homenagem a um homem de biografia e currículo exemplares. Salim Miguel é não apenas um escritor que orgulha Santa Catarina como também um incansável batalhador pela cultura do Estado. Ao receber o título de Doutor Honoris Causa, em solenidade acadêmica que reuniu as figuras mais representativas do mundo intelectual e da sociedade catarinense, honraria anteriormente só conferida ao português José Saramago, Prêmio Nobel de Literatura, Salim certamente terá lembrado o menino libanês que, junto com a família, num dia hoje distante chegou às terras catarinas e nelas plantou coração e raízes. Aos 78 anos de vida, 50 dos quais dedicados à literatura e à defesa das causas da cultura, ele é bem mais do que uma figura respeitada por sua obra.

Ele é também uma personalidade estimada por todos, que o têm como uma espécie de "tesouro estadual", eis que referência nacional quando se fala em Santa Catarina e nos seus signos de cultura e civilização. Lá se foram 50 anos desde o dia em que publicou seu primeiro livro, Velhice e Outros Contos, e ele continua a escrever e a publicar com a mesma disposição e entusiasmo do jovem que editava a revista Sul, um marco revolucionário na literatura até então aqui produzida. A honraria de ontem segue-se à recente conquista do Troféu Juca Pato, como Intelectual Brasileiro do Ano 2002, apontado pela unanimidade do júri que atribui este que é o mais importante galardão que um homem da cultura pode exibir no país. Os catarinenses, todos eles, associam-se ao seu escritor-patrimônio neste momento de reconhecimento merecido.

009: DESTAQUE

DESTAQUE. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 14 jun. 2002. Foto na capa com chamada para matéria.

DC
SEXTA-FEIRA,
14 DE JUNHO
DE 2002

9 771415 498027

Djavan apresenta show Milagreiro, hoje, na Capital
VARIEDADES

O TEMPO EM SANTA CATARINA
Frente fria enfraquece, mas mantém o tempo nublado em todas as regiões do Estado.
VEJA A PREVISÃO NA PÁGINA 34

Brasil doa vacinas para Argentina

PAÍS VAI REPASSAR 1,2 MILHÃO DE DOSES E FINANCIAR 10 PROJETOS DE PREVENÇÃO E COMBATE À AIDS. PÁGINA 28

TK HELENADO/FLORIANÓPOLIS



ESTILO: Jaquetas com rasgo, metais e pérolas estão em alta

Jeans volta a conquistar mais espaço no Inverno

BELLA

ULISSES JOB/OC/ARARANGUÁ



TENSÃO: Defesa Civil e bombeiros começam a retirar os moradores do bairro Barranca, localizado às margens da BR-101 /PÁGINA 24

ARARANGUÁ ESTÁ EM ALERTA POR CAUSA DA CHUVA

CAIO CÉZAR/OC/FLORIANÓPOLIS



DESTAQUE

O escritor e jornalista "ilhanobiguauense" - como o próprio se diz - Salim Miguel, de 78 anos, é o mais novo membro da Universidade Federal de Santa Catarina. Ontem à noite Salim recebeu o título de Doutor Honoris Causa por suas qualidades como produtor cultural catarinense e colaborador da universidade. PÁGINA 18

Vigilância sacrifica 21 animais em Dionísio Cerqueira
PÁGINA 14

Cúpula da fome em Roma acaba em fracasso
PÁGINA 30

Edital da obra da BR-101 Sul deve ser antecipado
PAULO ALCEU, NA PÁGINA 8

010: Esquecidos pela lei

ESQUECIDOS pela lei. **Diário Catarinense**, n. 854. Florianópolis. 28 jul. 2002. Foto na capa com chamada para matéria, Revista DC.

DIÁRIO CATARINENSE DOMINGO, 28 DE JULHO DE 2002 - Nº 854

revista DC

BANDA ELECTRIC CIRCUS GANHA CHÃO COM SEU SOM NAS NOTTES DE SC

PÁGINA 6

ARY TOLEDO DIZ QUE O HUMOR É UMA COISA MUITO SÉRIA

CLAUDIO SILVA/DC/FLORIANÓPOLIS PÁGINA 7

Esquecidos pela lei

A profissão de escritor não é regulamentada e o assunto divide as opiniões dos autores, como Salim Miguel, que acredita que se isso acontecer pouca coisa irá mudar

PÁGINAS 4 E 5

Vendas: Florianópolis:
R. Cons. Maira, 399 - F. (48) 322-1883
Stop Shop Brusque:
loja 48 Sup. F. (47) 255-7148
Home Page: www.titita.com.br
e-mail: titita@titita.com.br

PK POKAONDA
"A onda da moda jovem"

TITITA
"A moda da Garçada Esperta"
Tenha algum sentido pra você!

BANCO DE DADOS/DC

011: Bem longe da proteção da lei

GIORDANO, Rafaela. Bem longe da proteção da lei. **Diário Catarinense**, n. 854, Florianópolis, 28 jul. 2002, Revista DC, pag. 04 e 05.

Em 25 de julho comemorou-se o Dia do Escritor, uma atividade não regulamentada, o que impede que os profissionais tenham benefícios como a aposentadoria e os obriga a ter outra ocupação, pois viver somente de direitos autorais no Brasil é impossível

Bem longe da proteção da lei

RAFAELA GIORDANO

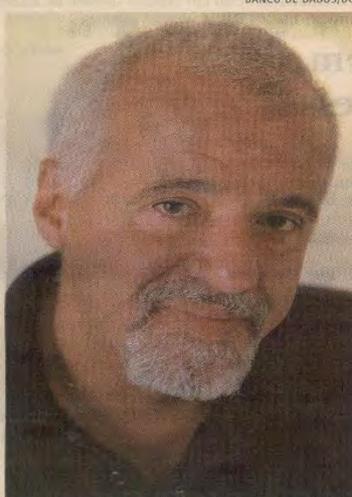
No último dia 25 comemorou-se o Dia do Escritor. A profissão está presente no calendário de datas comemorativas, é responsável por inúmeras obras de arte guardadas em bibliotecas, mas perante a lei, ela ainda não existe. Ser escritor significa trabalhar duro e pagar impostos como qualquer outro cidadão. Aposentar-se, porém, como escritor ainda não é possível, pelo menos no Brasil, pois a atividade não é reconhecida pela legislação. Mesmo quem dedicar todas as horas de seus dias à escrita, precisa ter outra ocupação para existir perante a Previdência.

Para o jornalista e escritor Mário Prata, a regulamentação da profissão de escritor trata-se de uma questão de respeito. Autor de vários artigos sobre o assunto, ele inclusive mandou um recado para o presidente Fernando Henrique Cardoso por meio de um deles. "Se existe lei para outras profissões como dentista, médico e engenheiro, por que não para escritor?" Ao mesmo tempo em que defende o reconhecimento, o jornalista acredita que não será uma lei que tornará um indivíduo em escritor, pois o fato de publicar um livro, nem sempre significa que determinada pessoa seja mesmo um escritor. "No final, é o público quem julga quem pode ser chamado de escritor ou não. A publicação de um livro não basta."

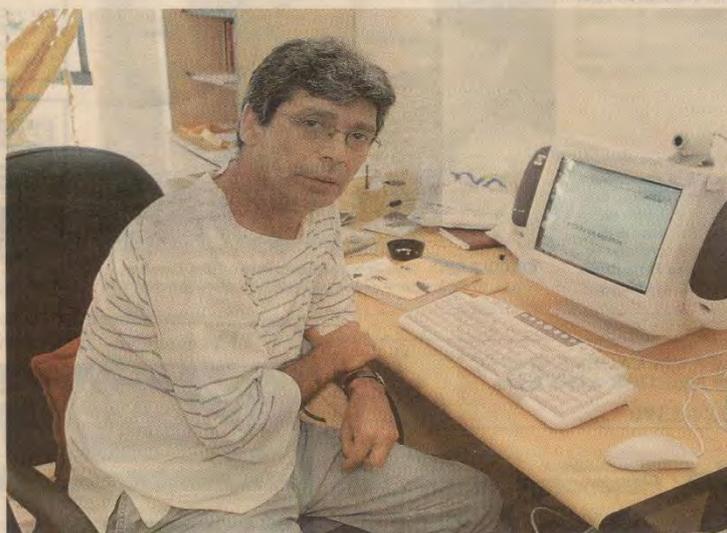
Prata conta que quando fala sobre aposentadoria, algumas pessoas chegam até a classificar os escritores como mercenários. "O mesmo ocorre com os padres", compara. "Infelizmente muita gente ainda tem uma idéia meio romântica da profissão, de que não se trabalha, de que só se escreve quando se tem vontade ou está inspirado. Na verdade, sabemos que não é assim", afirma Prata.

Como muitas pessoas dedicam-se à escrita atualmente, Prata acredita que uma das soluções seria criar "quase que uma tabela de preços, como existe em outras atividades". Prata lembra do constrangimento surgido muitas vezes quando se vai fazer uma palestra. "Dentistas, por exemplo, têm sindicato e sabem quanto custa para participar de determinadas atividades. Quando é escritor, paga-se um valor simbólico e ainda assim parece que é demais", argumenta.

Na opinião do presidente da Academia Catarinense de Letras, Pascoal Apóstolo Pítsica, o fato de a profissão não existir significa um atraso, um prejuízo muito grande. "Infelizmente ninguém consegue viver somente dos direitos autorais, sempre precisa desenvolver uma outra atividade." O próprio presidente conta ter atuado durante 40 anos como advogado. Durante esse período sempre se dedicou à literatura jurídica. Mais tarde, ao se aposentar, ele decidiu se en-



PAULO COELHO: Livros por todo o planeta



PRATA: Para o jornalista, reconhecimento da profissão trata-se de uma questão de respeito

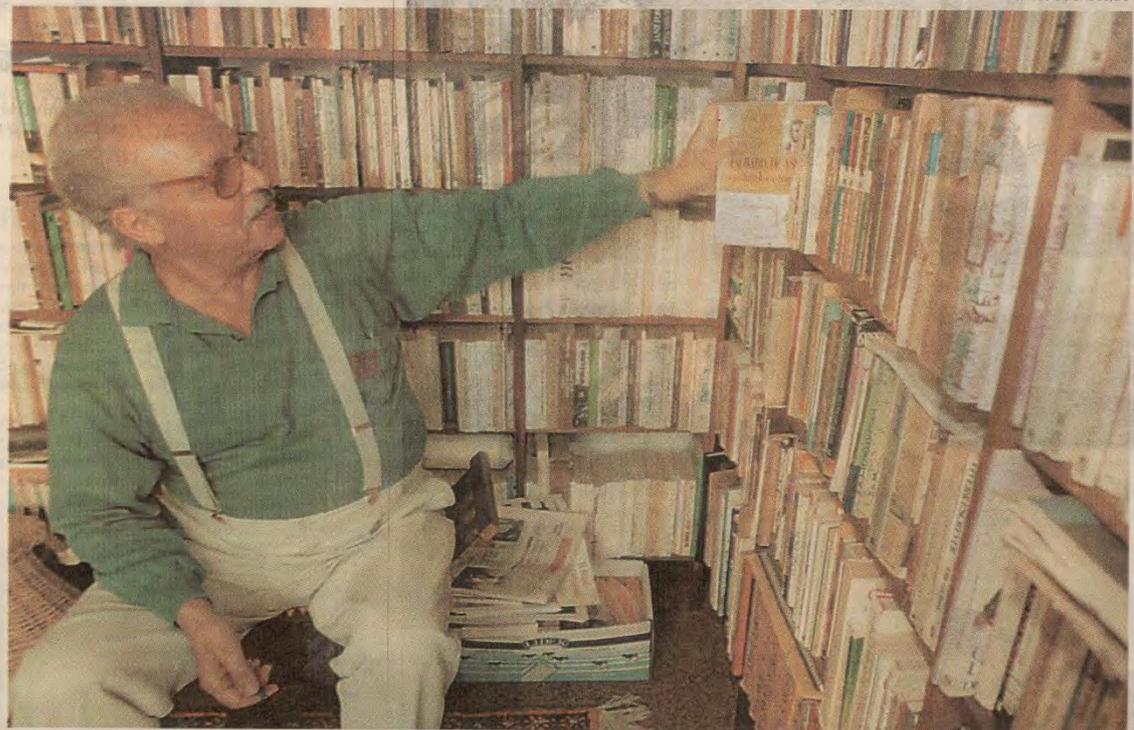
volver no universo da literatura em si e atualmente diz ser apenas escritor, mas claro que essa dedicação só foi possível depois dos 40 anos de advocacia. "O mesmo acontece com a maioria dos outros escritores, que são normalmente jornalistas, professores ou advogados."

Salim Miguel, o autor catarinense com o maior número de livros publicados, concorda com Pítsica quando o assunto são os direitos autorais. "Para começar, no Brasil é difícil levantar nomes de 10 autores que vivam apenas como escritores. Não existe. Todos têm outra profissão." E, geralmente, é com essa outra atividade, que os escritores conseguem se manter.

Salim acredita ser desnecessário a criação oficial da profissão, pois, em sua opinião, as mudanças não seriam tão grandes. Mesmo que o profissional consiga uma vendagem razoável de seus livros, o valor obtido não chega a ser suficiente para viver. "Um autor ganha em média 10% do valor da capa para cada livro efetivamente vendido."

Além disso, Salim, que se aposentou como jornalista profissional, ressalta que a criação de uma lei não vai criar bons escritores. "Mais importante é incentivar a leitura e investir em bibliotecas atrativas para que as crianças criem o hábito da leitura. Isso sim, poderá incentivar o surgimento da vocação de bons escritores."

DANIEL CONZI/DC/FLORIANÓPOLIS



Exemplo de quem viveu de suas obras

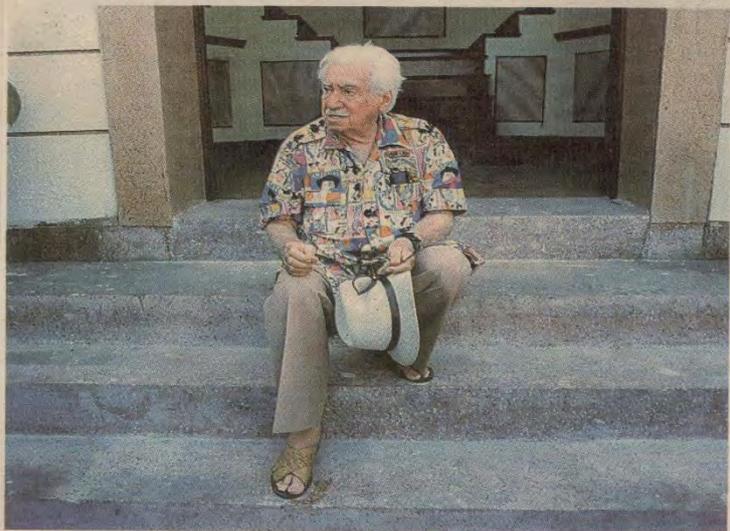
BANCO DE DADOS/DC

Jorge Amado é um dos poucos escritores brasileiros lembrados como tal, no sentido de ter vivido com recursos obtidos com suas obras. "Ele é um dos casos raros de escritor que conseguiu um bom rendimento com direitos autorais, mas mesmo ele teve outras atividades ao longo da carreira e a ajuda dos pais no início", lembra o presidente da Academia Catarinense de Letras, Pascoal Apóstolo Pítsica. O escritor baiano, autor de *Capitães de Areia*, começou a escrever cedo. Nasceu em 1912, aos 10 anos criou o jornalzinho *A Luneta*. Era só o início de uma carreira como repórter, que teve seqüência quando conseguiu seu primeiro emprego no *Diário da Bahia*.

Com o tempo, a veia de escritor foi tornando-se mais forte que a de jornalista. A primeira novela publicada foi *Lenita*, escrita em parceria com Dias da Costa e Edison Carneiro. O primeiro romance, *O País do Carnaval*, foi lançado em 1931. Depois dele, Jorge Amado escreveria uma obra atrás de outra, quando a profissão de escritor era ainda conciliada com a de jornalista. Apenas quando, por razões políticas, Amado teve de fugir do país para não ser preso, dedicou-se inteiramente à literatura. Considerados subversivos, seus livros chegaram a ser queimados em praça pública.

Na mesma época em que as perseguições diminuíram, dois de seus livros foram lançados em inglês e francês e ele voltou às redações. Além de jornalista, Jorge Amado também foi secretário do Instituto Cultural Brasil e deputado federal. Entre suas obras-primas estão *Capitães de Areia*, *Gabriela, Cravo e Canela*, *Dona Flor e Seus Dois Maridos* e *Tenda dos Milagres*. Jorge Amado morreu em 6 de agosto do ano passado.

Sem entrar na questão da qualidade dos escritos, mas sim no retorno obtido por meio



APOIO: Mesmo Jorge Amado teve outras atividades e ajuda dos pais no início da carreira

deles, é impossível não lembrar do mago Paulo Coelho. Depois de ter sido letrista - da parceria com Raul Seixas foram criadas *Gita*, *Eu Nasci Há Dez Mil Anos Atrás*, entre outras -, viajar pelo mundo e ter experiências em sociedades secretas, Paulo Coelho resolveu transformar suas observações em livro. Deu certo.

O autor é um dos mais vendidos, e não só dentro do Brasil. *O Alquimista*, por exemplo, já foi vendido em mais de 20 países. Vivendo como escritor, Coelho é o mais novo imortal

da Academia Brasileira de Letras. A mesma academia fundada por Machado de Assis. Autor de obras inigualáveis, como *Dom Casmurro* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, Machado de Assis é considerado o maior escritor brasileiro de todos os tempos.

Do gosto pela leitura nasceu a vontade de escrever. Em consequência disso, não levou muito tempo para começar a colaborar em jornais e revistas. Assis ficou conhecido por suas obras, mas ganhou a vida como funcionário de repartição pública.

Longo caminho a percorrer

A maior parte das ocupações existentes no Brasil estão presentes no livro *Classificação Brasileira de Ocupações (CBO)*, o documento normalizador do reconhecimento, nomeação e codificação das profissões.

Ali estão ocupações inusitadas como demonstrador, capitalista e vereador, cada uma com suas definições, atribuições e condições exigidas para seu desempenho. Algumas, como modelo de modas, aparecem incluídas dentro de ocupações mais tradicionais, como a de artista.

Escritor está presente na listagem, como quem escreve contos, romances e outras obras literárias. "A profissão sem dúvida existe, mas não é regulamentada por lei", explica a chefe da seção de empregos e salários da Delegacia Regional do Trabalho, Eliete Alano de Oliveira.

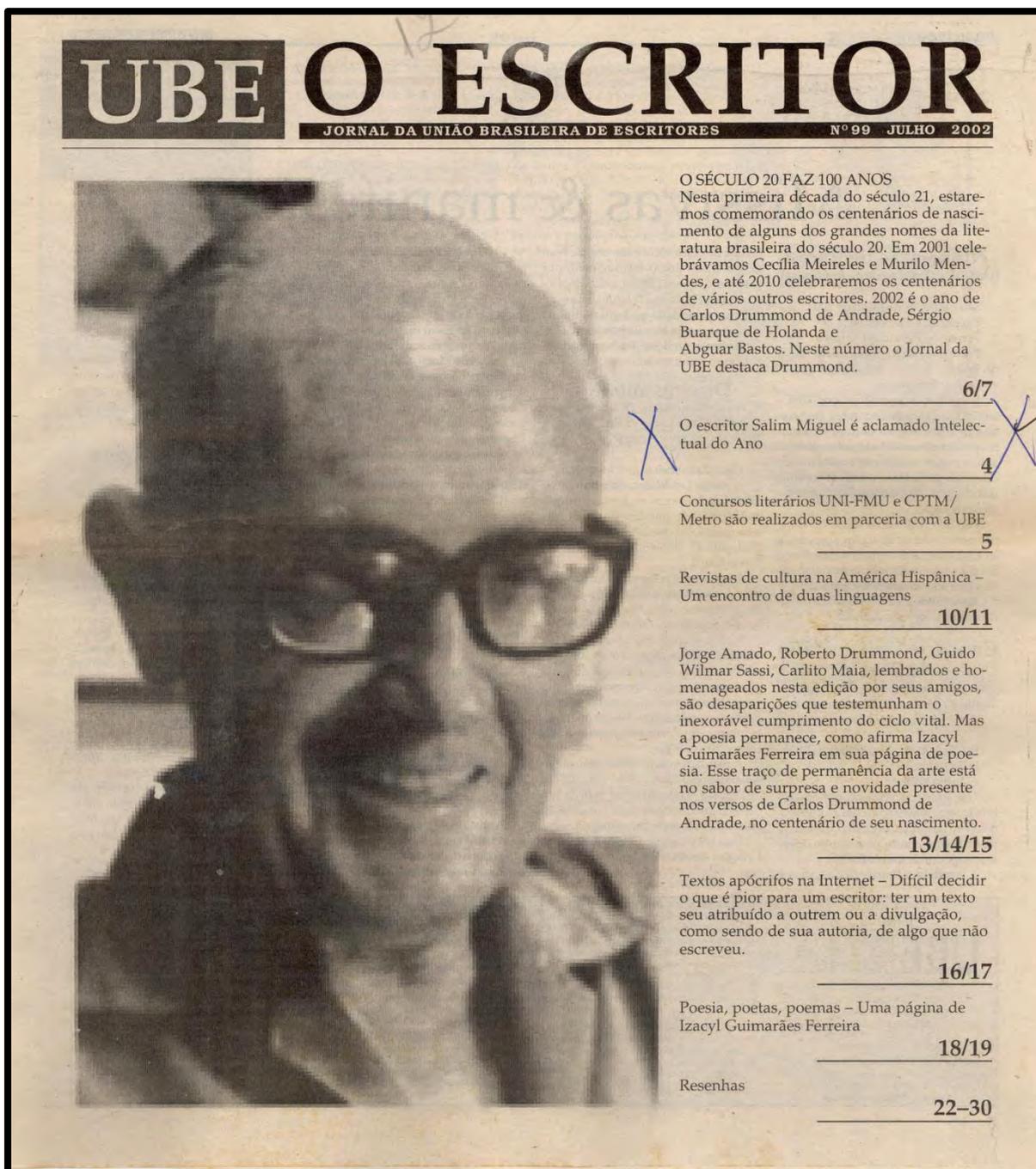
O caminho é longo para a criação da lei para o reconhecimento da profissão de escri-

tor. Em um primeiro momento, é necessário que algum deputado demonstre interesse em elaborar um projeto de lei. O passo seguinte é ler em plenário essas informações enumeradas pelo deputado. Depois de lido, o documento precisa ser votado pela respectiva comissão. Se aprovado nessa etapa, o projeto é levado ao plenário e é novamente votado. Se tudo correr bem até aí, falta pouco, mas o essencial, para ser criada a lei: o voto do executivo.

Criada a lei, basta ao Ministério do Trabalho seguir o que ficou definido. Quando as profissões dispõem de conselhos, como a Ordem dos Advogados do Brasil ou o Conselho Regional de Medicina, fica a cargo das delegacias do trabalho apenas a fiscalização. Há casos, porém, nos quais a delegacia é responsável pelo fornecimento de registro profissional, como no caso de jornalistas, artistas e radialistas.

012: O escritor Salim Miguel é aclamado intelectual do ano

O ESCRITOR Salim Miguel é aclamado intelectual do ano. **O Escritor: Jornal da União Brasileira de Escritores.** São Paulo, jul. 2002. Chamada na capa para a matéria, n. 99.



UBE O ESCRITOR
JORNAL DA UNIÃO BRASILEIRA DE ESCRITORES Nº 99 JULHO 2002

O SÉCULO 20 FAZ 100 ANOS
Nesta primeira década do século 21, estaremos comemorando os centenários de nascimento de alguns dos grandes nomes da literatura brasileira do século 20. Em 2001 celebrávamos Cecília Meireles e Murilo Mendes, e até 2010 celebraremos os centenários de vários outros escritores. 2002 é o ano de Carlos Drummond de Andrade, Sérgio Buarque de Holanda e Abguar Bastos. Neste número o Jornal da UBE destaca Drummond.

O escritor Salim Miguel é aclamado Intelectual do Ano

Concursos literários UNI-FMU e CPTM/Metro são realizados em parceria com a UBE

Revistas de cultura na América Hispânica – Um encontro de duas linguagens

Jorge Amado, Roberto Drummond, Guido Wilmar Sassi, Carlito Maia, lembrados e homenageados nesta edição por seus amigos, são desaparecimentos que testemunham o inexorável cumprimento do ciclo vital. Mas a poesia permanece, como afirma Izacyl Guimarães Ferreira em sua página de poesia. Esse traço de permanência da arte está no sabor de surpresa e novidade presente nos versos de Carlos Drummond de Andrade, no centenário de seu nascimento.

Textos apócrifos na Internet – Difícil decidir o que é pior para um escritor: ter um texto seu atribuído a outrem ou a divulgação, como sendo de sua autoria, de algo que não escreveu.

Poesia, poetas, poemas – Uma página de Izacyl Guimarães Ferreira

Resenhas

6/7
4
5
10/11
13/14/15
16/17
18/19
22-30

013: Salim Miguel - Intelectual do ano de 2001

SALIM Miguel - Intelectual do ano de 2001. O Escritor: **Jornal da União Brasileira de Escritores**. São Paulo, jul. 2002. Juca Pato, pag. 04.

Salim Miguel – Intelectual do Ano de 2001

Da Redação

Candidato único ao Troféu Juca Pato, por ter merecido o apoio geral, sem concorrentes para disputa, Salim Miguel foi proclamado, em reunião de Diretoria da União Brasileira de Escritores, no dia 3 de junho de 2002, segunda-feira, Intelectual do Ano de 2001.

Salim Miguel, que no ano passado foi homenageado, em Florianópolis, pelos seus 50 anos de atividade de escritor, sempre incorporou aos seus escritos uma visão nacionalista da Literatura e um sentimento de soberania nacional em suas apreciações críticas.



Publicou, em 2001, *Eu e as corruínas* (Editora Insular, insular@insular.com.br, Florianópolis/SC, 2001), coletânea de crônicas e comentários críticos que abordam vários temas da atualidade, vindo a coroar a obra de um grande incentivador das artes e da literatura no Estado de Santa Catarina e no restante do país.

O homenageado publicou perto de 30 livros destacando-se, particularmente, como um dos maiores contistas do século que passou.

Autor comprometido com a linha do pensamento brasileiro, bate-se pela persistência da luta e defesa de nossos valores e da justiça social.

Esta é a 39ª versão do Concurso Intelectual do Ano - Troféu Juca Pato - promovido pela União Brasileira de Escritores, com o patrocínio, desde sua criação, em 1963, da *Folha de S. Paulo*.

A entrega do troféu ocorrerá no dia 30 de agosto (sexta-feira), às 19:00hs, na Biblioteca Municipal Mário de Andrade, rua da Consolação 92 - São Paulo - SP. III

Notícia biobibliográfica de Salim Miguel

Salim Miguel nasceu no Líbano, em 1924, e chegou ao Brasil em 1927. Considera-se, por isso, um libano-biguacuense, pois passou a infância e adolescência em Biguaçu, município da Grande Florianópolis.

É jornalista, escritor e roteirista de cinema. Dirigiu durante oito anos (1983-1981) a Editora da Universidade Federal de Santa Catarina e, por quatro anos (1993-1996), a Superintendência da Fundação Franklin Cascaes, órgão de Cultura da Prefeitura Municipal de Florianópolis. Fez parte do Grupo Sul (1947-1957), movimento que buscou novos caminhos para a vida cultural de Santa Catarina. Foi um dos editores da revista *Ficção* (Rio de Janeiro, 1976-1979), que incentivou e revelou numerosos talentos da ficção nacional. Preso em 1964, por ocasião do golpe militar, teve que se transferir para o Rio de Janeiro, onde foi copy-desk, repórter e chefe de redação nas Empresas Bloch (1965-1978). Colaborou por quase dez anos no caderno *Idéias*, do *Jornal do Brasil*, escrevendo sobre literaturas brasileira e hispano-americana. Redigiu verbetes sobre escritores brasileiros para a Enciclopédia Delta-Larousse. Em cinema, escreveu, com sua mulher Eglê Malheiros, o argumento e roteiro de *O preço da ilusão*, primeiro longa-metragem realizado em Santa Catarina; no Rio, com Eglê Malheiros e Marcos Farias, fez adaptação e roteiro de *A Cartomante*, conto de Machado de Assis, e *Fogo morto*, romance de José Lins do Rego.

Salim Miguel tem vinte livros publicados, nos gêneros romance, conto, crítica e depoimento. O primeiro publicado há 51 anos (1951). Organizou algumas antologias e participou de vários. Por *Nur na escuridão* (Topbooks, Rio de Janeiro, 1999), recebeu o prêmio de melhor romance do ano pela APCA - Associação Paulista de Críticos de Arte e o Prêmio Zafary-Bourbon, dividido com *Meu querido canibal*, de Antônio Torres, entregue durante a 9ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo, RS, 2001. No transcurso de 50 anos de publicação de seu primeiro livro, *Velhice e outros contos* (Editora Sul, Florianópolis, 1951), foi homenageado pela Câmara Municipal de Florianópolis e, pela Assembleia Legislativa de Santa Catarina, recebeu a comenda "Anita Garibaldi" do Governo do Estado de Santa Catarina. No dia 13 de junho do corrente ano, recebeu o título de Doutor *Honoris Causa* da Universidade Federal de Santa Catarina. Em 2001 publicou *Eu e as corruínas* (Editora Insular) e, neste 2002, acaba de lançar *Memória de Editor* (Escritório do Livro/IOESC), em parceria com Eglê Malheiros. III



014: Salim Miguel ganha um lugar entre os grandes

BIANCHINI, Fábio. Salim Miguel ganha um lugar entre os grandes. *Diário Catarinense*. Florianópolis, 29 ago. 2002. Variedades, pag. 01.

LITERATURA Escritor catarinense recebe amanhã, em São Paulo, o Troféu Juca Pato

Salim Miguel ganha um lugar entre os grandes

FÁBIO BIANCHINI

O escritor catarinense Salim Miguel recebe amanhã, às 19h, no auditório da Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo, o Troféu Juca Pato, concedido pela União Brasileira de Escritores e o jornal *Folha de S. Paulo* para premiar o Intelectual do Ano.

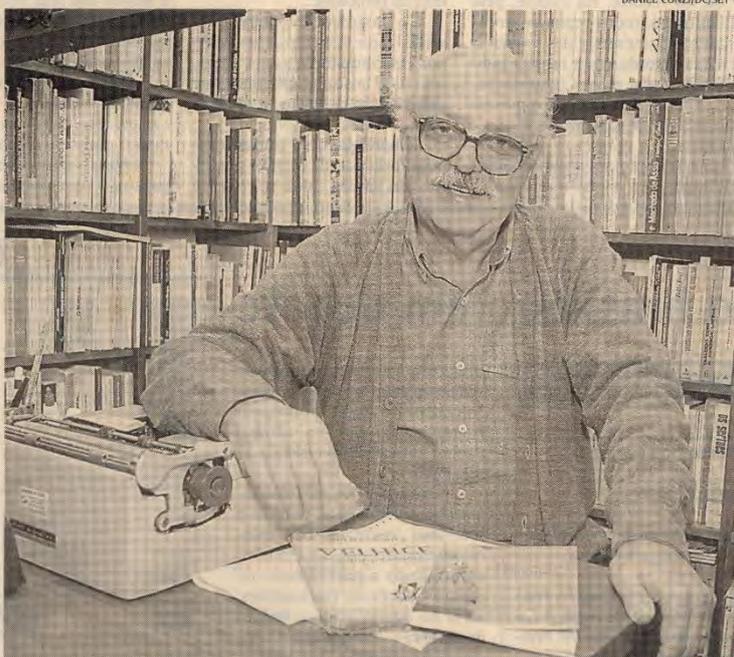
O único catarinense que já conquistou o prêmio antes foi o bispo Dom Paulo Evaristo Arns.

Entre outros nomes que já ganharam o troféu encontram-se também Erico Veríssimo, Luis Fernando Veríssimo, Carlos Drummond de Andrade, Jorge Amado, Oscar Niemeyer, José Mindlin, Frei Betto, Câmara Cascudo, Sábato Magaldi, Cora Coralina e Fábio Lucas. Salim é o 39º nome a integrar na seleta lista. O troféu será entregue ao catarinense pelo ganhador anterior, o escritor e sociólogo Octávio Ianni.

Salim adianta que seu discurso quando receber o prêmio não se limitará a falar das dificuldades de uma família de imigrantes e de como essa família tornou-se uma família brasileira. "Como escritor e cidadão do mundo, preciso falar também de como o mundo está hoje", diz. Ele conta que em 1945, após o final da Segunda Guerra Mundial, pensava que as pessoas haviam aprendido a lição e viveriam em paz, mas não é o que ele observa hoje. "Vou dizer que, se sou um realista e um cético, não sou um desesperançado. Não creio que vá ter tempo de vida suficiente para ver o novo mundo com que sonho, em que os homens viverão em paz, sem desigualdade social. Mas espero que meus filhos e netos poderão conhecer esse mundo", acredita.

Premiação representa uma massagem no ego

Para o escritor, a premiação, conquistada no mesmo ano em que recebeu da Universidade Federal de Santa Catarina o título de Doutor Honoris Causa, representa uma "massagem no ego", um estímulo para continuar e um meio de chamar a atenção do público para sua obra. "Quando as pessoas vêem que recebi o troféu e me juntei a nomes consagrados, vão perguntar-se por que eu e não outros, então vão procurar meus livros. Ao mesmo tempo, se eu mereci essa distinção, é porque fiz algo,



RECONHECIMENTO: Salim Miguel será o 39º escritor a receber a distinção de Intelectual do Ano

então devo continuar sempre fazendo mais e melhor para continuar merecendo", completa.

Livraria saqueada após o golpe militar de 1964

Salim Miguel nasceu no Líbano em 1924, mas veio para o Brasil aos três anos de idade e estabeleceu-se em Biguaçu, na Grande Florianópolis, onde criou a nacionalidade que atribuiu a si mesmo até hoje: libano-biguaçuense. Após mudar-se para a Capital, foi, entre 1946 e 1957, um dos líderes do Grupo Sul, que trouxe para o Estado a movimentação artística do modernismo brasileiro, principalmente na literatura. Nessa época, escreveu o roteiro do primeiro longa-metragem catarinense, *O Preço da Ilusão*, em parceria com a esposa, a também escritora Eglê Malheiros.

Depois do fim da revista *Sul*, manteve-se ativo e ligado às letras até 1964, quando eclodiu o golpe militar. Foi preso, sua antiga livraria foi saqueada e teve várias obras destruídas. Mesmo depois de sair da cadeia, o escritor sentiu que não tinha mais clima para permanecer em Florianópolis e mudou-se para o Rio de Janeiro, onde ficou até 1979 e criou a revista *Ficção*.

Quando voltou a Santa Catarina, passou a dirigir a Editora da UFSC e depois a Fundação Franklin Cascaes. Paralelamente, prosseguiu sua produção literária, cujo ponto culminante até agora é o romance *Nur - Na Escuridão*, lançado no ano passado. Sua obra mais recente é *Memória de Editor*, escrito com Eglê, onde contam suas experiências no mercado de livros e revistas.

015: Uma justa homenagem

UMA justa homenagem. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 30 ago. 2002. Visor- Opinião DC, pag. 03.

Uma justa homenagem

O escritor Salim Miguel dispensa referências. Desde o seu primeiro livro, *Velhice e Outros Contos*, lançado em 1951, não parou de produzir, e construiu uma obra ficcional farta que logo obteve reconhecimento nacional e lhe garantiu lugar entre os melhores escritores brasileiros contemporâneos. Fazanha rara para escritores que trabalham e publicam fora do eixo Rio-São Paulo. Enraizado na terra catarinense, que o acolheu, menino ainda, Salim foi também um incansável animador cultural. Nele, vida e obra se integram para formar uma rara lição de coerência e fidelidade à liberdade de pensamento e aos valores humanos. E por isso foi perseguido e punido pelo regime militar. Diante de tudo isso, o fato de receber hoje, em São Paulo, o Troféu Juca Pato, como intelectual do ano escolhido pela União Brasileira de Escritores, só surpreende porque isso já deveria ter sido feito há mais tempo. Trata-se de uma justa homenagem, que não só reconhece o homem e o escritor Salim Miguel, como também torna visível para o país que Santa Catarina, entre o muito que produz com qualidade, também produz inteligência e literatura.

016: Mas ficar parado era impossível

BIANCHINI, Fábio. Mas ficar parado era impossível. *Diário Catarinense*. Florianópolis, 13 jun. 2002. Pagina Quatro, pag. 04.

"Mas ficar parado era impossível"

No dia em que recebe o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal de Santa Catarina, o escritor Salim Miguel fala sobre o seu inconformismo hoje e nos tempos do Grupo Sul

FÁBIO BIANCHINI

O escritor Salim Miguel recebe hoje, às 19h30min, o título de Doutor Honoris Causa da Universidade Federal de Santa Catarina. É o primeiro autor catarinense a receber tal condecoração, já concedida, em 1999, ao português José Saramago, Prêmio Nobel da Literatura. Aos 78 anos, mais de 50 anos após liderar o Grupo Sul, que trouxe o modernismo a Santa Catarina, Salim Miguel continua ativo. Na semana passada, lançou, em parceria com sua esposa, a escritora Eglê de Malheiros, seu 21º livro, *Memória de Editor*, em que conta um pouco de sua experiência lançando livros, dele mesmo e de outros autores. Também gosta de narrar histórias pessoalmente, como fez para a reportagem do *Diário Catarinense*, em seu apartamento na Carvoeira.

Diário Catarinense - O que representa para o senhor receber esse título da Universidade?

Salim Miguel - Eu diria, em primeiro lugar, que para receber uma homenagem dessas, ainda mais na minha idade, devo ter feito algo para merecer, afinal, por que e não outro autor? Talvez por eu ser um dos mais idosos e ter bastante visibilidade, dentro e fora do Estado, já que eu tenho 20 livros lançados. Mas existem vários outros escritores tão ou mais merecedores disso do que eu, com quem compartilho essa homenagem. De qualquer forma, esse título retoma o interesse pela minha obra, faz com que mais pessoas voltem a procurar meus livros e, assim, fico na obrigação de continuar produzindo, com o máximo possível de qualidade. Eu acompanho a UFSC desde sua gestação. Sabia das vezes em que o Henrique Fontes ia a Brasília e subia não sei quantos degraus, já que o prédio não tinha elevador, para conversar com o ministro da Educação. Depois acompanhei toda a trajetória, a luta para que continue pública, gratuita e de qualidade, o que é importantíssimo. Trabalhei lá nos 10 últimos anos antes de me aposentar, primeiro na assessoria de imprensa e depois na editora de lá, onde ajudei a montar uma rede de ligação entre as editoras universitárias.

DC - Quem são os outros autores com quem o senhor divide o título?

Miguel - Há vários nomes, mas não vou citar nenhum. É perigoso, pois às vezes a memória falha e certamente eu acabaria esquecendo alguém. Mas há muita gente talentosa que está dando o seu recado, apesar de nem sempre eles serem tão lidos quanto merecem. Publicar por aqui é uma luta muito difícil. Até hoje vários escritores novos continuam bancando as primeiras edições de seus livros. Digo sem medo de errar que a totalidade dos autores catarinenses trabalham com outras profissões, ninguém vive de direitos autorais. Continuam até hoje dizendo que sou jornalista, já que foram quase 40 anos na imprensa daqui e do Rio de Janeiro.

DC - O que falta?

Miguel - Falta mais apoio, mais incen-



CONTADOR DE HISTÓRIAS: Salim Miguel compartilha homenagem com seus colegas

tivos, mais leitores. E é muito difícil furar o eixo de Rio, São Paulo e Porto Alegre, que é onde estão a maioria das principais editoras nacionais. Também acontece do autor mandar o livro e a editora responder que o texto é bom, mas não dá para publicar porque ele não é conhecido. Como pode ficar conhecido sem ser publicado, sem ser analisado pela crítica?

DC - E as suas atividades como leitor?

Miguel - Sou leitor compulsivo. Comecei a ler logo que fui alfabetizado e nunca mais parei. Eu lia absolutamente tudo que aparecesse, embora sempre tenha preferido a criação literária. Quando não tinha o que ler, relia jornais velhos, até os anúncios. Naquela época, todos os laboratórios costumavam publicar almanaques.

Ali, além de vender o peixe de seus remédios, eles publicavam contos, horóscopo, enfim, de tudo. Foi em um desses almanaques que li pela primeira vez Eça de Queiroz, um de meus autores preferidos. Depois, conheci um livreiro cego que trazia vários

livros e nós costumávamos ler para ele. Assim, li *As Dores do Mundo*, de Schopenhauer aos 10, 12 anos de idade. Nem eu nem o livreiro entendemos muita coisa, mas que li, eu li. O primeiro em espanhol que eu li foi assim. Chamava-se *Dom Segundo Sombra*, lançado em 1926 pelo argentino Ricardo Güiraldes. Havia também os folhetins, equivalentes das telenovelas de hoje, com a diferença de que eram impressos, não televisionados e semanais, não diários. Quem escreve tem que ler para aprender, embora também seja preciso muito mais para aprender a escrever. Mi-

nha escrita preferida é ficção, mas leio bastante sociologia, filosofia, ensaios, críticas, o que eu posso. E gosto bastante de poesia.

DC - Quais seus escritores preferidos?

Miguel - Na prosa brasileira, cito Machado de Assis, até hoje o mais importante, no meu modo de ver, e Graciliano Ramos. Na poesia, Cruz e Sousa e Carlos Drummond de Andrade. Mas são apenas dois exemplos. No Brasil, existem vários autores que qualquer um que queira escrever ou goste de ler teria obrigatoriamente que conhecer, assim como em Santa Catarina. Mas esses, repito, não vou citar. Na literatura mundial, são tantos os nomes que não dá nem para começar a mencionar, mas se eu fosse obrigado a apontar um livro, seria *Dom Quixote*, de Cervantes.

DC - Existem hoje condições para acontecer algo semelhante ao que o Grupo Sul foi e representou para as artes em Santa Catarina?

Miguel - Acho difícil. A situação daqui mudou tanto... No final dos anos 40 e início dos 50, Florianópolis era um lugar excelente para se viver, acho que até melhor que hoje, mas culturalmente parada, nada acontecia. A Semana da Arte Moderna de 1922 ainda não era aceita, enquanto, em outros lugares, ela já estava sendo revista. O único curso superior que existia era a Faculdade de Direito. E vivíamos um clima de pós-guerra, quando acreditávamos que, depois daquilo, não haveria mais guerra, mais fome, mais tanta diferença entre ricos e pobres. A juventude tinha uma inquietude muito grande. Juntaram-se autores vindos de várias partes de Santa Catarina que

não estavam satisfeitos com o que encontraram aqui. O último movimento artístico revolucionário que houve antes era o Idéias Novas, do Cruz e Sousa, no fim do século XIX. Então fizemos a revista, montamos a editora, envolvemos-nos com artes plásticas e, bem menos, com música. Promovíamos ciclos de palestras, criamos um clube de cinema e, quando o movimento estava terminando, fizemos o primeiro filme de longa-metragem rodado em Santa Catarina. Na época, eram cerca de 40 revistas em todos os estados. Em São Paulo havia duas, em Porto Alegre três. A *Sul* era a única em Florianópolis e diferenciava-se por não ser apenas literária, abranger várias formas de manifestação artística e porque foi uma das que durou mais tempo, até o número 57.

DC - O que determinou o fim da *Sul*?

Miguel - O último editorial fala disso. Dizia que as páginas da revista começavam a cheirar a mofo e não faria sentido prosseguir dessa forma. Observávamos que já não éramos mais a novidade, já começávamos a ser o estabelecido e conclamávamos uma nova geração a erguer-se, contestar-nos e atacar-nos, da mesma maneira que havíamos atacado quem viera antes. Mas, infelizmente, isso não aconteceu.

DC - A juventude de hoje já não apresenta o mesmo inconformismo?

Miguel - Quando a gente envelhece, é inevitável já não acompanhar tão de perto o que acontece e o que tem sido feito. Mas isso é algo que me interessa bastante e eu tenho a oportunidade de conversar muito com alunos de universidades e colégios, coisa de que gosto muito. A inquietude continua, mas as pessoas são diferentes, que é como deve ser. O principal ainda é o combate às desigualdades e aos problemas sociais do nosso país, que continuam enormes. Dados recentes apontam que há mais de 52 milhões de brasileiros vivendo abaixo da linha da pobreza, com menos de meio salário mínimo. O Brasil era o honra país do mundo em número de desempregados, agora já está em segundo. Não há como ficar conformado com isso. É claro que existe gente acomodada, do mesmo modo que na minha época. Muita gente me dizia

que não adiantava nada querer mudar as coisas, que eu devia mais era cuidar da minha vida e deixar que os outros se virassem. Mas ficar parado era impossível.

DC - E a tecnologia muda a relação com o leitor?

Miguel - Muita gente fica no computador, eu não consigo. Ler na tela, então, não dá. Mas é uma ferramenta formidável que facilita imensamente a publicação. Por quantas mãos passava um livro até que ele chegasse do autor ao leitor? Hoje é muito mais rápido e simples, 10 dias depois de escrito o livro já está pronto. A qualidade do acabamento do produto livro é bem superior, o que sempre é atraente para quem gosta de ler. Dá gosto pegar um livro bem produzido, com capa bonita. Claro que é preciso escolher a leitura, já que também é mais fácil um livro ter um que uma embalagem atraente.

Quem escreve tem que ler para poder aprender

A inquietude continua, mas as pessoas são diferentes

017: Salim Miguel conquista Prêmio Juca Pato

SALIM Miguel conquista Prêmio Juca Pato. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 05 jun. 2002. Variedades. Capa com foto chamada para matéria.

PROTESTO PELA DUPLICAÇÃO
Sul fecha trânsito na BR-101 hoje
MANIFESTAÇÃO DEVE COMEÇAR ÀS 9H E PODE DURAR SEIS HORAS. PÁGINA 21

FLAVIO SERRANO
Presos assaltantes que atacaram banco
PÁGINA 32



DIÁRIO CATARINENSE

ANO XVII - Nº 5896 - SC ▼ QUARTA-FEIRA, 5 DE JUNHO DE 2002 ▼ dc.clicrbs.com.br 2ª EDIÇÃO R\$ 1,25

RISCO BRASIL CHEGA AOS 1.074 PONTOS E MOEDA AMERICANA BATE EM R\$ 2,60

CRISE DA DÍVIDA Temor de perdas nos fundos e as eleições ajudaram a espalhar pânico no mercado. PÁGINA 14

DETONA DÓLAR

FORÇA: Escritor de SC é o Intelectual do Ano

Salim Miguel conquista Prêmio Juca Pato
VARIEDADES



Senado aprova a prorrogação da CPMF até 2004
PÁGINA 11

Venda do Besc sai mesmo sem adoção do PDI
PÁGINA 12

ONU faz alerta sobre destruição ambiental
PÁGINAS QUATRO E 5

Alemanha Domingo
www.jaraguam.com.br

Sintonize a geração Channel D

RÁDIO JARAGUÁ AM 1010

DIÁRIO DA COPA
FESTA PARA UMA VITÓRIA HISTÓRICA



ESTRÉIA: Coréia do Sul derrota Polônia por 2 a 0, triunfo inédito obtido pela seleção em jogos em Mundiais

Felipão deflagra Operação China após dia de folga para os jogadores titulares

PERDÃO: Uruguai dá explicações a Duhalde

Jorge Battle pede desculpas aos argentinos
PÁGINA 17

Governo admite a escalada da violência em SC
PÁGINA 32

HOJE TEM ENSINO A DISTÂNCIA. APROVEITE BEM A AULA.

DIÁRIO CATARINENSE
o mundo é diário

FIESC SENAI

SANTA CATARINA

018: MEMÓRIAS ao pé da letra

MEMÓRIAS ao pé da letra. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 05 jun. 2002. Variedades.

Memórias ao pé da letra

O primeiro volume da coleção *Memórias*, idealizado pelo Escritório do Livro, será lançado hoje, às 19h, na Livraria Açoriana, em Florianópolis. O livro é resultado de uma entrevista com Salim Miguel e Eglê Malheiros.

Também hoje, às 19h, o Editor de Opinião do *Diário Catarinense* e professor de Redação Jornalística na Unisul, Mário Pereira, apresenta seu quarto livro, *Ao Pé da Letra - Escritores Catarinenses Contemporâneos e Outros Textos*, no hall da Assembleia Legislativa de Santa Catarina.



Numa entrevista para Tânia Piacentini e Dorothee de Bruchard, Salim e Eglê relembram a pioneira aventura editorial do Grupo Sul, na Santa Catarina dos anos 40 e 50, e a

edição da revista *Ficção*, no Rio de Janeiro na década de 70. Salim também recorda a sua experiência com a Editora da UFSC e os projetos editoriais que coordenou na Fundação Franklin Cascaes. A obra foi organizada por Dorothee de Bruchard e conta com prefácio de Walter Carlos Costa.

Com a *Coleção Memória do Livro*, o Escritório quer deixar uma contribuição para o registro da história da edição catarinense e brasileira, narrando-a através da voz de personagens do mundo livreiro. Entrevistas com editores, livreiros, ilustradores e bibliófilos tomam forma em edições cujas tiragens serão quase que integralmente doadas a bibliotecas estaduais e nacionais, oferecendo assim subsídios para posteriores e mais aprofundadas pesquisas.

Em sequência ao primeiro volume, com Salim Miguel e Eglê Malheiros, devem vir Cléber Teixeira, da Editora Noa Noa (entrevista a Walter Carlos Costa e Philippe Humbé); Arnaldo Campos, escritor e livreiro em Porto Alegre (entrevista concedida ao jornalista Renato Mendonça, da *Zero Hora*).

Mário Pereira faz análise literária

Na primeira parte de *Ao Pé da Letra*, o jornalista Mário Pereira analisa a obra de 14 autores catarinenses. Começa abordando os



NOS TEMPOS: Mário Pereira fala de 14 contistas, poetas e romancistas catarinenses e analisa seus textos



EGLÊ: Obra abre série de bate-papo com escritores

contistas catarinenses Francisco José Pereira, Hoyêdo G. Lins e Júlio de Queiroz. Em seguida passa a Flávio José Cardozo e Silveira de Souza. Entre os romancistas catarinenses, Pereira presta reverência às obras de Salim Miguel, Raimundo Caruso, Adolfo Boos Júnior, Urda Alice Klueger e Oldeimar Olsen Jr. Na poesia catarinense, Mário destaca a consistência e a permanência da obra de Carlos Ronald Schmidt, o C. Ronald.

Em *Apontamentos de Leitura*,

o autor dá ênfase aos livros que, acredita ele, transcenderam em importância todos os demais lançamentos dos últimos anos.

No artigo intitulado *A Geração Sem Memória*, Pereira analisa três obras que dissecam o tumultuado século XX. Na última parte de seu livro, chamada *Textos à Margem*, o autor apresenta três artigos, pequenos ensaios em que ele trata da importância da leitura (nos dois primeiros, *A Leitura Como Transgressão* e *De Volta a Itaca*) e

faz uma crítica ao jornalismo como vem sendo feito atualmente, que ele classifica como "o jornalismo fast food".

Memória de Editor - Tânia Piacentini e Dorothee de Bruchard. Escritório do Livro. 93 págs. R\$ 13. Vendas pelo site www.escritoriodolivro.org.br

Ao Pé da Letra - Escritores Catarinenses Contemporâneos e Outros Textos - Mário Pereira. Editora Garapuvu. 152 págs. R\$ 20.



SALIM MIGUEL: Escolhido o Intelectual do Ano

019: Salim Miguel é o vencedor do prêmio UBE

SALIM Miguel é o vencedor do prêmio UBE. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 05 jun.2002, Variedades.

Salim Miguel é o vencedor do prêmio da UBE

Na última segunda-feira, o escritor catarinense Salim Miguel foi escolhido como vencedor do Prêmio Juca Pato, que confere a ele o título de *Intellectual do Ano*, outorgado pela União Brasileira de Escritores (UBE) em convênio com o jornal *Folha de S. Paulo*.

Salim Miguel foi o único candidato apresentado pelos 30 associados da UBE, dispensando a necessidade de uma votação na edição deste ano.

Ele declarou estar muito feliz com o reconhecimento demonstrado através desta premiação. "Este prêmio existe há mais de 40 anos e já foram escolhidos nomes como Érico Veríssimo, Luis Fernando Verissimo e Santiago Dantas. É uma honra estar em companhia de gente tão ilustre", disse ele.

O escritor acredita que até o momento o prêmio restringia-se mais a autores do eixo Rio-São Paulo e que, atualmente, a intenção da UBE é descentralizar a escolha.

O troféu, uma caricatura do personagem Juca Pato, cujas tiras circulavam na *Folha de S. Paulo*, patrocinador do prêmio, deverá ser entregue no próximo semestre, conforme o que foi informado a Salim.

O prêmio se refere ao conjunto da obra. Entretanto, é necessário que o indicado tenha publicado algum livro no ano anterior ao da outorga. No caso de Salim, *Eu e as Corroiras*.

021: Muito mais cultura

MUITO mais cultura. **Diário Catarinense**. Florianópolis, pag. 35, 12 jul. 2002.



Muito mais cultura!

Nesta quinta-feira, dia 13, venha participar da entrega do Título de Doutor Honoris Causa ao escritor Salim Miguel.
Auditório da Reitoria, 19h 30 min.

2ª Sepex: De 11 a 14 de junho em frente ao prédio da Reitoria
Mostra de trabalhos, Exposições, Cultura, Arte, Ciência e Tecnologia



022: Salim Miguel recebe o troféu Juca Pato

ANGIOLILLO, Francesca. Salim Miguel recebe o troféu Juca Pato. **Hoje em Dia**. Belo Horizonte, 10 jun. 2002. Cultura, pag. 03.

Salim Miguel recebe o Troféu Juca Pato

FRANCESCA ANGIOLILLO
AGÊNCIA FOLHA

O jornalista e escritor Salim Miguel, 78, foi anunciado vencedor do Troféu Juca Pato, correspondente ao concurso Intelectual do Ano, promovido pela União Brasileira de Escritores. O prêmio é concedido anualmente, desde 1963, a um intelectual que tenha publicado uma obra relevante para a cultura nacional no ano anterior. Salim Miguel foi candidato único.

No caso de Miguel, a obra que rendeu o reconhecimento foi "Eu e as Corruíras", que já era, em si, uma homenagem: a coletânea, lançada em Florianópolis pelas Edições Sul, comemorava os 50 anos da carreira literária do jornalista libanês, que chegou a Santa Catarina aos três anos de idade.

"A primeira coisa que eu diria (sobre o prêmio) é que isso reativa o interesse pela obra do escritor", diz Miguel, por telefone à reportagem. "Com isso, as pessoas vão se perguntar por que Salim Miguel, e não outro escritor, recebeu o Prêmio Intelectual do Ano." "Em segundo lugar, é um incentivo para alguém que trabalha como jornalista em livros há mais de 50 anos", diz o autor de sua carreira, marcada pelo "esforço para entender o bicho-homem".

As intenções de Miguel encontram eco no ofício que o aclama vencedor. O documento classifica "Eu e as Corruíras" como o coroamento da obra de "um grande incentivador das artes e da literatura", que "sempre incorporou aos seus escritos uma visão nacionalista da literatura e um sentimento de soberania nacional em suas apreciações críticas".

O ofício destaca ainda o comprometimento de Miguel com "a linha do pensamento brasileiro" e o lembra como intelectual que se bate pela

"persistência da luta em defesa dos nossos valores e da justiça social".

Na biografia de Salim Miguel - jornalista que "fez de tudo, até horóscopo", trabalhando entre Santa Catarina e Rio de Janeiro -, o momento crucial dessa luta encontra lugar em sua prisão, no ano de 1964, pelo regime militar. A experiência está registrada em "Primeiro de Abril, Narrativas da Cadeia", escrito numa incomum segunda pessoa, porque, conta, não quis se "colocar demais", porque "estava preso com outros 60", e buscou evitar o distanciamento excessivo que julgava resultar a terceira pessoa.

"Costumo dizer que sou, basicamente, jornalista profissional; são raríssimos os que vivem de direitos autorais de seus livros", afirma o autor de mais de 20 títulos - "15 ou

16", calcula, de ficção, nutridos com frequência no exercício da reportagem.

"Trabalhando para a revista 'Manchete', percorri todo o Brasil; conheço todos os estados brasileiros à exceção de dois, Mato Grosso do Sul e Acre." "Às vezes, em conversas, anotava incidentes que não tinham nada a ver com o trabalho para a revista" - mas que deram em contos e romances. Resultado dessa mescla está, por exemplo, em "A Voz Submersa". Publicado originalmente pela Editora Global, o romance está esgotado, mas Miguel sonha com que volte ao prelo, por conta do Juca Pato.

"Voz", conta Miguel, parte de histórias que não puderam sair na imprensa, por causa da censura. "A base do romance é o assassinato do estudante Édson Luís, no restaurante Calabouço, em 1968." No livro, uma mulher ("já problematizada") assiste à morte do secundarista.

No próximo dia 13, o escritor vira doutor honoris causa pela Universidade Federal de Santa Catarina.

→ A obra que lhe rendeu a láurea foi "Eu e as Corruíras"

023: Um intelectual do Sul

GALVANI, Walter. Um intelectual do sul. [ABC Domingo. s.l.], pag. 02, 09 jun. 2002.

Um intelectual do Sul

WALTER GALVANI

Cada ano, a União Brasileira de Escritores, a UBES, escolhe um grande homem a quem homenageia como o intelectual do ano no país. Não é um concurso, é uma escolha que se beneficia do segredo da confraria que elimina quaisquer votos discordantes ou candidaturas esperadas ou inesperadas e decide então por unanimidade o nome a ser anunciado. Este ano, o Sul foi contemplado e por um escritor representativo de toda esta nossa região que começa no Paraná e engloba Santa Catarina e o Rio Grande. Trata-se de Salim Miguel, escritor catarinense nascido no Líbano, mas que com três anos de idade emigrou com seus pais para o Brasil.

A saga da família Miguel está romanceada em *Nur na escuridão*, que, aliás, granjeou-lhe o prêmio de romance da Jornada Internacional de Passo Fundo de 2001. Ele é um dos legítimos imigrantes, igual a tantos dos nossos que vieram do Líbano, da Síria, da Palestina, da Itália, da Espanha, da Alemanha e ajudaram a construir a grandeza do Rio Grande.

Salim fixou-se em Santa Catarina, quando menino em Biguaçu, hoje em Florianópolis, mais tarde no Rio de Janeiro por conveniência e necessidade política, depois de volta à sua terra.

Vive um ano em que não cansa

de receber homenagens que culminam no dia 13 próximo, quando receberá o título de Doutor Honoris Causa pela Universidade Federal de Santa Catarina. Na semana passada teve reverenciada a sua Memória de Editor em um livro em que aparece ao lado de sua companheira Eglê Malheiros, como criadores da revista *Ficção* que se editou no Rio de Janeiro (1976-1979) e um dos fundadores do Grupo Sul em 1947, que

“Trata-se de Salim Miguel, escritor catarinense nascido no Líbano.”

trouxe a arte moderna para a capital do estado vizinho e, portanto, para a nossa região Sul, e mudou a mentalidade literária que aqui se praticava.

No meio disso tudo, Salim Miguel cumpre uma grande e longa carreira que ainda prosseguirá, por certo. No ano passado lançou *Eu e as corruínas* (crônicas mas não só), e tantos títulos como *A morte do tenente e outros contos*, *A voz submersa*, *O primeiro gos-*

to (contos) ao longo de cinquenta anos de carreira.

Este ano, Salim Miguel, coberto de homenagens como este destaque nacional merecido, curte a sua intensa vida literária e, no seio dos seus inúmeros amigos, por vezes em sua residência da Cachoeira do Bom Jesus, ou no bairro Campinas, próximo à universidade onde dirigiu a Editora e chefiou a comunicação social.

No Rio Grande do Sul, editado pela Movimento, de Carlos Appel, tem sido presença merecida e constante com seus livros.

Mas o registro que faço é para que o conheçamos melhor e para que saibam os gaúchos que há um título de Intelectual do Ano no país e que o escolhido é do Sul.

Deste mítico Sul com S maiúsculo, que nos fascina e encanta e que nos projeta, une e divide. Talvez mais nos separe do que deveria nos agrupar. O exemplo de generosidade e dedicação aos companheiros e amigos que Salim Miguel nos dá, deveria ser no sentido histórico da palavra, o nosso norte.

Parabéns Salim Miguel, parabéns Santa Catarina, e vamos lutar para trazer este grande autor à consagrada Feira do Livro de Porto Alegre, que é sempre um marco do interesse pela cultura, pela literatura, pelo há que de bom e belo nesse país massacrado pela ignorância, a fraude, a má fé.

024: O Catarinense Salim Miguel recebeu o Juca Pato

WILLER, Claudio. O Catarinense Salim Miguel recebeu o Juca Pato. **O Escritor**. São Paulo, n. 100, pag. 04, 5, 6, out. 2002.

O ESCRITOR

JORNAL DA UNIÃO BRASILEIRA DE ESCRITORES Nº 100 • OUTUBRO 2002

Salim Miguel recebeu o Juca Pato

O escritor catarinense Salim Miguel (foto ao lado), aclamado vencedor da 39ª edição do Concurso O Intelectual do Ano, recebeu o Troféu Juca Pato em 30 agosto, em solenidade ocorrida na Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo. Além do discurso do laureado, leiam os textos em sua homenagem, escritos por Octavio Ianni e Claudio Willer.

4/7



A grande chama de Abguar Bastos

O próximo dia 22 de novembro marcará o centenário de nascimento do paraense Abguar Bastos. Seu exemplo de vida e a vasta obra literária colocam-no entre os vultos que merecem ser sempre lembrados pelas novas gerações. *O Escritor*, na passagem do centenário de nascimento do grande brasileiro, não poderia deixar de prestar-lhe esta justa homenagem.

8/9

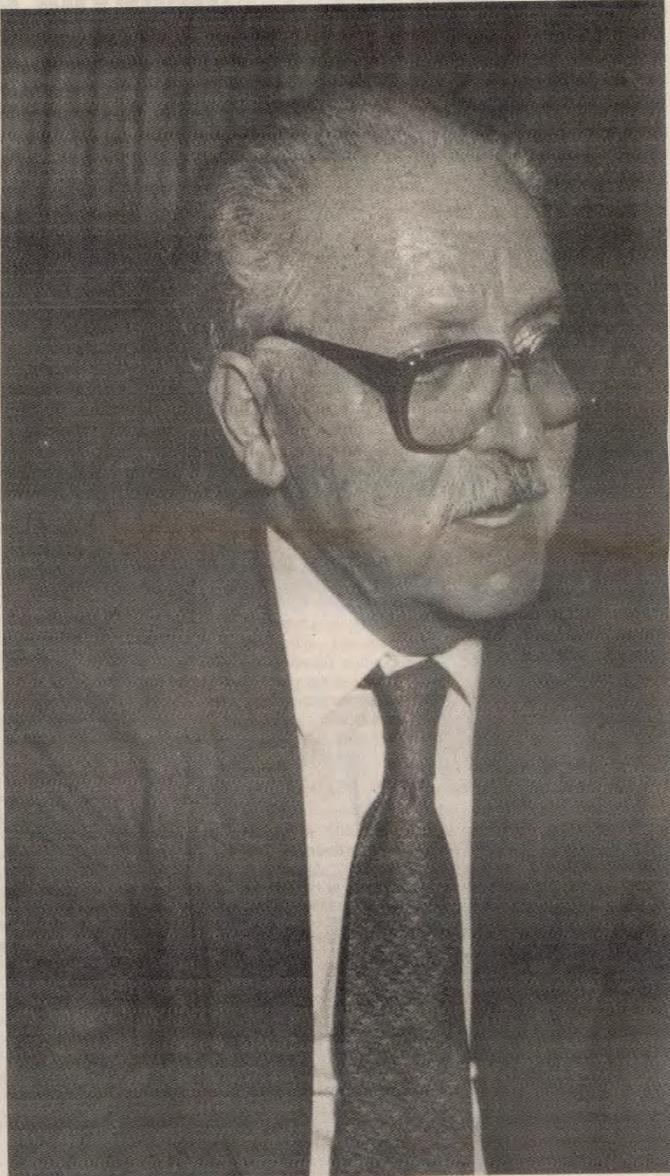
O rodapé ou o silêncio da crítica

O Escritor inaugura nesta edição uma seção de crítica literária especializada, cujo nome, óbvio, é Rodapé, atribuído aos apontamentos críticos publicados em espaços cativos nos grandes jornais brasileiros num momento de grande prestígio da literatura no século 20. Esta prática, ora resgatada, tem poucos perpetuadores, pois vem desaparecendo gradualmente com o advento da massificação da cultura e o declínio do interesse midiático pela literatura.

24

100 edições

Esta é a centésima edição do jornal *O Escritor*, motivo bastante para erguermos a taça da persistência e brindarmos o principal beneficiário desse empreendimento editorial: o escritor associado à UBE.



O catarinense Salim Miguel recebeu o Juca Pato



Escritores Salim Miguel e Eglê Malheiros

Na noite de 30 de agosto, uma Sexta-feira, o escritor catarinense Salim Miguel recebeu o Troféu Juca Pato, láurea concedida pela União Brasileira de Escritores com o patrocínio da Folha de S. Paulo, em solenidade ocorrida na Biblioteca Mário de Andrade, em São Paulo. Aclamado vencedor da 39ª edição do Concurso O Intelectual do Ano, sem concorrência e disputa, pois merecedor do apoio geral, Salim Miguel inscreveu-se com a obra *Eu e as corruínas*, coletânea de crônicas publicada pela Editora Insular, em 2001.

O laureado Salim Miguel foi saudado por Claudio Willer, presidente da UBE, José Castilho Marques, diretor da Biblioteca Mário de Andrade, Cassiano Ellek Machado, jornalista, representante da Folha de S. Paulo, Octavio Ianni, vencedor do Troféu Juca Pato em 2001.

A seguir, publicamos os discursos lidos na ocasião.



Claudio Willer

"A confraria dos ganhadores do prêmio Juca Pato – Concurso Intelectual do Ano ao longo destes exatos 40 anos, desde sua criação em 1962 por nosso querido Marcos Rey, é constituída por poetas, narradores em todas as modalidades da prosa, cientistas sociais, críticos, jornalistas, estadistas, polígrafos de diversos matizes, importantes pensadores. Recebe-o agora um de nossos principais narradores em prosa, Salim Miguel.

Nada tem de circunstancial ele haver recebido esse prêmio, conforme o corrobora, neste seu jubileu de 50 anos de literatura, o Juca Pato para Salim Miguel completar uma série de honrarias e manifestações, desde o prêmio da APCA entregue por *Nur na escuridão*, em 1999, passando pelo generoso e importante prêmio Zaffari e Bourbon, de Passo Fundo, ano passado, e pelas homenagens prestadas pela UBE de Santa Catarina.

A observar, além de tudo o que confere relevância ao Juca Pato, a reafirmação de seu alcance nacional. Nos últimos anos, foram eleitos autores de São Paulo ou há muito aqui instalados; agora, ele volta em boa hora a ultrapassar fronteiras estaduais. Quero crer que esta seja a segunda vez em que premiamos alguém de Santa Catarina (já que, dentre os ganhadores da láurea, já temos um catarinense ilustre, Dom Paulo Evaristo Arns). E, note-se bem, desta vez é um catarinense não apenas ocasional, por adoção (pois Salim Miguel na

verdade nasceu no Líbano), mas um catarinense intrínseco, específico, visceral, já que essa parte do Brasil, especialmente a cidade de Florianópolis, está presente em sua obra, como tema, evidente contexto e cenário de narrativas, evocações e ensaios.

Exorbitaria ao querer dar um depoimento pessoal sobre Santa Catarina e seus escritores? Ao menos, tenho justificativas para fazê-lo, pois é o estado da Federação que mais frequentei, como escritor, por ter amigos lá, e evidentemente por uma combinação das duas circunstâncias. Florianópolis foi a capital brasileira que mais visitei, desde o início dos anos 60 – época em que, circulando por locais dessa cidade, já me apontavam Salim Miguel como o prosador importante daquela terra.

Isso fundamenta e confere credibilidade, espero, ao que teria a dizer em favor da valorização e maior circulação nacional da riquíssima produção literária catarinense, desta vez tão bem representada por seu expoente máximo em prosa. E com sua plena anuência, tenho certeza, em sua condição de crítico, colaborador em publicações culturais, dirigente dessas publicações, enfim, de ativo defensor que sempre foi do livro e da literatura de qualidade. Com efeito, Salim Miguel sabe muito bem (citando-o em *Eu e as Corruínas*) que o leitor é sempre um autor em embrião. Daí pertencer à espécie dos escritores solidários, aos quais dá prazer outorgar e entregar prêmios, por não se empenharem apenas na justa divulgação de seu próprio trabalho, mas dos seus pares, do que há de melhor, especialmente na literatura brasileira contemporânea.

É claro que entre os autores cuja circulação gostaríamos, ambos, que fosse ampliada estão os poetas catarinenses, os tocados ou impregnados pela bruma simbolista que paira sobre Florianópolis, como Eglê Malheiros, aqui presente, bem como meu especial amigo Rodrigo de Haro, também artista plástico de renome, mais Péricles Prade, Osmar Pisani, Alcides Buss, e vários outros escritores e amigos. Lembro também a Lindolf Bell, pois, conforme já tive ocasião de afirmar em uma sessão

rememorativa realizada aqui mesmo, nesta Biblioteca Mário de Andrade, é absurdo nos anos 60 ele haver-se tornado uma figura de projeção nacional, personagem olímpico à frente de uma Catequese Poética, e sua morte, em 1998, ter sido objeto, quanto muito, de breves registros. Falaria ainda, no capítulo dos poetas, de catarinenses adotivos, como Iaponan Soares, Leonor Scliar-Cabral, Alckmar Luiz dos Santos e Pedro Garcia, além de outros, para cuja leitura remeto à bela antologia *Trezena Lírica*. Quanto a prosadores, menciono ainda Guido Vilmar Sassi, tão bem homenageado pelo próprio Salim Miguel, e nossos Deonísio da Silva e Edla Van Steen.

Mas não é só por exercício de rememoração que falo de Santa Catarina e seus escritores. Servem como pretexto para examinar alguns traços constitutivos do que seria uma cultura brasileira, ou uma identidade nossa. Afinal, no elenco de escritores que acabo de citar, figura este libanês de Biguaçu, cidade litorânea próxima a Florianópolis; ambas, Biguaçu e Florianópolis, tão bem tratadas literariamente por ele. Conhecemos também os descendentes dos açorianos que povoaram a ilha e o litoral; outros com sobrenomes italianos; os descendentes diretos de famílias vindas da Alemanha, Europa Central e do Norte; os do Oeste do estado, os tirolezes, meio italianos e meio austríacos; brasileiros de outras origens; e todos, tendo como patrono um negro, nosso expoente universal do simbolismo, Cruz e Souza.

Assim, a diversidade cultural, por vários motivos, é mais evidente em Santa Catarina, bem como o diálogo nessa diversidade, a soma de diferenças. São qualidades que podemos associar a Salim Miguel, não apenas por uma circunstância como sua origem libanesa, mas sim, por ele ser um protagonista, um agente ativo desse diálogo. Digo mais: um autêntico militante cultural, ao aliar-se a outros escritores, inicialmente no inovador Grupo Sul e no Círculo de Arte Moderna, e ao conjunto da produção cultural catarinense, sendo também um sistemático apreciador e comentarista de artes plásticas. Estas foram etapas de uma biografia admirável, marcada pela coerência e integridade que lhe possibilitaram escrever algo como *Primeiro de abril, narrativas da cadeia*, seu livro de 1994, e o autorizaram a ser autobiográfico também em outras de suas obras, pelo simples motivo de efetivamente ter o que dizer. Em Salim Miguel, vida e criação literária nunca estão dissociadas, e sua escrita jamais seria um mero afazer burocrático, mas sim a reiteração de uma convicção humanista e

A diversidade cultural, por vários motivos, é mais evidente em Santa Catarina, bem como o diálogo nessa diversidade, a soma de diferenças.



Claudio Willer

de uma crença em elevados valores culturais. Sempre, nessas comemorações de entrega do Juca Pato, procuro oferecer algum comentário sobre a obra que, conforme o regulamento do concurso, qualifique o premiado. Faço-o novamente, sem qualquer pretensão de acrescentar algo ao já dito, à extensa bibliografia crítica que inclui a coletânea de depoimentos por vários de nossos maiores intelectuais, intitulada *Salim Miguel leitor*, ao escritor que fala de livros e de outros escritores. Mostra que a criação literária é, sempre, uma interlocução com outras obras e outros autores, inseparável da leitura. Importante salientar isso hoje, quando, lamentavelmente, o ensino de literatura vai sendo abandonado em nosso

país, privando os nossos estudantes dessa possibilidade de fruição e enriquecimento através da ampliação da imaginação e da consciência.

Pois bem: em *Eu e as corruínas*, obra na qual o lirismo alterna com o bom humor, por exemplo no relato do borgeano episódio da invenção de um autor inexistente (também já fiz essa brincadeira), depois de escrever tantas páginas sobre livros e autores, Salim Miguel, em uma reafirmação do seu compromisso com a literatura, apresenta, em *De Livros e Livres*, uma espécie de meta-crônica literária, sobre livros que, por sua vez, tratam de livros; e, como uma de suas modalidades, das biografias de livrescos. Ou seja, daqueles, usando suas palavras, dominados pela paixão do livro. Ai está um assunto que ele conhece bem, por ser, mais que leitor e bibliófilo apaixonado, um possessor do livro, a ponto de participar de todas as suas etapas de produção, tendo, em diferentes momentos de sua vida, trabalhado em gráficas, editoras, redações e livrarias.

Em Salim Miguel, vida e criação literária nunca estão dissociadas: sua escrita é a reiteração de uma convicção humanista e de uma crença em elevados valores culturais.

Já falei, em outras ocasiões, da satisfação de entregar prêmios Juca Pato, e de estar em sessões que me proporcionam o contato com protagonistas da vida cultural do Brasil contemporâneo. É uma razão adicional para congratular-me com os proponentes de sua candidatura ao prêmio, em uma lista encabeçada por Fábio Lucas; com o patrocinador do concurso, o jornal *Folha de S. Paulo*; com os presentes a esta solenidade; e, evidentemente, com os leitores e apreciadores da obra de Salim Miguel." □



Salim Miguel

"Desejo, neste momento de grande emoção; agradecer à UBE, à *Folha de S. Paulo* e aos que vieram prestigiar este ato.

Infelizmente, como homem inserido em meu tempo, como jornalista e escritor não posso, neste início de um novo século e de um novo milênio, dizer que temos diante de nós um mundo mais solidário, propiciador de júbilo. Mas continuo acreditando na capacidade de luta e superação de nosso povo e confiante de que, um dia, os povos da Terra se reconhecerão irmãos.

O século 20, recém-findo, foi marcado por espantosas transformações, por inimagináveis avanços no campo da ciência, da tecnologia, da arte, da cultura. São desvendados os mistérios do infinitamente grande e do infinitamente pequeno; o engenho humano não recua ante desafios; contudo, num mundo lotado de alimentos, a fome é companheira constante de milhões de pessoas; e o poderio destrutivo dos armamentos pode acabar de vez com a aventura do *homo sapiens* em nosso planeta.

Olhemos o Brasil, país que tem tudo para dar certo. Aqui convivem gentes das mais diferenciadas etnias, vindas dos mais distantes pontos do mundo. Os trazidos à força, como os que vieram na condição de escravos; os empurrados pela miséria

em sua pátria de origem; os impulsionados pelo desejo de aventura ou pela coibiça; por eles, no decorrer de nossa história, foi sendo ocupado este imenso território, enquanto se arrasava e empurrava para os desvãos os indígenas. São belas páginas e páginas horrendas, de tudo isso somos feitos. No entanto, hoje nós sabemos, e não é possível aceitar que, segundo dados oficiais do IBGE, dos 170 milhões de brasileiros, cerca de 50 milhões vivam (se é justo usar este verbo) com menos de meio salário mínimo; impossível concordar com a crescente concentração fundiária e o dramático êxodo rural; provocando o inchaço das periferias urbanas e todas as suas consequências. Um modelo de "globalização", que nos foi impingido goela abaixo, sangra nossa terra, enquanto obriga os trabalhadores a lutar pela manutenção de conquistas históricas, em vez de avançar na construção de uma sociedade mais justa e fraterna.

Olhar para o resto do mundo também não nos tranquiliza. Creio que ninguém poderá dizer uma palavra a favor do que ocorreu em 11 de setembro do ano passado, nos Estados Unidos, mostrado ao vivo pela TV, o que para muitos pareceu efeitos especiais de um filme. Mas também não se pode aceitar a ação do governo Bush no Afeganistão, que pode ser resumida na frase paradigmática do pi-

Juca Pato - Congratulações

Senhor Presidente:

No impossibilidade de estar presente à solenidade de entrega do Troféu Juca Pato ao escritor Salim Miguel, por cuja candidatura muito me bati, venho expressar a V. S., à União Brasileira de Escritores, à *Folha de S. Paulo* e ao público presente o meu júbilo pela atual destinação do título de "Intelectual do Ano" de 2001.

Com efeito, o Troféu Juca Pato, desde a sua criação, visou o evidenciar obra que tenha contribuído para o debate de idéias no país. Historicamente, a outorga da distinção tem recaído em autores e obras que, de certo modo, se identificam com os princípios básicos da União Brasileira de Escritores, ou seja, a defesa da liberdade de expressão e a proteção dos interesses profissionais do escritor.

Afortunadamente, a solenidade do dia 30 de agosto reúne, na passagem do Troféu Juca Pato, duas personalidades ímpares no defeso das idéias democráticas em suas obras: Octavio

Ianni e Salim Miguel.

Deste modo, cumprimento a V.S. pela felicidade de ter a sua gestão coroada por evento cultural tão auspicioso.

Atenciosamente,

Fábio Lucas

Senhor Presidente:

Agradecendo o convite - recebido com atraso - para a solenidade de entrega do troféu Juca Pato ao escritor Salim Miguel, ocorrida em 30 de agosto p.p., apresento congratulações ao ilustre homenageado, com cordiais saudações a todos.

Atenciosamente,

Paulo Evaristo, CARDEAL ARNS
Arcebispo Emérito de São Paulo

Prezados amigos:

Agradeço o convite para a solenidade de entrega do troféu Juca Pato ao escritor Salim Miguel, que se realizará no próximo dia 30 de

agosto, mas, infelizmente, em razão de compromissos anteriormente assumidos, não poderei estar presente.

Peço a gentileza em justificar minha ausência e deixar forte abraço a todos e ao amigo escritor Salim Miguel.

Cordialmente,

Ives Gandra da Silva Martins

Caros amigos:

Lamentavelmente não poderei comparecer à festa da entrega do Juca Pato ao ilustre escritor Salim Miguel. Seria uma ótima oportunidade para cumprimentar o agraciado e reencontrar os caríssimos amigos e companheiros da UBE, mas, para meu pesar, já tenho compromisso para aquela data, fora de São Paulo.

Assim sendo, peço-lhes que transmitam ao novo ganhador do honroso Troféu Juca Pato os meus calorosos cumprimentos pela merecida premiação. Nesta oportunidade, re-

novo ao caríssimo presidente e a todos os demais amigos da UBE os meus votos de paz, com as expressões de minha fraterna amizade.

Dalmo de Abreu Dallari

Senhor Presidente:

Recebi com muita satisfação e antecipadamente agradeço o convite para participar da cerimônia de entrega do Troféu Juca Pato ao escritor Salim Miguel, eleito Intelectual do Ano de 2001, nesta data.

Nesta ocasião, não posso deixar de responder a tão honroso convite me fazendo representar na pessoa do Senhor Luis Avelina, assessor desta Pasta.

Na oportunidade, formulo votos de pleno êxito e reitero protestos da mais elevada consideração.

Cordiais saudações.

Marcos Mendonça
Secretário de Estado da Cultura

loto de um super jato: "É um desperdício despejar bombas de dois milhões de dólares em casebres de dez dólares." Ele, por certo, esqueceu-se de que força é jogar as bombas, para que o complexo industrial-militar escape da crise.

Não tenho como fugir a mais um registro, este dizendo respeito às minhas raízes; refiro-me ao que vem ocorrendo no Oriente Médio entre Israel e a Palestina. Sou decididamente pela paz, o respeito e a concórdia entre os povos, quanto mais entre povos irmãos. E me pergunto: a que grau de desespero deve chegar um ser humano para se transformar num homem-bomba; e quanta coragem deve ter um soldado para se recusar a lutar, desobedecendo ao governo de Israel?

Egoisticamente, em ermos estritamente pessoais, o imigrante filho de imigrantes, que ora vos fala, nem teria muito do que reclamar. Embora não se considere realizado, pois realizado é acabado, acumulado, ao longo da vida, alguns êxitos e muitas alegrias. Uma delas este Troféu Juca Pato de Intelectual do Ano, da UBE e da *Folha de S. Paulo*, com o qual jamais sonhou e que o coloca ao lado de nomes dos mais representativos da cultura brasileira. Acresce o fato de ter a saudá-lo Octavio Ianni, sociólogo, ensaísta, pensador, respeitado por sua vida e sua obra. Admiro-o há muito e, por uma coincidência do destino, só fui conhecer pessoalmente faz poucos meses, em Florianópolis.

Que a UBE intensifique a luta pelos direitos dos trabalhadores intelectuais e que, no Brasil, se suspenda a ingrata censura que o analfabetismo (ai incluindo o funcional) impõe a nossos autores.

Com os olhos do coração percebo, assistindo a este ato, igualmente emocionados, o casal de imigrantes Tamina e Youssef. Ela dirá: conseguiu. E ele: eu sabia, eu sabia. Explico: minha família morava em Biguaçu, município da grande Florianópolis. Tinha eu uns dez anos e meu pai, me vendo devorar o que encontrava de papel impresso, perguntou o que pretendia fazer na vida. Respondi sem titubear: ler e escrever. Minha mãe, ainda e sempre Tamina, ou dona Tamina, observou: não vai ser fácil. E meu pai, não mais Youssef, agora José, ou seu Zé, ou Zé Turco, ou Zé Gringo: espero, torço, vais conseguir.

Fácil não foi, mas consegui. Mesmo porque não sei fazer outra coisa. Claro que não vivi, nem vivo dos direitos autorais de meus livros, raríssimos os que o conseguem entre nós. Vivi e vivo do meu trabalho de jornalista profissional, do trato com a palavra em todas as suas dimensões.

Devo o que sou e o que sei a gentes de papel e a gentes de carne e osso. Nomeá-los todos, impossível. Sintetizos em Dom Quixote e Sancho Pança, dos quais cada um de nós creio ter um pouco, no preto velho Ti Adão, de quem na vendola de meu pai escutei muitas lições de vida, no poeta, cego, livreiro João Mendes, para quem, durante muito tempo li por horas a fio, em voz alta um pouco de tudo, de folhetins como *Buridan*, ou os *Mistérios da Torre de Nesle*, de Michel Zevaco, a *As dores do mundo*, de Schopenhauer, de *Dam Segundo Sombra*, de Ricardo Guiraldes a *O tronco do Ipê*, de José de Alencar, a nomes que me marcarão e que releio até hoje, Machado, Eça, Cruz e Sousa; no professor Anibal Nunes Pires, que se realizava vendo os outros criarem; no escritor Adonias Filho, que num momento crucial de minha vida, depois do golpe militar, com outros amigos, conseguiu me tirar da prisão e me levou para trabalhar no Rio e, por último, mas não em último, na Eglê Malheiros, minha mulher, companheira há exatos 55 anos, inspiradora, incentivadora, crítica atenta a tudo que faço, sempre achando que posso fazer mais e melhor.

Se sou um realista e um cético, não sou um desesperançado. Creio que um dia o mundo adquirirá juízo e os homens verão que, sabendo conviver, existe lugar para todos. Não penso que nos anos de vida que me restam possa participar desse "amanhã que canta". Torço para que meus

Tinha eu uns dez anos e meu pai, me vendo devorar o que encontrava de papel impresso, perguntou o que pretendia fazer na vida. Respondi sem titubear: ler e escrever.

cinco filhos (e aqui estão dois a representá-los) e meus netos (uma neta aqui representa os sete), possam viver e ajudar a construir esse tempo.

Espero que a UBE cada vez mais se fortaleça como propugnadora de uma cultura nacional popular e democrática, múltipla e questionadora, valorizando o debate e o embate de idéias: que intensifique a luta pelos direitos dos trabalhadores intelectuais e para que, no Brasil, se suspenda a ingrata censura que o analfabetismo (ai incluindo o funcional) impõe a nossos autores. Nesta parceria com a UBE, a *Folha de S. Paulo* se mantém fiel à sua proposta de divulgação e apoio à nossa cultura.

Procurei ao longo dos anos traçar um painel do meu tempo e da minha gente. Talvez tenha sido esta uma das razões para que hoje receba este troféu.

Concluo com uma frase extraída do décimo-sexto e último volume do *Diário*, de Miguel Torga. Diz ele: "Se merecer um prêmio é difícil, tão difícil ou mais é saber merecê-lo." [□]

025: Ficção e história da obra de Salim Miguel

IANNI, Octavio. Ficção e história da obra de Salim Miguel. O Escritor. São Paulo, out. 2002, pag. 06 e 07.

Ficção e história na obra de Salim Miguel

Octavio Ianni

Mais uma vez, todos somos desafiados a reconhecer que a biografia e a história estão em permanente contraponto, uma esclarecendo a outra, ambas revelando o que pode haver de surpreendente na vida. Há sempre alguma ou muita ressonância dos movimentos da história na vida do indivíduo; assim como há sempre alguma ou muita ressonância das modulações da biografia em alguns dos segredos da história. Às vezes, é a trajetória do indivíduo, em suas realizações e em seus impasses, em suas frustrações e em suas ilusões, que esclarece o que pode estar escondido na história.

Este é um traço particularmente notável da obra de Salim Miguel: revela o riquíssimo contraponto entre a trajetória do autor e os movimentos da época; as inquietações que perpassam continuamente a realidade e a ficção, os acontecimentos e o imaginário, o dito e a desdita.

Trata-se de uma narrativa na qual ressoam, todo o tempo, o indivíduo e a sociedade, desenhando uma longa, errática e aventureira travessia. Aí estão os pais e os filhos, a família e a coletividade, as etnias



Octavio Ianni

e as línguas, os povos e as nações, o Mediterrâneo e o Atlântico, o Velho Mundo e o Novo Mundo, o século 20 e o século 21; bem como as guerras mundiais, as democracias e as ditaduras, as revoluções e as contra-revoluções, assim como o jornalismo e a literatura, o teatro e o cinema; sempre de par-em-par com Eglê Malheiros, filhos, amigos e companheiros.

Vista assim, em perspectiva histórica ampla, de permeio às vibrações da época, a obra de Salim Miguel revela-se uma narrativa múltipla e colorida, como se fora a narrativa de uma viagem sem fim, iniciada lá longe e continuada no presente, a caminho do futuro; mapeando territórios e fronteiras, continentes e ilhas, desde Kfarsouroun a Nossa Senhora do Desterro; percorrendo aventuras e desventuras, façanhas e ilusões.

É uma viagem de incertezas, mais do que de certezas. Sabe-se de onde se sai, mas não se sabe aonde se chega. "O destino nem era o México. Pelo México, chegar aos Estados Unidos. Só que tal explicação não podia ser dita". Afinal, chega-se ao Brasil, um momento da travessia, desde o qual continua a travessia. "A terra cresce, avança, se aproxima... Em pouco o navio fundeia. Interrogam-se, buscando localizar-se. Interrogam os demais, pensam intrigados, será isto o tal de Brasil? Não parece. Mal fazem idéia do país para onde se dirigem as informações que têm são inconscientes, fala-se... de negros e índios da variada e rarefeita população, todas as etnias"⁽¹⁾.

Está em curso a entrada de Salim Miguel e a família em outro país, outro mundo, um lugar desconhecido, muito mais imaginário do que sabido. Assim se inicia outra etapa da longa viagem, no sentido literal e metafórico, permeado de interrogações, em busca de certezas. "Amanhece. Começa o desembarque. O que lhes chega é uma verdadeira babel, os mais diferentes falares se cruzam, as palavras esdrúxulas lhes agrídem os ouvidos, sotaques e pronúncias que não têm como identificar. Qual deles o do país para onde se dirigem, a que acabaram de chegar?"⁽²⁾.

Aos poucos, situam-se, enraizam-se, tanto quanto podem os que estão em travessia. Buscam realizar-se nesse outro mundo, cada vez mais reconhecível. Assumem-se, segundo as condições de Uma sociedade atravessada de barroquismos inimagináveis.

De repente, essa viagem se precipita, inexplicável, assustadora. O país naufraga nos anos de chumbo, na ditadura declarada pela diplomacia da guerra fria, da indústria do anticomunismo, por meio da qual combinam-se o imperialismo e o militarismo. São muitos?, muitíssimos, os que são transformados em suspeitos, subversivos; simplesmente porque pensam diferente, almejando uma sociedade alternativa, mais inteligente. "Detido para averiguações por ordens superiores... os detidos

Nº 100 - Outubro/2002 - Pág. 6

33

UDESC-FAED-IDCH - ACERVO EGLÊ MALHEIROS & SALIM MIGUEL

ficarão comunicáveis... livros, jornais, revistas, rádio estão proibidos. Queres saber quantos dias vai durar a incomunicabilidade, ignoram" (3).

De repente, Salim Miguel, assim como muitos dos que povoam sua narrativa, estão metidos no pesadelo; jogados na incerteza sobre as suas condições jurídico-políticas, sociais, humanas; padecem a opressão, a brutalidade física e psicológica. "Nunca havia me imaginado preso, ainda mais em decorrência de um golpe militar. Estar preso, guardado sob severa vigilância militar, incomunicável, me era tão absurdo quanto estúpido" (4). "O precário conceito de liberdade, tão precário a partir do golpe de 1964, derrua por inteiro. Surgiram os seqüestros, as guerrilhas, a repressão, as torturas, o pavor, as mortes" (5).

O país, como um todo, foi atravessado pela brutalidade e o obscurantismo. Destruíram-se muito da cultura e das formas de sociabilidade, de inquietação e criatividade, em nome de "segurança e desenvolvimento", isto é, tirania e lucratividade.

É como se a narrativa de Salim Miguel fosse mutilada. A repressão atinge o narrador e a narrativa. Da mesma forma que se mutila a sociedade, mutila-se o criador e a criatura. Nesse sentido é que a destruição da livraria e dos livros, e tudo o que significam, atinge os mais diferentes setores da sociedade, deformando a cultura e a criatividade.

Livraria Anita Garibaldi, Livraria do Salim: "Em 1964, o grupo de incendiários a destruiu. Os livros, todos os livros, foram indiscriminadamente atirados para a Praça XV de Novembro, fronteira à livraria e ali queimados numa fogueira que, por certo, simbolizava a salvação da Pátria contra as idéias esdrúxulas e subversivas veiculadas naquelas brochuras e encadernações de poetas, dramaturgos, artistas, ficcionistas, personalidades da ciência e pensadores." O próprio Salim Miguel reflete sobre este fato de sua experiência de livreiro, em seu livro-depoimento *Primeiro de Abril*, narrativa da cadeia: "Será mesmo que os infelizes acreditavam que a força do fogo seria suficiente para extrair a força das idéias? Em nenhum momento, em nenhum deles terá passado a sombra de uma frase de Galileu, *eppur se muove*? Mas, no caso presente, a mais correta interpretação sobre o significado de tudo aquilo podia ser sintetizada nas poucas palavras do padre Braun, do Colégio Catarinense, que não tinha como ser tachado de comunista, esquerdista, subver-

É como se a narrativa de Salim Miguel fosse mutilada. A repressão atinge o narrador e a narrativa. Da mesma forma que se mutila a sociedade, mutila-se o criador e a criatura.



Eglê Malheiros lendo o discurso de Salim Miguel



Cassiano Ellek Machado, representante da Folha de S. Paulo



José Castilho Marques, diretor da Biblioteca Mário de Andrade

sivo, ateu, etc., ao declarar na manhã seguinte, quando se deparou com o monte de cinzas: "Meu Deus do céu, será que estou voltando à Alemanha de Hitler?" (6).

Essa é uma experiência crucial; com ela, Salim Miguel se irmana a muitos outros, em outros lugares do mesmo país, em muitos lugares de outros países. É uma experiência pela qual passam muitos dos que se comprometem com a liberdade, a democracia política e social, outras formas de sociedade. Muitos são contemporâneos de Salim Miguel. Há os que sobrevivem traumatizados e os que perderam a vida eliminados; sem esquecer os desaparecidos memorizados.

Sim, esta é uma inflexão permanente na múltipla e polifônica narrativa de Salim Miguel: a realidade e a ficção, a vida e a imaginação, a história e a memória convivem, mesclam-se, determinam-se. O presente ressoa o passado, o indivíduo desvenda a coletividade, a biografia esclarece a história. Aos poucos, a lembrança relembra o pretérito vivido, transfigurado em imaginário. A narrativa agarra-se a fiapos esgarçados e fugazes de lembranças, mesclando vivências e sofrenças, travessias e desencantos. É como se a história se transfigurasse em memória atravessada de esquecimentos.

"Desatado o fluxo da memória, fragmento de um caso puxa outro, não demora outro mais, tudo por vezes interrompido para por vezes retornar dias depois, ou não retornar nunca, sempre deixando rastros que se avolumam para formar um todo, que acaba por se transformar na saga da família" (7).

"Vai! Tenta outra vez. Recorre às tuas anotações. Te esforça. Puxa pela memória. Há uma estranha resistência que necessita

ser vencida" (8).

Aos poucos o leitor se dá conta de que o encanto da narrativa leva consigo algo ou muito da oralidade. A fluência das frases e imagens, narrando casos e acasos, ditos e desditos, logo conquista o leitor, como que ouvindo o contador de casos, narrador cuja oralidade realiza a magia da transfiguração das palavras em figuras e figuração da vivência e da imaginação, do conhecido e desconhecido, do que foi e poderia ter sido.

"As minhas primeiras leituras foram, se assim posso me expressar, orais. Histórias que meus pais me contavam, grande parte extraídas das *Mil e uma noites*, causos que eu ouvia na rua e fantasiosas narrativas, parecendo saídas também das *Mil e uma noites*, contadas por um preto velho, que me marcou com sua figura e que tem aparecido praticamente em toda a minha obra ficcional: Ti Adão, repositório, nos seus quase cem anos, de uma sabedoria popular, de lendas, de casos, de vivências pessoais

A obra de Salim Miguel revolve-se uma narrativa múltipla e colorida, como se fora a narrativa de uma viagem sem fim, iniciada lá longe e continuada no presente, a caminho do futuro.

incríveis, uma imaginação prodigiosa, onde o que ele contava hoje era o mesmo e não era o mesmo amanhã, sempre novos fatos adicionados, modificados, revistos, tudo temperado com erotismo e humor" (9).

Em síntese, a vida e obra de Salim Miguel podem ser vistas como duas narrativas entrelaçadas. Narrativas de uma longa viagem, iniciada lá longe em Kfarsouroun e continuada no outro lado do mundo, em Nossa Senhora do Desterro, compreendendo muitos outros lugares, revelando inclusive o que foi e o que teria sido, o que é e o que será. São narrativas com as quais se mapeia toda uma vasta e complexa época, desde o século 20 ao século 21. Aí entrelaçam-se a biografia e a história, a vivência e a memória, a ficção e a utopia.

Uma utopia que nasce da narrativa literária, por meio da qual alimentam-se tanto a inquietação como a imaginação, momentos excepcionais da atividade artística, com a qual se abrem outros e novos horizontes para a emancipação.

"Uma das funções da arte é provocar. E o que caracteriza e define a obra de um autêntico criador é a permanente insatisfação com o já conseguido, por melhor que seja. Sendo uno, ele precisa ser múltiplo" (10).

Este pode ser o caminho que leva à utopia: duvidar, questionar e ultrapassar o que está dado, o que se sabe, o já alcançado, em busca de outras realidades; imaginando as possibilidades de realização e emancipação que se escondem no futuro. □

NOTAS:

- (1) Salim Miguel, *Nur na escuridão*, romance, 2ª edição, Topbooks, Rio de Janeiro, 2000, pp. 59 e 76.
- (2) Salim Miguel, *Nur na escuridão*, citado, pp. 77-78.
- (3) Salim Miguel, *Primeiro de abril (Narrativas da cadeia)*, posfácio de Hélio Pálvora, José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1994, pp. 16-17.
- (4) Flávio José Cardozo (organizador), *Salim na claridade*, 24 depoimentos. Fundação Catarinense de Cultura, Florianópolis, 2001, p. 39, do depoimento de Orival Prazeres.
- (5) Salim Miguel, *Primeiro de abril*, citado, p. 112.
- (6) Flávio José Cardozo (organizador), *Salim na claridade*, citado, pp. 24-25; citação retirada do depoimento de Silveira de Souza, *A Livraria do Salim*, pp. 23-25.
- (7) Salim Miguel, *Nur na escuridão*, citado, pp. 81-82.
- (8) Salim Miguel, *Primeiro de abril*, citado, p. 53.
- (9) Flávio José Cardozo (organizador), *Salim na claridade*, citado, p. 85; citação da entrevista de Salim Miguel a Giovanni Ricciardi, *Dando o recado*, pp. 83-89.
- (10) Salim Miguel, *Eu e as corruiras* (crônicas, não só), Editora Insular, Florianópolis, 2001, p. 135.

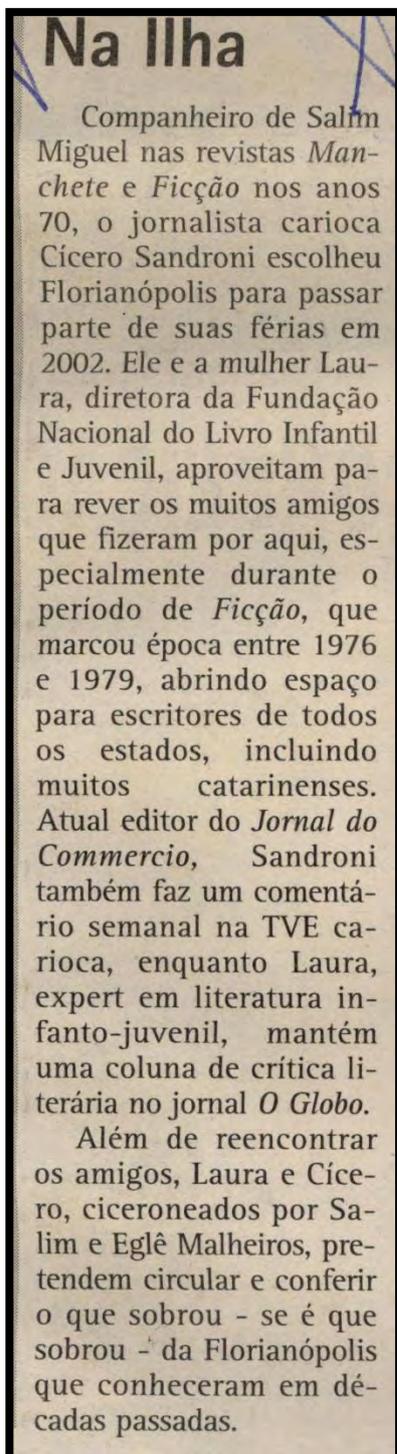
026: Rápidas

BARREIROS, Julita da Silva. Rápidas. **Tribuna da Ilha**. Florianópolis, pag. 07, jun. 2002

Escritor e jornalista Salim Miguel recebeu no último dia 13, da Universidade Federal de Santa Catarina o título de doutor honoris causa, durante sessão solene do conselho universitário, no auditório da reitoria.

027: Na ilha

MENEZES, Cacau. Na ilha. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 20 fev. 2002, Coluna Cacau Menezes, pag. 31.



028: Os livros na praça

OS LIVROS na praça. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 03 mar. 2002, Debate, pag. 04 e 05.

A Feira do Livro de Florianópolis ganhará uma nova versão. Em 2002 ela volta a ocupar um espaço externo, mas ainda gera grande polémica no setor livreiro

Os livros na praça

Um debate promovido pelo Diário Catarinense reuniu, na manhã da última quarta-feira, alguns dos principais representantes do ramo editorial e livreiro da Capital, para discutir os rumos da Feira do Livro de Florianópolis. Estiveram presentes o atual presidente da Câmara Catarinense do Livro (CCL), Nelson Rolim de Moura, também proprietário da Editora Inua; o escritor Salim Miguel; os editores e escritores Alcielo Buys (Editora da Universidade Federal de Santa Catarina) e Fábio Brüggeman (Editora Letras Contemporâneas); e os editores Wilson Mendes (Editora Paga-livro) e Alberto Calderia (Editora Lunardelli).

Após o término da 10ª FLE, no ano passado, diante dos pedidos de vários associados da CCL, Nelson Rolim de Moura apresentou a proposta de realização de uma segunda feira, instalada na rua, e que deverá ocorrer no próximo mês de maio. A ideia foi acolhida de forma positiva por todos os detalhadores na quarta-feira. Embora permaneça uma questão crucial: a feira de rua, com função educadora e social, deverá se tornar um evento mais importante - conforme ideia defendida acaloradamente pela maioria dos detalhadores -, ou permanecerá no âmbito da feira de caráter comercial, realizada no Becman Shopping?

Quais desafios, como a busca de apoio aos órgãos públicos e privados, uma política de descontos e a realização de atividades culturais paralelas foram igualmente questionados por editores e editores que estiveram reunidos na sede do DC.

Confira no clicRBS trechos deste debate em debate:

NRM - "A Feira do Livro de Florianópolis acabou indo a um espaço fechado - no caso, o shopping - devido a uma sucessão de problemas que ela teve na rua, que são acontecimentos já conhecidos, todos eles relacionados com chuva e vento, e pelo fato de que em outros centros, a própria Biem de SP e do RJ, são eventos feitos em recinto fechado, inclusive em eventos bem sucedidos. A feira aqui, por uma circunstância acabou indo para um local fechado há meu entendimento, a feira do livro realizada no shopping é um tipo de evento. Sem dúvida não há o que se questionar de que a feira no shopping está num lugar elitizado, de acesso restrito. Naturalmente que as pessoas que vão ao shopping fazem parte de um público restrito. Porém, a Câmara sempre teve uma preocupação em retonar a atividade de feira na rua. Esta foi uma preocupação constante. Todos nós estamos preocupados em divulgar o livro, colocar o nosso livro, comercializar o livro. Todos nós queremos vender o livro. Fazer o livro se tornar conhecido, difundido. E não tem dúvida de que a rua é um local excepcional para isto. Então, a partir desta última feira, foi realizada no Shopping Becman, na qual vários associados se manifestaram lembrando

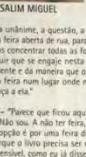


NELSON ROLIM DE MOURA

que é importante a feira na rua, a diretoria imediatamente passou a questionar no sentido de viabilizar esta feira de rua. A primeira preocupação foi que, ao promover esta feira de rua, não estivessem tão sujeitos a intempéries. Por exemplo, uma semana de chuva nos liquidaria. É muito importante para a CCL, que tem a responsabilidade de organizar estas feiras, de ver num encontro desses, todas as pessoas, de uma forma ou de outra - discordando ou concordando - todas preocupadas em fazer estas feiras. Então eu acho que a gente está no caminho certo. E o que a gente espera é que realmente mais pessoas se agridam a este trabalho que a gente vem fazendo e que demanda muito trabalho. E ainda digo, com uma tremenda insegurança, porque como eu já fiz referência, nós temos várias reuniões pela frente para definir. Nós estamos falando aqui teoricamente, mas nós temos muitas questões práticas, e que muitas vezes não dependem só da nossa boa vontade, mas dependem da boa vontade das outras partes. Tanto que, para estas reuniões que a gente vai manter agora, nos próximos dias, para resolver e definir a feira, nós estamos convidando todas as pessoas. Mas eu acho que o futuro da feira, não tenho dúvida, tem que ser uma feira de rua com proteção, oferecendo o menor risco para os expositores, para a público para as atividades que a gente vai promover."

FB - "Eu queria agora fazer uma outra questão, que é a seguinte: a Biem do Livro de SP geralmente é num lugar muito longe. A do Rio Ine-mo - eu fui está ano e sei que está avaliando para Florianópolis, de tão longe que era. Mas você chegou lá e estava cheio de gente. As vezes a gente pensa: 'Uma feira, ah! Vai fazer no shopping, vai fazer no Lago'. A gente sempre quer colocar a feira onde vá mais gente. Mas não seria também a hora da CCL - aí sim a Prefeitura ou o Estado podem entrar - de fazer uma campanha permanente de valorização do livro, de incentivo à leitura. Isto é

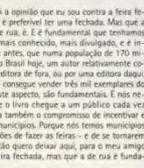
mes e deixamos para Florianópolis e de uma outra espécie. E que não exclui está que está no shopping. Lá se promove o livro, lá se promove o evento de muita gente com o livro. Mas a feira que desde tempo tempo queríamos, até sob inspiração e primeiros grandes esforços do sadoado amigo Odilon Lunardelli, está aqui a feira do livro na praça. Eu realmente aquilo que disse no início, de brincadeira, mas agora é de verdade. Eu vejo com entusiasmo essa discussão e até uma quantidade de dados que tivemos aqui sobre esta questão da feira do Livro. Então já estamos com uma feira que está ganhando corpo, que é esta feirinha, e recardemos aqui, me parece de uma maneira uniforme, a questão, a ideia fundamental, de se ter uma feira aberta de rua, para a comunidade. Retiro esta ideia de que devemos concentrar todas as forças na viabilização desta feira de rua e contrariar que se engaje nesta ideia o Governo, da maneira que achar conveniente e da maneira que os organizadores têm como ideal. Não basta esta feira num lugar onde ninguém vá e tem uma estrutura que dá segurança a ela."



SALIM MIGUEL

SM - "Parece que ficou aqui a opinião que eu sou contra a feira fechada. Não sou. A não ter feira, é preferível ter uma fechada. Mas que a minha opção é por uma feira de rua. É e é fundamental que tenhamos isto porque o livro precisa ser mais conhecido, mais divulgado, e é incompreensível, como eu já disse antes, que numa população de 170 milhões de habitantes, como tem o Brasil hoje, um autor relativamente conhecido que publique por uma editora de fora, ou por uma editora daqui, se jáque um best-seller quando consegue vender três mil exemplares do seu livro. Então, as feiras, sob este aspecto, são fundamentais. E nós necessitamos, cada vez mais, que o livro chegue a um público cada vez maior. E, além disso, a CCL tem também o compromisso de incentivar e participar de feiras em outros municípios. Porque nós temos municípios em SC, que têm todas as condições de fazer as feiras - e de se tornarem feiras bastante importantes. Então quero dizer aqui, para o meu amigo Rolim, que não sou contra a feira fechada, mas que a de rua é fundamental."

WM - "Eu também concordo muito com o Fábio Brüggeman, quando ele fala em problemas de localização e de distância. Nós, aqui em Florianópolis, ainda somos um povo que tem que atravessar a rua de carro para comprar algo na esquina. Então isto tem que ser desconsiderado. Tem que começar a mexer com isto. Tudo vai ser em volta da Feirga Schmidt, da Praça XV, da Alameda. Eu já participei de feira em São Paulo, participei no Rio de Janeiro, participei em Curitiba. A feira de Frankfurt, na Alemanha, eu participei como expositor. Lá é pior ainda. Mas a feira é feita. Então por quê? Será que a Alameda é realmente o melhor resultado? Mas ainda é um local bom



WILSON MENDES

Quando ao desconto, já houve brigas quando eu era o presidente da feira. Então o que está faltando na Câmara, que não houve condições de se desenvolver, é um código de ética. E a Fundação Franklin Calceiras, se tiver um papel preponderante junto à Câmara, então ela que faça atividades paralelas. Ela tem condições de fazer isto. E também eu quero deixar claro aqui que a Editora Paga-livro não é contra a feira de rua. Ela nunca foi contra a feira de rua. Ela abriu um outro caminho, porque nós firmamos uma feira de rua grande e caiu. E todo mundo sabe da história. Já nos jornais. Ali foi um passo para aderir a feira em recinto fechado. Agora o Rolim está trazendo uma proposta diferente. Ele não está trazendo só a feira de rua, para resurgir a feira de rua. Ele está trazendo uma feira de rua fechada, com segurança. Aí é outra história. Acho que tem que insistir nisso, e fazer com que as duas corram paralelas. Eu termino aqui e quero dizer o seguinte: fazer o livro popular não é só jogar o livro na rua. O conteúdo também. A popularização do livro se faz também por seu conteúdo."

uma coisa institucional, não precisa depender só da feira do livro. Nós podemos fazer uma campanha bonita, que não seja lacanha, que seja inteligente, para que as pessoas vejam o livro como uma coisa interessante, transformadora da vida. E uma proposta que esteja fazendo. Acho que a feira está mais do que dificultada. Todo mundo aqui levanta questões interessantes, e eu acho que o poder público e as empresas não compreendem este debate. Mas eu acho que, durante um período, as instituições poderiam fazer uma campanha de valorização da leitura, institucional. Daí aqui, não vai fazer. Isso porque se tem é uma coisa transformadora, transforma a sua vida. E geralmente para melhor, porque exemplos não faltam. E este tipo de campanha, com certeza vai aumentar o público das feiras. Tem que fazer uma campanha para que a pessoa se sinta contrariada se não for à feira."



ALBERTO CALDERIA

AC - "Eu sou literalmente contra a feira do shopping. No meu entendimento a feira que terminou, porque ela elitiza o livro. Voltaria a feira do livro na Praça XV - mas quando eu me

FLÁVIO JOSÉ CARDOZO

FÁBIO BRÜGEMAN

ALBERTO CALDERIA



SALIM MIGUEL

mos e desejamos para Florianópolis é de uma outra espécie. E que não exclui esta que está no shopping. Lá se promove o livro, lá se promove o encontro de muita gente com o livro. Mas a feira que desde longo tempo queríamos, até sob inspiração e primeiros grandes esforços do saudoso amigo Odilon Lunardelli, era aquela feira do livro na praça. Eu reafirmo aquilo que disse no início, de brincadeira, mas agora é de verdade. Eu vejo com otimismo essa discussão e até uma quantidade de dados que tivemos aqui sobre esta velha questão da feira do livro. Então já estamos com uma feira que está ganhando corpo, que é esta fechada, e reacendemos aqui, me parece de uma

maneira unânime, a questão, a vela-mestre, a idéia fundamental, de se ter uma feira aberta de rua, para a comunidade. Reitero esta idéia de que devemos concentrar todas as forças na viabilização desta feira de rua e conseguir que se engaje nesta idéia o Governo, da maneira que achar conveniente e da maneira que os organizadores têm como ideal. Não botar esta feira num lugar onde ninguém vá e sem uma estrutura que dê segurança a ela."

SM - "Parece que ficou aqui a opinião que eu sou contra a feira fechada. Não sou. A não ter feira, é preferível ter uma fechada. Mas que a minha opção é por uma feira de rua, é. E é fundamental que tenhamos isto porque o livro precisa ser mais conhecido, mais divulgado, e é incompreensível, como eu já disse antes, que numa população de 170 milhões de habitantes, como tem o Brasil hoje, um autor relativamente conhecido que publique por uma editora de fora, ou por uma editora daqui, se julgue um best-seller quando consegue vender três mil exemplares do seu livro. Então, as feiras, sob este aspecto, são fundamentais. E nós necessitamos, cada vez mais, que o livro chegue a um público cada vez maior. E, além daqui, a CCL teria também o compromisso de incentivar e participar de feiras em outros municípios. Porque nós temos municípios em SC que têm todas as condições de fazer as feiras - e de se tornarem feiras bastante importantes. Então quero deixar aqui, para o meu amigo Rolim, que não sou contra a feira fechada, mas que a de rua é fundamental."

029: Salim nas alturas.

SALIM nas alturas. **Leitura & Prazer.** Florianópolis: EDUFSC, n. 08, pag. 03, set./out. 2002.

Salim nas alturas

O ex-diretor da EdUFSC, jornalista, escritor e animador cultural Salim Miguel, recebeu da UFSC o título de “*Doutor Honoris Causa*” em solenidade realizada, em junho, no auditório da Reitoria. “A sua magistral obra, que se complementa com a intensa atuação literária e jornalística no Rio de Janeiro e outros estados, teve o mérito de romper o isolamento cultural, projetando Santa Catarina no País e até no exterior”. O título é a principal honraria que a UFSC pode conceder a uma personalidade. Anteriormente a distinção foi dada ao escritor José Saramago, celebrado por Salim mesmo antes da conquista do *Nobel de Literatura*.

Salim, ao completar 50 anos de literatura, conquistou merecidos prêmios: o livro *NUR na Escuridão* ganhou o Prêmio Zaffari&Bourbon, da 9ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo (RS) e o destaque de *Melhor Romance do Ano*, da Associação Paulista de Críticos de Arte. E para coroar as comemorações, Salim foi escolhido o “*Intelectual do Ano*”, recebendo o troféu *Juca Pato 2002*, concedido pela União Brasileira de Escritores (UBE) e jornal *Folha de S. Paulo*.

Durante a solenidade de entrega do título de “*Honoris Causa*”, o professor Dilvo Ristoff, escritor do parecer lavrado



Reitor Luz preside entrega do título de Doutor Honoris Causa: justiça na aldeia

no Conselho Universitário, fez uma saudação à altura do homenageado. O chefe do Gabinete do Reitor, Gilberto Vieira Ângelo, como de costume, leu e assinou solenemente a ata. O Reitor Rodolfo Joaquim Pinto da Luz consumou um pronunciamento digno de uma solenidade tão importante. E o homenageado, Salim Miguel, leu um texto preocupado com um mundo melhor, mais humano, mais

justo. Criticou a globalização, o neoliberalismo, o imperialismo, condenou as guerras e lamentou as desigualdades sociais. A justificativa produzida pela EdUFSC já havia recebido crédito do professor Dilvo no Conselho Universitário. O Coral da UFSC levou um brilho especial ao evento, imprimindo-lhe emoção e sabor de arte, cultura e autenticidade.

030: Um colaborador de primeira hora

LIMEIRA, Claudio. Um colaborador de primeira hora. *Correio das Artes*. João Pessoa, pag. 05, 09 e 10, fev. 2002.

Um colaborador de primeira hora

Cláudio Limeira (*)

O suplemento literário CORREIO DAS ARTES, do jornal A UNIÃO, fundado nos idos 1949 pelo poeta pernambucano Edson Régis, estava para emplacar 50 anos de existência, fato insólito, que fez com que ao longo do tempo viesse a ser o mais antigo em circulação no país. A oportunidade era rara e precisávamos fazer alguma coisa para que não ficasse somente naquela mesmice de evento que, passado os discursos tudo vira, literalmente, vento. Acontece que a empresa estava com um novo chefe, tomando pé das coisas, e só falava em corte de despesas, atendendo orientações superiores. Aos poucos fomos envolvendo outras instituições como SEC (Secretaria de Educação e Cultura), UFPB (Universidade Federal da Paraíba), API (Associação Paraibana de Imprensa), etc. A proposta inicial era uma edição especial de 52 páginas, com capa colorida, papel branco e o lançamento de duas coletâneas (conto e poesia) de autores paraibanos com trabalhos publicados desde a origem do suplemento. Mas o mais importante seria promover um amplo debate, durante o evento, em torno do jornalismo cultural não só daqui do Nordeste como também do restante do país. E aí ficou estabelecido que convidaríamos os editores dos suplementos literários do D.O. de Pernambuco, Mário Hélio, com o poeta e animador cultural Jomard Muniz de Brito; O GALO, suplemento da Fundação José Augusto-RN, Nelson Patriota e Pedro Vicente. Faltava, porém uma representação do Sul. Evidente que seria de um colaborador. Mas como escolher se eram tantos?

Tocamos o projeto no que era mais urgente: a edição das coletâneas. Depois de rastreamos um arquivo bastante empoeirado de 50 anos (toda a coleção), conseguimos sintetizar tudo isso em um pouco mais de mil páginas fac-similadas para daí selecionar não só poetas e contistas mas também abrir um olhar panorâmico em outras raridades: ilustrações, fotos, gravuras destacando seus respectivos autores. É o que era pior, tínhamos que colocar isso tudo em dois livrinhos de pouco mais de 100 páginas cada, por motivos de contenção de despesa. Foi aí que, na tal pesquisa, para nossa surpresa, lá estava um conto de Salim Miguel, "A mulher da janela gris", datado de 14. 08.1949, que depois ele viria a se referir num depoimento no jornal A Notícia, de Sta. Catarina e republicado no Correio das Artes (02.05.99): "era editor o poeta Edson Régis e em um dos primeiros números já havia uma colaboração minha: misto de crônica/conto bem fraquinhá, mas que serviu de estímulo para o iniciante"(1). Portanto lá estava a figura que mais merecidamente participaria das nossas comemorações. E ele diz mais adiante: "certo dia atendo o

telefone. Cláudio Limeira me diz: "Queremos convidá-lo para as comemorações dos 50 anos de nosso suplemento cultural. Aceita? E eu sem titubear: Claro que aceito. Mas por que logo eu?" E ele rindo: "Queremos alguém de mais longe, que tenha colaborado na primeira fase do nosso suplemento e que ainda continua colaborando. E que nos fale um pouco da importância dos suplementos culturais na vida do país". E eu: "Ah, sim, entendi, vocês estão é em busca de um sobrevivente que ateste a permanência do tablôide durante todos esses anos".(2)

As atividades comemorativas do cinquentário se estenderam por toda a última sema-

Depois das palestras, das mesas-redondas, as discussões se esticavam regadas, evidentemente, a uma cervejinha bem gelada, no barzinho do terraço da API. Ou mesmo uma proveitosa conversa informal que tivemos na Superintendência da Editora do Jornal A UNIÃO, com a participação de Salim, Eglé, Yó, Jomard Muniz, Nelson Patriota, eu, Zélio Marques (então superintendente da empresa) e de vários jornalistas, onde os convidados falaram sobre jornalismo cultural, literatura, mercado editorial, interação cultural entre os estados, predomínio do mercado editorial no eixo Rio/S.Paulo, domínio pelas elites dos meios de comunicação, etc, etc, etc.

Numa avaliação final todos ficamos felizes pelos objetivos alcançados, afinal as comemorações haviam extrapolado as nossas expectativas. Salim e Eglé emprestaram (sem desmerecer os demais) um brilho especial em todos os momentos. Através deles, com suas experiências, abriu-se um leque para um maior intercâmbio entre a produção literária local com os demais estados que participaram do evento.

Agora, Salim Miguel chega aos 50 anos de literatura. Até nisso uma coincidência com o Correio das Artes: MAKTUB!

Acontecimentos assim são raros e até insólitos num país que está perdendo a sua identidade cultural a olhos vistos, mas que não deixa de ser estimulante a luta dos desiguais, dos escritores, artistas, povo em geral, contra esse massacre globalizante que entra na nossa pele a ferro e fogo. E é como bem diz o próprio Salim, num de seus textos: "o que seria da vida sem desafios. E sem a insatisfação, que deve marcar todo ato criador, pois nunca devemos nos considerar plenamente realizados mas sempre em busca de algo mais"(3).

E nesta luta ele é um grande exemplo com seus 50 anos de estrada. O CORREIO DAS ARTES jamais poderia deixar de se aliar a estas justas homenagens ao meio século que o escritor tem dedicado ao mundo mágico da palavra. Seus escritos têm uma tônica, uma marca forte, não só do nosso povo mas também do povo que lhe deu origem: imigrantes corajosos que orgulhosamente não perderam suas identidades, mas que souberam, criativamente, absorver a nossa.

Hoje a obra de Salim Miguel é, indiscutivelmente, patrimônio cultural não só do seu estado mas também de todo o povo brasileiro.

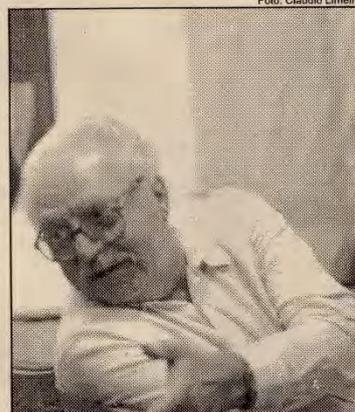


Foto: Cláudio Limeira

Salim Miguel

na de março daquele ano, quase sempre nas dependências da API (Associação Paraibana de Imprensa). No dia 25.03.99, Salim Miguel discorreu sobre o tema: "Os suplementos Literários no Jornalismo Cultural", tendo como intermediadores Jomard Muniz de Brito e Hildeberto Barbosa Filho, e logo em seguida "Literatura e Jornalismo Infante-juvenil, com Eglé Malheiros debatedora e Neide Medeiros/Yó Limeira como intermediadoras.

A conclusão dos eventos deu-se na manhã do 27, com lançamentos de livros e show musical. Mas como sempre acontece nesses eventos, a parte mais interessante é, em geral, aquela que envolve os encontros espontâneos, reencontros, bate-papos descontraídos, almoços de confraternização, etc. E aqui não poderia ser diferente.

(1) e (2) Jornal A Notícia - Sta. Catarina - 14.04.99 - Transcrito no Correio das Artes de 02.05.99

(3) Plaquete: *Apointamentos sobre o meu escrever*, págs. 23/24 Coleção Mapa - Sta. Catarina.

* Poeta paraibano. Do livro, editado pela Fundação Catarinense de Cultura, *Salim na Claridade* (24 depoimentos sobre o escritor pelos 50 anos de atividade literária)

031: Salim Miguel um doutor escritor

SALIM Miguel um doutor escritor. **Jornal Universitário-UFSC**. Florianópolis, abr. 2002, Chamada na capa com foto para a matéria, ano 12, n. 354.

Jornal Universitário
Universidade Federal de Santa Catarina - Ano XII -Abril de 2002 - Nº 354

PORTE PAGO
DR/SC
PTR/SC 0860/99

30 centavos

CULTIVANDO O MAR

UFSC colabora com o crescimento e controle de qualidade da produção de ostras em Santa Catarina

8 

Ponto de Vista 3
Uma reflexão sobre o papel do Conselho Universitário

Pesquisa 10
Novos tratamentos para o Mal de Parkinson

Saber Novo 12
Tecnologia a serviço da pesca

Espaço Cultural 4
SALIM MIGUEL
Um "Doutor" escritor



Uma poeta conta histórias 14

Laboratório é referência em Chagas e Leishmaniose 6

Memória: a determinação do ex-reitor Stemmer 16

032: Salim Miguel: vou ser um escritor sim, e com esse nome

TAVARES, Elaine. Salim Miguel: vou ser um escritor sim, e com esse nome. **Jornal Universitário-UFSC**. Florianópolis, ano 12, n. 354, abr. 2003. Espaço Cultura, pag. 04 e 05.

4 Espaço Cultural Jornal Universitário
abr. 1 de 2003

O Conselho Universitário da UFSC aprovou no dia 26 de março a concessão do Título de Doutor Honoris Causa ao escritor e jornalista Salim Miguel. A proposição do título foi do Magnífico Reitor, e o parecer sobre a sugestão foi do diretor do Centro de Comunicação e Expressão, Dilvo Ristoff. No seu parecer, o professor Ristoff destacou "que a UFSC, como espaço de promoção da arte e da ciência, deve a Salim Miguel a mais enfática manifestação de seu apreço e admiração - pela sua obra, pelo seu exemplo de vida e pela sua incansável dedicação à promoção das manifestações artístico-culturais de nosso estado." Salim Miguel, que completou em janeiro 78 anos de idade, foi também diretor da Editora da UFSC de 1983 a 1991. A reportagem que o JU publica revela um pouco do homem Salim Miguel.

SALIM MIGUEL

Vou ser escritor sim, e com esse nome!

Elaine Tavares
Jornalista

Nos olhos amendoados, escuros feito azeviche, dá para ver o menino de calças curtas, correndo livre pelas ruas de Biguaçu, em direção à livraria do poeta cego João Mendes. Menino sedento de letras, de livros, de saber. O mesmo que, poucos meses depois de sentar na primeira série do grupo escolar, chorou ao receber um elogio da professora. "Vejam, chegou aqui ontem, é turco, e hoje escreve melhor do que vocês". Naquele dia Salim sentiu o salgado das lágrimas correr pela carinha semita. Até hoje não sabe se chorou pelo elogio ou pelo "turco". É que os libaneses odeiam ser chamados de turco. Mas, afinal, não importa. O menino, que nasceu no Líbano, venceu o preconceito, a pobreza, a dor, a prisão, hoje é um importante escritor do país e o mais novo "Doutor Honoris Causa" da Universidade Federal de Santa Catarina.

Côria o ano de 1924, e dois libaneses ainda jovens, com três filhos, decidiram mudar para os Estados Unidos. Lá a vida seria melhor que nos caminhos poeirentos e pobres da terra natal. Mas, uma doença obrigou-os a ficar em Marselha, na França. Situação resolvida, a família decidiu vir para o Brasil, onde o homem tinha uma irmã. A idéia era fazer um dinheiro e depois seguir para os EUA. Assim, o destino foi São Pedro de Alcântara, núcleo de colonização alemã. Ali, Salim Miguel viveu suas primeiras lembranças. Aulas em árabe e alemão, alfabetizado pelo pai, que tinha sido professor no Líbano. Este, apaixonado pelo Brasil, nunca mais pensou em EUA. Só saiu de São Pedro de Alcântara quando o padre da comunidade disse na missa que as pessoas não deveriam comprar na venda do "gringo". Ninguém mais foi lá e o negócio ruiu.

Mudaram para Biguaçu, e ali, perto do mar, o garotinho Salim foi atrás de seu destino: as palavras. Respeitado pela professora por sua facilidade em lidar com as letras, ele queria mais. Queria livros. Na cidade não havia biblioteca. Mas

tinha a livraria do poeta cego que também era doído por livro. Fazia pedidos em consignação. Ninguém comprava, mas eles iam. É que Salim tinha vencido a vergonha e ido lá pedir para ler os livros que mofavam nas prateleiras. Lá para João, em voz alta, de quatro a seis horas por dia, e assim matava sua sede. Um acordo feliz. Aos 12 anos já lera Schopenhauer. E não era só isso. Devorava tudo que aparecia, livros de aventura, folhetins, romances e escrevia e escrevia e escrevia. Já sabia o que queria fazer. Descobriu aos 10 anos quando o pai, vendo-o grudado em papéis lhe perguntara. - O que tu pretendes da vida? - "Ler e escrever", dissera, sem titubear. Foi o que fez e ainda faz.

O Grupo Sul
O apartamento de Salim tem a cara dele e da mulher Eglê. Sem luxo, discreto, na medida. Uma sala simples, um sofá antigo, um estante cheia de CDs. Mas as paredes estão repletas de arte de Santa Catarina. Quadros de artistas locais cobrem o branco e pulam na cara de quem chega. Na frente de Salim, um Dom Quixote pintado por Hassis parece espelhar o homem de gestos doces, que ri com os olhos cheios de saudade ao lembrar a vinda para Florianópolis. Eram os tempos da guerra. O pai, que vendia fiado, confiando nas cademetas, não conseguia receber dinheiro dos credores. Faliu outra vez. Foi tentar a sorte na capital. Salim era o mais velho de sete filhos mas, como não sabia vender, só ia ao armazém, uma vez por mês, para fazer a contabilidade. Naqueles dias, o rapazote já era jornalista free-lance, mas seu primeiro emprego de carteira assinada foi em 1951, no jornal *Diário da Manhã*.

Enquanto demorava nas páginas dos jornais as crônicas do cotidiano Salim também participava da efervescência literária da velha Destemero. A juventude ilhoa ansiava por fazer soprar por aqui os ventos da Semana de Arte Moderna, que sequer passara como brisa. Foi quando nasceu o Círculo de Arte Moderna, mais tarde transformado num importante movimento cultural de Florianópolis, o Grupo Sul. Nele, toda a gente que lidava com cultura passou a militar. Eram artistas plásticos, atores, cineastas, escritores e aquilo virou um turbilhão. Veio a *Revista Sul*, a Editora e o grupo se manteve por 10 anos. Ao todo foram publicados 30 números da revista e 10 livros. Praticamente todos os participantes do grupo fizeram sua primeira publicação a partir daquele movimento. A vida da Semana de Arte Moderna não veio como brisa mas como vento sul. Varreu a ilha e firmou nomes. Salim era um deles.

Mas o vento sul não varreu só a cultura bofarente e conservadora, trouxe ainda o amor. Nesse movimento veio Eglê Malheiros, que entrou na vida de Salim e aí está, há 55 anos, companheira e crítica mais atilada. Desse encontro de almas artista nasceram cinco filhos, todos ligados à palavra. "Não seria o escritor que sou se não fosse ela", diz, emocionado. Eglê é a primeira a ler os textos, dá sugestões, discute. Ele, às vezes não concorda, mas deixa o texto dormir, depois volta a ler e admite. Reescreve. "É que, para mim, escrever é a arte de reescrever e cortar palavras".

“Descobri aos 10 anos quando o pai, vendo-o grudado em papéis lhe perguntara. - O que tu pretendes da vida? - "Ler e escrever"**”**



O golpe, o Rio, a volta

Quando o Brasil caiu sob o regime militar, os jovens escritores, marcadamente de esquerda, estavam "fritos". Pouco depois do golpe Salim foi preso, ficou 48 dias na cadeia. Quando saiu, não tinha mais o emprego no governo do estado, nem no jornal. Decidiu se exilar dentro do próprio país. Foi para o Rio de Janeiro, transferido, já que era funcionário da Agência Nacional de Notícias. Não foi fácil para esse libano/biguaçuense ficar longe do seu lugar, mas não havia jeito. Florianópolis já não era a mesma. Foram 14 anos de exílio e uma longa experiência na imprensa, na literatura e no cinema.



"Por fantástica que possa parecer uma história ela nunca é inventada. Sempre existe algo lá, preso na memória, visto ou ouvido"



Quando a democracia começou a acenar ele voltou à ilha e desembarcou na Universidade Federal. Veio para a Assessoria de Imprensa, transferido da Agência Nacional. Mas, quis o destino que o diretor da recém criada Editora da UFSC recebesse uma proposta e fosse embora. Salim assumiu. Ali ficou até 1991, quando se aposentou. Deixou marcas. Garantiu as verbas para a construção do prédio da editora e montou toda a estrutura do setor. Não é à toa que a UFSC tem uma dívida com o escritor.

Salim conta que depois da aposentadoria teve mais tempo para os seus livros. Ao longo da vida sempre escrevera nos intervalos. Jornalista, metido em movimentos culturais, tinha jornadas de 12, 15 horas. Os livros brotavam no meio de um fechamento de revista, na folga para um café, nos finais de semana. Além disso tinha por costume ler, ler muito, de cinco a seis horas, também nas folgas, no "quando dá". Nesses 10 anos de aposentado fez mais 10 livros. Agora, o criador está livre.

Como constrói mundos

Para Salim, escrever é vocação. É coisa feita, inata. Ele não planeja, não constrói "planta baixa" dos romances e textos. Não faz estudo de personagens. Quando senta diante na velha máquina de escrever – é, ele ainda usa uma – tem apenas uma vaga idéia. Às vezes, as personagens ganham vida, se rebelam, viram o que ele não pensara, tomam conta. "Nunca consegui escrever um livro certinho, começando no começo e indo para o fim. Tudo é feito aos borbotões. O Nur foi assim. Em blocos. Eu desestruturo para depois estruturar".

A palavra é sua obsessão, seu amor, seu abismo. Ele escreve, reescreve. Nur teve nove versões. Começou com 500 páginas, terminou em 250. O machado da perfeição cortando, burilando, lapidando. Adjetivos, não gosta. Só em ocasiões muito especiais. Prefere os verbos, ação, ritmo, vertigem. A memória é o cântaro mágico de onde brotam os seres de sua prosa, romances e novelas. "Por fantástica que possa parecer uma história ela nunca é inventada. Sempre existe

algo lá, preso na memória, visto ou ouvido". Salim carrega a maldição dos jornalistas. Olhar atento, ouvidos atilados. Das histórias das vidas que se derramam vinganças as personagens. Verdadeiras. Reais.

A vida hoje

Salim se pega triste, muito triste. Vê na TV os horrores em Israel, a luta do povo palestino. Lembra do pai que dizia - "são todos semitas, é luta de parentes" – e balançava, desconsolado, a cabeça. "Israel recebe três bilhões de dólares dos EUA todos os anos, e ainda as armas. Hoje cercam o Arafat e o primeiro ministro diz que lamenta não tê-lo matado. Onde vai parar o mundo? A ONU pediu que os tanques saíssem. Não tinha que pedir. Era ordenar. Os jovens palestinos se explodem em desespero. Isso tem que acabar", diz Salim, tão desconsolado quanto o pai.

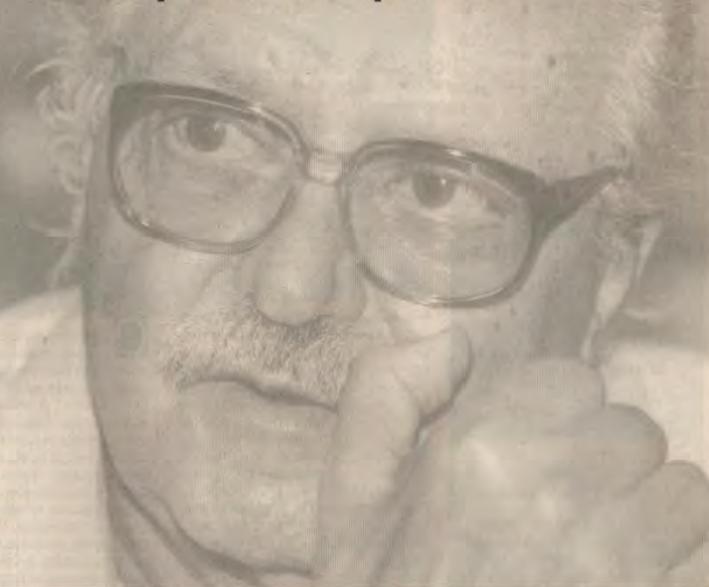
O escritor homenageado pela UFSC é um homem de esquerda. Sofre também pelo Brasil. Não suporta saber que vive num país com 52 milhões de miseráveis, prisioneiros da fome, da violência. "Não entendo porque poucos têm tudo e a maioria cada vez menos. Não entendo ter que haver os sem-terra com essa barbaridade de terra que há. Mas acredito na humanidade e sei que temos que lutar".

O título de *Doutor Honoris Causa* traz a emoção de volta aos olhos graúdos de Salim. Ele pigarreja, faz si-

lêncio e depois diz que não esperava essa honra. Confessa que é, talvez, a coisa mais importante que recebeu nos 78 anos de vida. "Eu vi o sonho da UFSC nascer, vi o primeiro prédio, acompanhei o crescimento e, depois, durante 10 anos minha vida esteve ali. Sei o papel da UFSC na comunidade catarinense. É uma honra. Eu me sinto emocionado". Salim Miguel diz que está feliz mas não realizado. "Um homem realizado não teria o que fazer no mundo. Eu tenho". Tem três "vagas idéias" para três livros, está em ebulição. Sua maior tristeza é não poder mais mergulhar na leitura. Tem um problema na vista. Mas trocou as seis horas de leitura por seis horas de música. Ouve tudo, embora prefira a clássica e a MPB.

Salim Miguel já é lenda. É parte de Santa Catarina. De Biguaçu. Mas ele não gosta do próprio nome, por isso faz tantas personagens sem nome. Diz que foi um colega de classe, quando era menino, que lhe disse - tu vais ser escritor com esse nome? – Emburrado e acometido de sua atávica veia árabe ele decidiu: - Vou ser escritor sim, e com esse nome! - De fato é. E dos bons. Na porta, ao se despedir, ele nem sabe, mas quem sorri é o mesmo menino de calças curtas que corria para a livraria do poeta cego. Está ali, inteiro e ainda com sede...muita sede... 

"Não entendo ter que haver os sem-terra com essa barbaridade de terra que há. Mas acredito na humanidade e sei que temos que lutar"



033: A literatura valorizada

GIORDANO, Rafaela. A literatura valorizada. **Diário Catarinense**. Florianópolis, 01 out. 2002. Variedades, pag. 01.

A literatura valorizada

RAFAELA GIORDANO

O escritor Miguel Sanches Neto foi agraciado com o primeiro lugar da categoria nacional do *Prêmio Cruz e Sousa 2002 - Concurso Nacional de Contos*. Jaime Ambrósio venceu na categoria catarinense. Os resultados foram divulgados na manhã de ontem na sede da Academia Catarinense de Letras (ACL), no Centro Integrado de Cultura (CIC).

"O Prêmio Cruz e Sousa coloca Santa Catarina no mapa cultural do país", ressaltou o escritor gaúcho Moacyr Scliar, presidente da comissão julgadora, formada ainda pelo jornalista Carlos Heitor Cony, pelo contista Luiz Vilela e pelos professores e escritores Flora Sússekind e Italo Moriconi. A escolha dos textos foi realizada durante o último final de semana, mas de acordo com Scliar, com a ajuda da Internet, os julgadores mantiveram contato quase diário durante os últimos dois meses, período em que leram os aproximadamente 1,5 mil originais inscritos.

Qualidade e originalidade pesaram na hora da escolha

A qualidade literária e a originalidade foram os quesitos decisivos na escolha dos vencedores. Em nome da comissão, Scliar ressaltou a qualidade dos trabalhos, que tornou inicialmente difícil a

task of choosing the best. "Depois de feita uma primeira filtragem, não foi mais tão difícil. Houve uma notável unanimidade entre os julgadores", avaliou Scliar. Para o jornalista Carlos Heitor Cony, a inscrição de quase 1,5 mil originais prova que a literatura não está em decadência, mesmo com a evolução da Internet e afirmações de que a literatu-

ra está desaparecendo.

"A premiação funciona como uma espécie de bolsa para os escritores e é uma grande oportunidade de poder publicar um trabalho", afirmou a escritora Flora Sússekind. "A premiação é muito generosa. Há muito escritor que não ganha isso numa vida toda", afirmou Scliar, que acredita ser muito importante a continuidade

do prêmio. De acordo com o gerente de Letras da Fundação Catarinense de Cultura (FCC), Flávio José Cardozo, o objetivo é realizar o Prêmio Cruz e Souza bianualmente, alternando-se as categorias conto, poesia e romance. A realização do concurso com essas características foi retomada depois de três edições abrangendo os três gêneros.



CLAUDIO SILVA/DC/FLORIANÓPOLIS

SELEÇÃO: O catarinense Salim Miguel (E) conversa com o presidente da comissão julgadora, Moacyr Scliar

034: Aprendendo a escrever na companhia das corruíras

APRENDENDO a escrever na companhia das corruíras. **Diário Catarinense**. Florianópolis, pag. 05, 13 jun. 2002.

Aprendendo a escrever na companhia das corruíras

Em Salim Miguel, a sua adaptabilidade combina-se com a sua capacidade de modificar o mundo a seu redor

Quando Salim Miguel foi escolhido por unanimidade pela União Brasileira dos Escritores, em parceria com o jornal *Folha de S. Paulo*, como o Intelectual do Ano, o prêmio foi pelo livro de contos *Eu e as Corruíras* e o conjunto de sua obra. "Para ganhar, precisa ser por um trabalho em especial e pelo conjunto da obra", explica o escritor.

As corruíras do título são pequenos pássaros, do tipo que há muitos perto da casa de praia do escritor na Cachoeira do Bom Jesus, em Florianópolis, onde vários deles construíram ninhos entre as telhas. "Eu gosto muito de ler ouvindo música e as corruíras têm um piar muito desagradável, ainda mais quando os filhotes piam para pedir comida". As pequenas aves estavam impedindo Miguel de escrever, mas ele não desanimou. "Depois de um tempo, era o contrário: eu já não conseguia mais ler sem as corruíras. Por isso, quando fui colocar o título, escolhi esse, pois representa a capacidade de adaptação do ser humano", compara.

Essa capacidade de Miguel já foi testada antes. Em 1964, foi preso logo depois do golpe militar e a sua livraria, que já havia vendido há cinco anos, mais ainda era conhecida como "livraria do Salim", foi saqueada e teve boa parte do acervo queimada, pois incluíam obras esquerdistas ou ligadas ao Partido Comunista. Foi a fogueira de livros mais famosa de Florianópolis. "En-

quanto estava na cadeia, sentia muito medo e vi que havia três possibilidades: ou eu ficaria lá por muito tempo e, portanto, precisaria me adaptar ou logo seria solto e não havia com o que me preocupar ou eu logo seria submetido a violência física e psicológica e não tinha como impedir", lembra. "Precisei me moldar".

Adaptação sim, mas acomodação não

No caso de Miguel, essa adaptabilidade combina-se com a capacidade de modificar o mundo a seu redor. Foi assim desde que, aos 3 anos de idade, chegou ao Brasil, vindo do Líbano, onde nasceu em 1924. Depois de mudar-se de Biguaçu para Florianópolis (até hoje diz que sua nacionalidade é libano-biguaçuense), sua participação foi definitiva para articular o Grupo Sul, entre 1946 e 1957. Depois de preso, já em 1964, um movimento de escritores e intelectuais, liderado pelo escritor Adonias Filho, tirou-o da cadeia, mas, mesmo assim, Miguel percebeu que não havia mais clima para continuar em Florianópolis e foi para o Rio de Janeiro, onde, em 1975, fundou outra revista, a *Ficção*, em parceria com a mulher Eglê Malheiros. Durou até 1979, quando ele voltou a Santa Catarina, onde continuou sua produção, ao mesmo tempo em que assumia a Editora da Ufsc e, depois, a superintendência da Fundação Franklin Cascaes. Sem se acomodar.



JORNALISTA: Miguel na Redação da *Manchete*, em 1978

035: Doutor Salim: assim estava escrito

PEREIRA, Mário. Doutor Salim: assim estava escrito. **Diário Catarinense**. Florianópolis, pag. 05,14 jun. 2002.

Doutor Salim: assim estava escrito

MÁRIO PEREIRA

▼ EDITOR DE OPINIÃO

Dizer que a homenagem acadêmica que hoje se presta a Salim Miguel é merecida equivale a chover no molhado. Prestando-lhe a honraria mais alta que pode conceder, a universidade tão-somente cumpre um dever de justiça que expressa, também, uma vontade coletiva. Sim, porque Salim soube tão bem interpretar a alma, os anseios e as vivências do seu povo que este, homenageando-o, a si mesmo homenageia, e ficam felizes todos.

Salim, o homem e o escritor que se confundem na integridade da vida e da obra. Maktub. Estava escrito desde o dia em que o menino veio ao mundo lá no distante Líbano e depois atravessou o mar para, finalmente, aportar com a família em Biguaçu, logo aqui ao lado, que ele seria um contador de histórias, e que para elas transferiria sua a intencionalidade de sua vida reta. E assim ele o fez desde os 12 anos, quando escreveu sua primeira história. “- Uma narrativa curta, fantástica, onde se fundia o que eu vinha lendo, de histórias infantis a tremendos folhetins, como os de Michel Zevaco, O Tronco do Ipê, de José de Alencar, alguma coisa de Machado de Assis, trechos de O Mandarim, de Eça de Queiroz, e até As Dores do Mundo, de Schopenhauer”, informa-nos ele em Apontamento Sobre o Meu Escrever.

Esta narrativa da infância foi sem dúvida um bom começo para a obra que começou com o lançamento de Velhice e Outros Contos, em 1951, e cuja construção continua crescendo em vigor e expressão, e cujo ponto alto (outros pontos altos virão, por suposto) foi o romance Nur - Na Escuridão, premiado pela Associação Paulista de Críticos de Arte ano passado. Uma obra que lhe valeu dias atrás o título de O Intelectual do Ano no país, com a conquista do Troféu Juca Pato, conferido pela unanimidade do júri.

Nur sintetiza em ponto máximo a trajetória agora cinquentenária do labor literário de Salim Miguel, pois nele estão presentes todas as marcas que o tornaram um escritor tão singular na cena brasileira e tão amado pelos leitores. Como este romance ímpar, todo feito de memória, de criação e recriação do tempo ido e vivido, de formação e transformação, assim é toda a obra do nosso escritor-patrimônio. Vitalidade, carne, osso, músculo e nervo. E também de requintada elaboração e fruição, estranhamento e beleza, com sonoridade e sintaxe especialíssimas.

Quando lemos e relemos as obras de Salim, fica a certeza: este é um escritor que será lido e relido por muito e muito tempo na contrada das gerações porque tem a vocação da permanência no seu talhe clássico e no seu timbre universal. Na homenagem a Salim, um preito de gratidão ao homem que soube escrever livros e também uma vida em linha reta. Maktub.

036: Salim Miguel ganha troféu Juca Pato

ANGIOLILLO, Francesca. Salim Miguel ganha troféu Juca Pato. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 06 jun. 2002. Ilustrada/Literatura, pag. E7.

Salim Miguel ganha Troféu Juca Pato

FRANCESCA ANGIOLILLO
DA REPORTAGEM LOCAL

O jornalista e escritor Salim Miguel, 78, foi anunciado vencedor do Troféu Juca Pato, correspondente ao concurso Intelectual do Ano, promovido pela União Brasileira de Escritores com patrocínio da Folha.

O prêmio é concedido anualmente, desde 1963, a um intelectual que tenha publicado uma obra relevante para a cultura nacional no ano anterior. Salim Miguel foi candidato único.

No caso de Miguel, a obra que rendeu o reconhecimento foi "Eu e as Corruínas" — que já era, em si, uma homenagem à coletânea, lançada em Florianópolis pelas Edições Sul, comemorava os 50 anos da carreira literária do jornalista libanês, que chegou a Santa Catarina aos três anos de idade.

"A primeira coisa que eu diria [sobre o prêmio] é que isso reativa o interesse pela obra do escritor", diz Miguel, por telefone à Folha. "Com isso, as pessoas vão se perguntar por que Salim Miguel, e não outro escritor, recebeu o Prêmio Intelectual do Ano."

"Em segundo lugar, é um incentivo para alguém que trabalha como jornalista em livros há mais de 50 anos", diz o autor de sua carreira, marcada pelo "esforço para entender o bicho-homen".

As intenções de Miguel encontram eco no ofício que o aclama vencedor. O documento classifica "Eu e as Corruínas" como o coroamento da obra de "um grande incentivador das artes e da literatura", que "sempre incorporou aos seus escritos uma visão nacionalista da literatura e um sentimento de soberania nacional em suas apreciações críticas".

O ofício destaca ainda o comprometimento de Miguel com "a linha do pensamento brasileiro" e o lembra como intelectual que se bate pela "persistência da luta em

defesa dos nossos valores e da justiça social".

Na biografia de Salim Miguel — jornalista que "fez de tudo, até horóscopo", trabalhando entre Santa Catarina e Rio de Janeiro —, o momento crucial dessa luta encontra lugar em sua prisão, no ano de 1964, pelo regime militar.

A experiência está registrada em "Primeiro de Abril, Narrativas da Cadeia", escrito numa incômoda segunda pessoa — porque, conta, não quis se "colocar demais", porque "estava preso com outros 60", e buscou evitar o distanciamento excessivo que julgava resultar a terceira pessoa.

"Costumo dizer que sou, basicamente, jornalista profissional; são raríssimos os que vivem de direitos autorais de seus livros", afirma o autor de mais de 20 títulos — "15 ou 16", calcula, de ficção, nutridos com frequência no exercício da reportagem.

"Trabalhando para a revista 'Manchete', percorri todo o Brasil; conheço todos os Estados brasileiros à exceção de dois, Mato Grosso do Sul e Acre."

"As vezes, em conversas, anota incidentes que não tinham nada a ver com o trabalho para a revista" — mas que deram em contos e romances. Resultado dessa mescla está, por exemplo, em "A Voz Submersa". Publicado originalmente pela editora Global, o romance está esgotado, mas Miguel sonha com que volte ao prelo, por conta do Juca Pato.

"Voz", conta Miguel, parte de histórias que não puderam sair na imprensa, por causa da censura.

"A base do romance é o assassinato do estudante Edson Luis, no restaurante Calabouço, em 68." No livro, uma mulher ("já problematizada") assiste à morte do secundarista. O romance acompanha as consequências que o fato tem sobre sua vida pessoal.

Outra fonte fundamental na literatura de Salim Miguel está em sua própria origem libanesa. "No meu caso, em boa parte dos meus 16 livros de ficção, ela aparece direta ou indiretamente."

É o caso de um de seus romances mais recentes, "Nur na Escuridão" ("não é nu, é Nur, com r", frisa), que conta a saga da "nova descoberta do Brasil" por uma família de imigrantes libaneses e como ela se transforma, "sem perder suas raízes", em uma família de brasileiros.

No próximo dia 13, culmina a fase de homenagens a Miguel: na data, o escritor que se forjou entre a redação e as histórias das Árabs contadas pelo pai, vira doutor honoris causa pela Universidade Federal de Santa Catarina.

LITERATURA

Salim Miguel ganha o prêmio de Intelectual do Ano com *Eu e as Corruínas*. Jornalista, o libanês que chegou ao Brasil ainda criança inspira-se em fatos do cotidiano para criar contos e romances

Olhar de repórter

Da Agência Folha

Há décadas que Salim Miguel corre quase todo país para colher fatos e notícias. Jornalista, usa o olhar para observar histórias que não eram alvo direto de sua pauta de trabalho. Assim, criou manancial para alimentar contos e romances. Na terça-feira, o escritor de 78 anos foi anunciado vencedor do Troféu Juca Pato, correspondente ao concurso Intelectual do Ano, promovido pela União Brasileira de Escritores. O prêmio é concedido anualmente, desde 1963, a um intelectual que tenha publicado uma obra relevante para a cultura nacional no ano anterior. Salim Miguel foi candidato único.

No caso de Salim Miguel, a obra que rendeu o reconhecimento foi *Eu e as Corruínas* — que já era, em si, uma homenagem: a coletânea, lançada em Florianópolis pelas Edições Sul, comemorou os 50 anos da carreira literária do jornalista libanês, que chegou a Santa Catarina aos 3 anos de idade.

"A primeira coisa que eu diria é que o prêmio reaviva o interesse pela obra do escritor", ressalta Miguel. "Em segundo lugar, é um incentivo para alguém que trabalha como jornalista em livros há mais de 50 anos", completa.

As intenções de Salim Miguel encontram eco no ofício que o aclamou vencedor. O documento classifica *Eu e as Corruínas* como o coroamento da obra de "um grande incentivador das artes e da literatura."

HORÓSCOPO NO CURRÍCULO

Na biografia de Salim Miguel — jornalista que "fez de tudo, até horóscopo", trabalhando entre Santa Catarina e Rio de Janeiro —, o momento crucial dessa luta encontra lugar em sua prisão, no ano de 1964, pelo regime militar.

A experiência está registrada em *Primeiro de Abril, Narrativas da Cadeia*, escrito numa incomum segunda pessoa — porque, conta, não quis se "colocar demais", "estava preso com outros 60", e buscou evitar o distanciamento excessivo que julgava resultar a terceira pessoa.

Leonardo Aversa / O Globo



SALIM MIGUEL FOI RECONHECIDO PELO LIVRO *EU E AS CORRUÍNAS*: COLETÂNEA COMEMOROU 50 ANOS DE CARREIRA

"Costumo dizer que sou, basicamente, jornalista profissional; são raríssimos os que vivem de direitos autorais de seus livros", afirma o autor de mais de 20 títulos — "15 ou 16", calcula, de ficção, nutridos com frequência no exercício da reportagem.

A mistura de jornalismo e literatura está, por exemplo, em *A Voz Submersa*. Publicado originalmente pela editora Global, o romance está esgotado, mas Miguel sonha com que volte ao prelo, por conta do Juca Pato. O livro, conta Miguel, parte de histórias que não puderam sair na imprensa, por causa da censura.

"A base do romance é o assas-

sinato do estudante Édson Luís, no restaurante Calabouço, em 68." No livro, uma mulher assiste à morte do secundarista. O romance acompanha as consequências que o fato tem sobre sua vida pessoal.

Outra fonte fundamental na literatura de Salim Miguel está em sua própria origem libanesa. "No meu caso, em boa parte dos meus 16 livros de ficção, ela aparece direta ou indiretamente". É o caso de um de seus romances mais recentes, *Nur na Escuridão* ("não é nu, é Nur, com r", frisa), que conta a saga da "nova descoberta do Brasil" por uma família de imigrantes libaneses e

como ela se transforma, "sem perder suas raízes", em uma família de brasileiros.

No dia 13, culmina a fase de homenagens a Miguel: na data, o escritor que se forjou entre a redação e as histórias das Arábias contadas pelo pai, vira doutor honoris causa pela Universidade Federal de Santa Catarina.

GRANDE PRÊMIO DE PASSO FUNDO

Salim Miguel é um colecionador de prêmios. No ano passado, o escritor dividiu com Antônio Torres o grande prêmio da 9ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo. Ele concorreu com a obra *Nur na Escuridão* (Topbooks), enquanto o escritor baiano venceu com *Meu Querido Canibal* (Record). Os dois dividiram o prêmio de R\$100 mil, um dos mais altos pagos no Brasil. Na época, eles concorreram com Domingos Pellegrini (O Caso da Chácara Chão) e Rubem Fonseca (O Doente Molière). (Da Redação)

SERVIÇO

Algumas obras do autor

AS AREIAS DO TEMPO
Contos.
Editora Global.
R\$ 25,00.

NUR NA ESCURIDÃO
Romance.
Editora Topbooks.
R\$ 25,00.

PRIMEIRO DE ABRIL — NARRATIVAS DE CADEIA
Romance.
Editora José Olympio.
R\$ 19,00.

AS CONFISSÕES PREMATURAS
Editora Letras Contemporâneas.
R\$ 25,00.

038: Salim e Eglê comungam conversa

PEDROSO, Néri. Salim e Eglê comungam conversa. **A Notícia**. Joinville, 05 jun. 2002. Anexo/Leitura, pag. C6.

Leitura

Novo livro de Mário Pereira, lançado hoje na Capital, expõe reflexões sobre literatura

Salim e Eglê comungam conversa

NÉRI PEDROSO

Joinville — Quem os conhece sabe que um bate-papo com eles é imperdível. Quando Salim Miguel se põe a contar histórias é uma delícia, proporcionando o mesmo prazer que as crianças sentem ao ouvir os relatos do passado dos avós. Hoje, ao lado de sua sempre companheira, Eglê Malheiros, o autor do celebre "Nur na Escuridão" participa do lançamento do primeiro volume da coleção Memória do Livro, um projeto do Escritório do Livro.

Nesta co-edição do Escritório do Livro e Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina (Iosc), o livro "Memória de Editor" tem uma infalível capacidade de envolver o leitor, que lê num fôlego só, embalado pelas narrativas de Salim e Eglê. A obra foi organizada por Dorothee de Bruchard e ganhou prefácio de Walter Carlos Costa.

Com a proposta de registrar a história da edição catarinense e brasileira, Tânia Placentini e Dorothee de Bruchard ouviram Salim e Eglê. Juntos, eles relembram a pioneira aventura editorial do Grupo Sul, na Santa Catarina dos anos 40-50, e a edição da revista "Ficção", no Rio de Janeiro, na década de 70. Salim também recorda sua experiência à frente da Editora da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e os projetos editoriais que coordenou na Fundação Franklin Cascaes (FFC). Comilhões, eles desvendam a luta de quem vive para qualificar o cenário cultural do Brasil.

Dorothee de Bruchard dará continuidade à coleção, resgatando narrativas diferenciadas da área editorial. Planeja entrevistas com editores, livreiros, ilustradores, relatos documentados em tiragens que serão quase integralmente doadas a bibliotecas estaduais e nacionais. As próximas publicações trazem as memórias de Cláber Teixeira, da Editora Noa Noa, e Arnaldo Campos, escritor e livreiro em Porto Alegre (RS).

O Escritório do Livro é uma associação sem fins lucrativos, com sede em Florianópolis, que atua para promover o livro em seus vários aspectos e manifestações. Preservar a memória da imprensa e da edição, assim como valorizar e divulgar as diversas artes e técnicas envolvidas na feitura do livro, estão entre as metas do projeto.

No site www.escriptoriodolivro.org.br são disponibilizados artigos, ensaios, informações, uma bibliografia comentada na área do livro e da leitura, que conta com o apoio de 21 editoras, sendo quatro portuguesas.

■ O QUE: Lançamento do livro MEMÓRIA DE EDITOR, com Salim Miguel & Eglê Malheiros. QUANTO: Hoje, às 19h. ONDE: Livraria Arariana, rua Trajano, 53, Escadaria do Rosário, centro, Florianópolis. QUANTO: R\$ 13,00.



e

conteúdo

CARLOS DAMIÃO

Florianópolis — A leitura pode proporcionar o crescimento pessoal e o desenvolvimento de senso crítico em relação à realidade, desde que o leitor não seja um mero agente passivo, mas um participante do conteúdo expresso no livro. São teses como esta que o jornalista e professor Mário Pereira defende em seu livro mais recente, "Ao Pé da Letra — Escritores Catarinenses Contemporâneos e Outros Textos", editado pela Garapuvu, cujo lançamento acontece hoje, na Assembléa Legislativa, em Florianópolis. A coletânea de artigos críticos, originalmente publicada em jornais, faz um recorte da literatura catarinense, mediante escolhas pessoais do autor, que é editor de opinião e crítico literário do "Diário Catarinense". Além disso, contém ensaios sobre escritores estrangeiros, cinema, jornalismo e cultura. Todos os textos são apresentados de forma didática, com recursos de referência que facilitam a leitura, a compreensão e eventuais discussões. As preferências manifestadas no livro representam o gosto pessoal do autor. Por se tratar de um homem de formação iluminista, Pereira não pode esquecer nem ocultar seu vínculo com a boa educação, refina-

da até sem jamais cair na tentação do pedantismo, a infelicidade maior que acomete alguns intelectuais brasileiros, catarinenses incluídos, é claro. Sua militância em favor da verdadeira cultura está expressa em cada linha, em cada parágrafo dos textos que compõem a antologia, conduzindo seu pensamento a um compromisso central com a "qualidade e o futuro do tipo de civilização que estamos construindo para os que virão depois de nós", civilização entendida "no sentido mais abrangente". Assim, ao apreciar obras e estilo de autores catarinenses ou de escritores internacionais, Pereira busca a densidade de cada um, aquela dimensão que extrapola o seco da tinta e da página, que vai muito além do texto, para dentro do ser humano que lê, pois "a boa leitura exige reciprocidade, que o leitor responda e reaja ao texto. Toda a leitura bem feita constitui também um ato de criação". Pequenas notas que acompanham cada ensaio, emprestam ao livro uma característica ímpar na história da teoria literária catarinense. Como as notas de rodapé costumam ser um recurso enfadonho e, às vezes, difícil de ler e compreender, o crítico optou por incluir a margem dos textos a biografia de suas referências, que vão dos romancistas Georges Simenon e Agatha Christie a Edmund Wilson, Leni Riefenstahl, T. S. Elliot, William Blake, Nietzsche, Descartes, Niijinsky, entre outros autores ou artistas de vulto.

Pereira nos brinda, assim, com algo que supera uma análise simplista de seus objetos, oferecendo uma perspectiva cultural que se pode dizer "enciclopédica", no sentido iluminista do termo. A verdadeira interatividade, tão mal interpretada pela mídia, seja eletrônica ou impressa, na verdade é o que o jornalista apresenta, transcendendo a forma tradicional do ensaio para proporcionar uma viagem de prazer através do texto. Em outras palavras, o leitor penetra e interpreta o conteúdo, tornando-se cúmplice imediato do autor. Inicialmente Pereira analisa alguns de nossos melhores ficcionistas, além de oferecer ensaios prévios sobre cada uma das artes que compõem a literatura. Assim, depois de "Quem Conta um Conto", análise obras de Francisco José Pereira, Hoyôdo G. Lins e Júlio de Queiroz, "A Grande Arte do Romance" é sucedida por artigos sobre obras de Salim Miguel, Raimundo Caruso, Adolfo Boos Jr., Úrda Alice Khueger e Oldemar Olsen Jr. "Crônica para que vos Quero" conduz à apreciação de outros dois autores, Flávio José Cardoso e Silveira de Sousa. "Poesia, a Palavra Essencial" remete a um dos grandes poetas catarinenses do século 20, C. Ronald Schmidt.

Em "Tributos da Admiração", a segunda parte, Pereira apresenta suas descobertas de três catarinenses admiráveis, dois de um passado mais remoto, um mais recente: Altino Flores ("O leão da Academia"), Tito Carvalho ("A Canção do Sul") e Harry Laus ("Paisagens Interiores"). "Apontamentos de Leitura" é a terceira parte. Nela, o autor passeia pelas obras de autores internacionais, como Cormac McCarthy e Charles Frazier, Jane Austen, James Ellroy, Elmore Leonard e Toyyn Hilleman, além de nos iluminar com análises sobre Eric Hobsbawm, Winston Churchill e Norberto Bobbio, três ícones da historiografia do século 20. Faz também suas observações sobre as melhores referências do cinema, analisando diretores como Peter Bogdanovich e Billy Wilder e a crítica Pauline Kael. Ao final, surgem os "Textos à Margem", parte composta por "A Leitura como Transgressão", "De Volta à Itaca" e "Jornalismo Fast Food". Nos três desponta sempre a preocupação do autor com a formação dos leitores, a construção do conteúdo para o despertar de uma consciência crítica e civilizatória.

■ O QUE: Lançamento do livro AO PÉ DA LETRA - ESCRITORES CATARINENSES CONTEMPORÂNEOS E OUTROS TEXTOS, do jornalista e professor Mário Pereira. QUANTO: Hoje, às 19h30. ONDE: Hall da Assembléa Legislativa. QUANTO: R\$ 20,00.

Foto: Divulgação

MEMÓRIA DE EDITOR

039: Salim Miguel homenageado

SALIM Miguel homenageado. **A Notícia**. Joinville, 15 jun. 2002. Anexo, pag. C 03.

Carlos Pereira



SALIM MIGUEL HOMENAGEADO

O escritor Salim Miguel recebeu, na última quinta-feira à noite, o título de doutor *honoris causa* pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). A honraria foi entregue pelo reitor Rodolfo Pinto da Luz, em cerimônia acompanhada por familiares, amigos e representantes de vários setores sociais e culturais de Santa Catarina. Aos 78 anos, o também jornalista Salim Miguel é autor de 20 livros e detentor de inúmeros prêmios, entre eles o de melhor romance de 2001 concedido pela Jornada Brasileira de Literatura por "Nur — Na Escuridão".

040: Troféu põe Salim Miguel em boa companhia

TROFÊU põe Salim Miguel em boa companhia. **A Notícia**. Joinville, 06 jun. 2002. Anexo, pag. C 06.



Escritor irá
receber o título
Intelectual do
Ano – Prêmio
Juca Pato
2002,
concedido
pela União
Brasileira de
Escritores

Florianópolis — O escritor Salim Miguel irá receber o troféu Intelectual do Ano — Prêmio Juca Pato 2002, concedido pela União Brasileira de Escritores (UBE) e jornal "Folha de S. Paulo". A escolha foi feita levando-se em consideração o conjunto da obra e o último título editado, "Eu e as Corruínas", lançado em 2001 e que comemorou os 50 anos de estreia de Miguel na literatura. A entrega será no segundo semestre, em data ainda não agendada.

O libanês que chegou ao Brasil em 1927 se surpreendeu ao saber os nomes de outros Intelectuais brasileiros que já receberam a honraria desde 1962, quando foi instituído o troféu. Entre eles estão Érico Veríssimo, Jorge Amado, Afonso Arinos de Melo Franco, Juscelino Kubitschek, Sérgio Buarque de Holanda, Cora Coralina, Carlos Drummond de Andrade, Fernando Henrique Cardoso, Barbosa Lima Sobrinho, dom Paulo Evaristo Arns e Rachel de Queiroz. "Estou em muito boa companhia", afirmou o escritor. "Agora até posso me sentir importante", brincou.

"Eu e as Corruínas" é uma coletânea de crônicas publicadas na imprensa, a maior parte delas no jornal A Notícia. O autor, que já desempenhou as mais diferentes funções nas letras — dono de gráfica, jornalista e editor, entre outras — passou pelos vários estilos literários com a mesma competência, mas a crônica sempre teve menor atenção. "Eu prefiro a crônica não-factual, que tem uma permanência maior", argumenta.

Para Salim, a conquista do troféu Intelectual do Ano tem duas grandes vantagens. "Todo prêmio reaviva o interesse do leitor pelo escritor e, para o autor, é um estímulo para a produção de novas obras". Aos 78 anos, em pleno processo produtivo, Salim tem três obras concluídas e em negociação para a publicação. "Todas elas são coletâneas de textos já publicados", antecipa. O primeiro traz 25 textos sobre escritores brasileiros, o segundo com 22 sobre autores estrangeiros e o último com catarinenses, todos contemporâneos.

Nos últimos dois anos, Salim Miguel também recebeu prêmios importantes: em 1999, foi a distinção da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) pelo livro "Nur na Escumido" e, em 2000, o Zafari Bourbon, na 9ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo, no Rio Grande do Sul.

041: Prêmio Salim Miguel recebe hoje o Juca Pato 2001

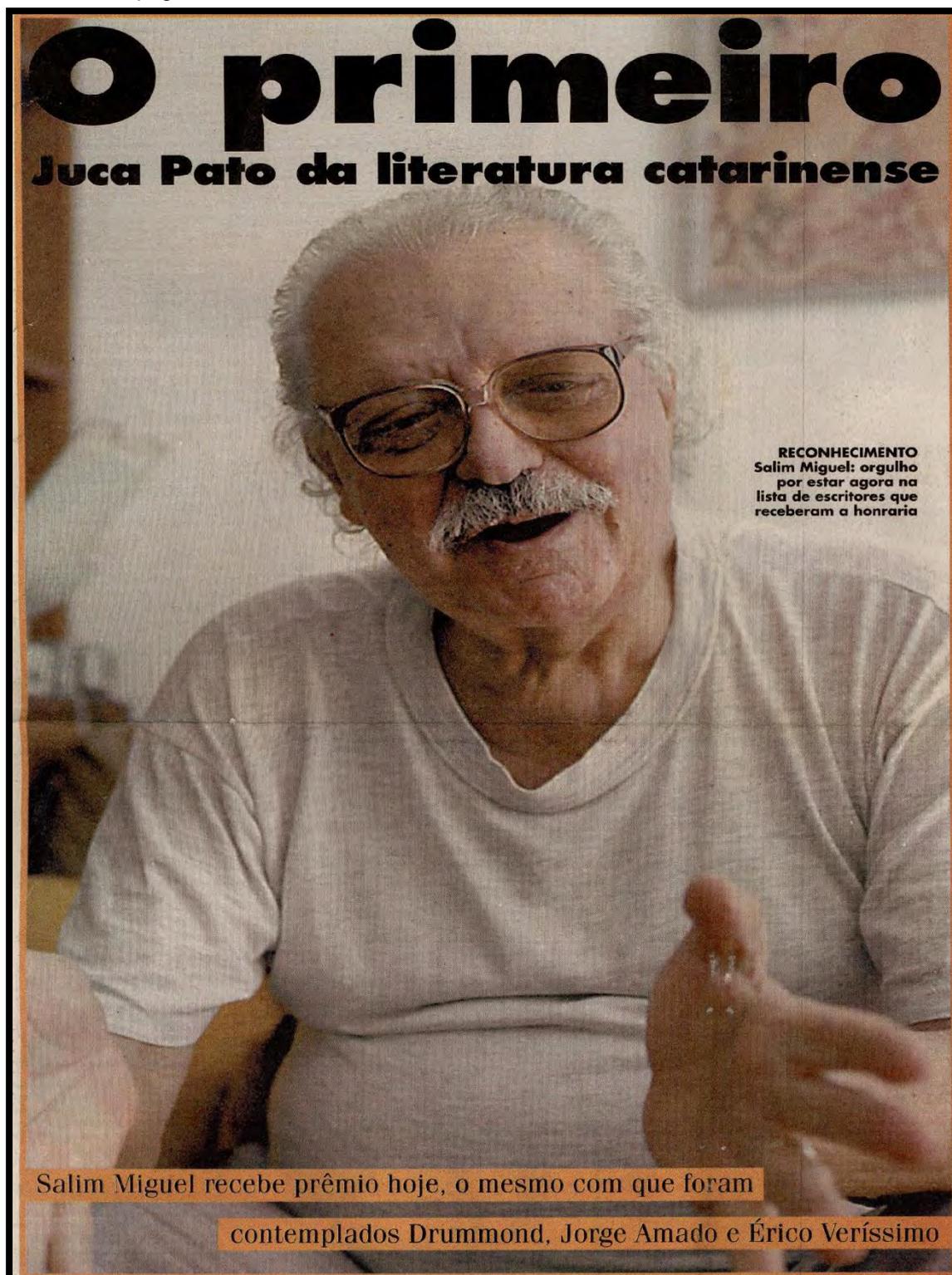
PREMIO Salim Miguel recebe hoje o Juca Pato 2001. **Folha de São Paulo.** São Paulo, 30 ago.2002. Ilustrada/Panorâmica, pag. E 18.

PRÊMIO Salim Miguel recebe hoje o Juca Pato 2001

O sociólogo Octavio Ianni entrega hoje ao escritor e jornalista carinense de origem libanesa Salim Miguel o Troféu Juca Pato 2001, correspondente ao concurso Intelectual do Ano, promovido pela União Brasileira dos Escritores, com patrocínio da **Folha**. O evento será na Biblioteca Municipal Mário de Andrade (r. da Consolação, 94, SP), às 19h. O prêmio é dado desde 1963 a intelectuais que tenham publicado obra relevante no ano anterior. O livro premiado de Miguel foi “Eu e as Corruíras” (Edições Sul).

042: O primeiro Juca Pato da literatura catarinense

MALLMANN, Regis. O primeiro Juca Pato da literatura catarinense. **A Notícia**. Joinville, 30 ago. 2002. Anexo, pag. 3.



REGIS MALLMANN

Florianópolis — O escritor Salim Miguel foi buscar no português Miguel Torga um pouco da inspiração que conduz o discurso que faz hoje, em São Paulo, durante a cerimônia em que receberá o Prêmio Juca Pato — Intelectual do Ano 2002. "Se é difícil merecer um prêmio, mais difícil ainda e continuar a merecê-lo", afirma o autor, primeiro catarinense da área de literatura premiado com a honraria, que lhe será entregue em cerimônia marcada para as 19 horas, na Biblioteca Mário de Andrade. O troféu, concedido pela União Brasileira de Escritores (UBE) e jornal "Folha de S. Paulo", premia o conjunto de sua obra e o livro "Eu e as Corruíras", último lançado por ele, em 2001.

No pronunciamento que fará durante a cerimônia, Salim Miguel vai falar também sobre a

alegria de ser escolhido e o seu significado para sua carreira literária, iniciada em 1951 com "A Velhice e Outros Contos". "Receber esse prêmio é uma coisa muito importante para qualquer escritor, não só para um escritor intelectual", avalia o libanês que chegou ao Brasil ainda criança, em 1927. Com a família, fez em Santa Catarina sua história. Para ele, é fantástico estar ao lado de nomes da literatura brasileira como Carlos Drummond de Andrade, Érico Veríssimo, Jorge Amado e Luís Fernando Veríssimo, todos escritores já premiados com o Juca Pato nos 30 anos em que ele é entregue.

Salim Miguel está orgulhoso não só de estar agora na lista de escritores que receberam a honraria, mas também por dividir esse mérito com gente de outras áreas, citando o arquiteto Oscar Niemeyer, o bibliófilo José Mindlin, o sociólogo Octavio Ianni e dom Paulo Evaristo Arns, único catari-

nense premiado antes do escritor. "A companhia é mais do que honrosa. Eu jamais sonharia em estar ao lado deles", admite. O troféu funciona para Salim também como uma espécie de aditivo, um incentivo para continuar seu trabalho nas letras. "É um ânimo para continuar produzindo."

Em seu pronunciamento, Salim pretende se dirigir à platéia em duas etapas. Na primeira, vai fazer algumas observações sobre o mundo, o Brasil e os acontecimentos da atualidade, bem ao estilo do que sempre fez como jornalista, profissão que exerceu por toda a vida. Depois, adiante, seu discurso deve enveredar para o lado pessoal, quando pretende expor um pouco de sua história, contando a trajetória que o levou a se transformar em escritor. "Assim o público fica sabendo um pouco sobre minha obra", explica, acreditando que com isso também justifique o porquê de sua escolha e não de outro.

CATARINENSES PREMIADOS

Em concursos nacionais e internacionais

Lindolf Bell

"**O Código das Águas**", Associação Paulista de Críticos de Arte, Melhor Livro de Poesia, 1985; Prêmio Governador do Estado de São Paulo – Revelação, 1963; Prêmio Miguel de Cervantes, São Paulo, 1981; Prêmio Melhor Livro de Poesia da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA), 1985

Adolfo Boos Jr.

2º lugar na 3ª Bienal Nestlé de Literatura Brasileira, Conto, 1986, com "**A Companhia Noturna**"; 3º lugar na 3ª Bienal Nestlé de Literatura Brasileira, Romance, 1986, com "**Quadrilátero**".

Alcides Buss

Prêmio Revelação da Associação Paulista de Críticos de Arte, 1989, com "**A Poesia do ABC**".

Flávio José Cardozo

Menção honrosa no 1º Concurso Nacional de Contos do Paraná, 1968, vencido por Dalton Trevisan, 3º lugar no Concurso Remington de Literatura, Rio de Janeiro, 1977, com "**Zélica e Outros**".

Raimundo Caruso

1º lugar no Concurso Nacional de Literatura Cidade de Belo Horizonte, em 1989, com o romance "**Noturno**", 1894.

Vicente Cechelero

Prêmio Melhor Livro de Poesia da Associação Paulista de Críticos de Arte, 1991, com "**Só Matéria do Mundo**".

Roberto Gomes

Prêmio José Geraldo Vieira de Melhor Romance Brasileiro. União Brasileira de Escritores, São Paulo, 1979.

Harry Laus

Prêmio Afonso Arinos, da Academia Brasileira de Letras, 1958, com "**Os Inocentes**".

Holdemar de Menezes

Prêmio Jabuti de Contos da Câmara Brasileira do Livro, 1972, com "**A Coleira de Peggy**".

Salim Miguel

Prêmio de Melhor Romance da Associação Paulista de Críticos de Arte, 2000, com "**Nur na Escuridão**". Em 2001 recebeu o Prêmio Zaffari & Bourbon, na 9ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo (RS).

Hugo Mund Jr.

Prêmio Cidade de Belo Horizonte, 1986.

Amilkar Neves

Menção especial do Prêmio Fernando Chinaglia, 1981, com **"O Improvisável Pavão"**; 1º lugar Categoria Língua Portuguesa do Prêmio Literário Plural, México, 1988, com o conto

"Fascínio"; 1º lugar no Concurso Nacional de Romance da Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, 1990, com **"Desterro, Brasil"**; finalista e 2º lugar na Bienal Nestlé de Literatura Brasileira, 1991, com **"Contos Quase sem Sexo"** e **"Relatos de Sonhos e de Lutas"**.

Olsen Jr.

Vários prêmios e finalista do Prêmio Jabuti, com **"Desterro"**.

Guido Wilmar Sassi

Prêmio Romance Inédito — Editora Boa Leitura / Companhia Melhoramentos com **"São Miguel"**; prêmio Instituto Nacional do Livro com **"Amigo Velho"**.

Carlos Ronald Schmidt

Prêmio 5º Concurso Literário da Fundação Cultural do Distrito Federal; finalista da 2ª Bienal Nestlé de Literatura.

Deonísio da Silva

Prêmio Brasília de Literatura Melhor Obra Publicada, 1977, com **"Exposição de Motivos"**; Status da Literatura, 1980; Prêmio Virgílio Várzea; Prêmio Internacional Casa das Américas 1982, com **"Avante Soldados para Trás"**; Prêmio Biblioteca Nacional, 1997, com **"Teresa"**; Melhor amigo do livro Prêmio Jabuti 94; oito vezes recebeu o Troféu Vasco Prado da Jornada de literatura Passo Fundo (RS)

Edla van Steen

Prêmio Fernando Chinaglia, 1977; Prêmio Molière Melhor Autor, 1989; Prêmio Mambembe Melhor Autor, 1989; Revelação de Autor APCA, 1989.

043: Mestres no conto e na poesia

TERNES, Apolinário. Mestres no conto e na poesia. **A Notícia**. Joinville, 23 jun. 2002. Opinião, pag. A3.

Mestres no conto e na poesia

APOLINÁRIO TERNES

No frenesi da Copa, entre risos e lágrimas, sufoco e esperança, vale lembrar dois craques de outro ofício. Salim Miguel e Alcides Buss, os oficiantes do verbo. Os dois catarinenses, mestres na arte de organizar palavras e conferir sentido ao mundo e à vida, estão comemorando, respectivamente, 50 e 30 anos de produção contínua.

Salim Miguel é mestre do conto. Um dos melhores de todos os tempos em Santa Catarina e, certamente, um dos mais ilustres intelectuais do Sul do Brasil. Vinte livros publicados, entre romances, crítica literária, contos e memória. Um caudaloso rio de palavras. Jorrande sempre de um espírito inquieto, sensível ao humano, comprometido com o social, engajado no ofício invencível na busca do verbo. Ao registrar a passagem de 50 anos desde o primeiro livro, Salim Miguel vem colhendo generosa safra de reconhecimento, homenagens e aplausos. "Salim na Claridade" acaba de sair pela Fundação Catarinense de Cultura, organizado por Flávio José Cardozo, reunindo 24 belíssimos depoimentos sobre a obra e o autor.

Para iluminar ainda mais a celebração de meio século de escritura de Salim Miguel, ele acaba de receber o Prêmio Juca Pato, como o "intelectual do ano", conferido pela União Brasileira de Escritores. Um prêmio nacional, já conferido a outros personagens igualmente importantes no cenário da literatura brasileira: Érico Veríssimo, Jorge Amado e Carlos Drummond de Andrade, entre outros. Mas apenas os três citados já demonstram a importância e a nobreza do prêmio. Pois o de 2002 é dele. Para ampliar ainda mais a contribuição cultural de Salim Miguel, a Universidade Federal de Santa Catarina lhe concede o título de doutor honoris causa, outra rara distinção a poucos brasileiros e figuras internacionais, como José Saramago e o joinvilense Carlos Gomes de Oliveira.

Alcides Buss chega aos 30 anos de produção, repetindo a dose de "Contemplação do Amor", 30 anos de poesia escolhida. Um livro que pretende produzir a síntese desse inspirado domesticador de palavras. O poeta é um ser iluminado, contemplado pelos deuses com a magia de encantar o mundo e pessoas. Talentoso, Alcides Buss nasceu moderno, mas não se deixou engolir pelo "modernismo". Soube manter-se entre a inovação e a investigação do verbo com limite e bom senso. Seu "Transação", de 1988, com reedições em 1991 e 1994, é um tributo a esse momento "modernista" da poesia brasileira. Brincou, sim, com espaços em branco e outras experiências gráficas, mas não se afastou do compromisso maior do poeta — trabalhar o cotidiano, reinventar a palavra, sensibilizar corações e mentes. Seus 18 livros em 30 anos de poesia colocam-no no mesmo pódio de grandeza e importância de outro imenso poeta, Lindolf Bell.

Alcides Buss e Salim Miguel colhem hoje, de seus milhares de leitores e conterrâneos, o merecido reconhecimento a seus talentos, na medida em que ambos são mestres na poesia e na prosa. Santa Catarina também produz escritores e também enriquece seu patrimônio literário com exímios oficiantes do código supremo como Buss, Bell e Salim Miguel. Discípulos todos da catequese da palavra, contemplando, interpretando e celebrando o mundo e a vida, na claridade do verbo.

■ **APOLINÁRIO TERNES**, jornalista e historiador/aternes@terra.com.br

044: O intelectual do ano

ALVES, Hamilton. O intelectual do ano. **O Estado**. Florianópolis, 27 jun. 2002. Opinião, pag. 04.

O intelectual do ano

HAMILTON ALVES – ESCRITOR

SALIM MIGUEL, nosso escritor, com uma bibliografia de mais de 20 títulos, que produziu desde que começou sua vida literária por vocação irreprimível, vem de incluir mais um grande título neste ano entre dois outros de grande expressão (ou trles, para sermos mais exatos): ganhou o prêmio de melhor romance pela Universidade de Passo Fundo, ao lado de outro escritor igualmente contemplado, e, por fim, abischoitou o mais recente, de "o intelectual do ano", com o Juca Pato.

Poucos escritores (ou raros artistas), durante sua trajetória, conseguem num só ano abischoitar tantos prêmios de uma só vez. O que revela, em última análise, o conceito que o escritor catarinense tem hoje neste país.

Mas volto a um tema antigo, que volta e meia é objeto de minha constante crítica. O que se faz em nossa terra pelos nossos valores? Nada ou muito pouco, esta é que é a verdade.

Há dias, uma estudante, recém-formada, na área de atividades artísticas (ou é de letras, não sei exatamente) procurou-me para buscar informações sobre a obra de Jair Platt. Se se perguntar em qualquer escola de nível médio ou superior quem foi esse excelente pintor ilhéu, que morreu no mais completo anonimato e pobre, sem uma casa para morar, dependendo até o fim da vida de amigos e parentes, porque acredito que, se vendeu algum quadro, foram poucos, ninguém certamente saberá dizer. Martinho de Haro, que tem uma obra portentosa, quem sabe dele? Silveira de Souza, que é um dos melhores escritores deste país, C. Ronald, outro artista valoroso, produzindo uma poesia de vanguarda, além de outros, que poderia arrolar neste breve registro, o que se sabe em torno de sua obra? Nada, nada e nada.

Temos um órgNao de cultura, o CIC, dirigido por um homem de real competência, Iaponam Araújo. Mas a política cultural entre nós é uma piada.

045: Jornalista vence troféu Juca Pato

ANGIOLILLO, Francesca. Jornalista vence troféu Juca Pato. **Jornal do Comercio**. Rio de Janeiro, 09 e 10 jun. 2002. Livro, pag. A-32.

Jornalista vence Troféu Juca Pato

Salim Miguel é premiado por “Eu e as Corruíras”

FRANCESCA ANGIOLILLO

O jornalista e escritor Salim Miguel, foi anunciado vencedor do Troféu Juca Pato, correspondente ao concurso Intelectual do Ano, promovido pela União Brasileira de Escritores. O prêmio é concedido anualmente, desde 1963, a um intelectual que tenha publicado uma obra relevante para a cultura nacional no ano anterior. Salim Miguel foi candidato único.

No caso de Miguel, a obra que rendeu o reconhecimento foi “Eu e as Corruíras” que já era, em si, uma homenagem: a coletânea, lançada em Florianópolis pelas Edições Sul, comemorava os 50 anos da carreira literária do jornalista libanês, que chegou a Santa Catarina aos três anos de idade.

– A primeira coisa que eu diria (sobre o prêmio) é que isso reativa o interesse pela obra do escritor – diz Miguel. “Com isso, as pessoas vão se perguntar por que Salim Miguel, e não outro escritor, recebeu o Prêmio Intelectual do Ano. Em segundo lugar, é um incentivo para alguém que trabalha como jornalista em livros há mais de 50 anos”, diz o autor de sua carreira, marcada pelo “esforço para entender o bicho-homem”.

UM POUCO DE TUDO. Na biografia de Salim Miguel – jornalista que “fez de tudo, até horóscopo”, trabalhando entre Santa Catarina e Rio de Janeiro –, o momento crucial dessa luta encontra lugar em sua prisão, no ano de 1964, pelo regime militar.

– Trabalhando para a revista “Manchete”, percorri todo o Brasil; conheço todos os Estados brasileiros à exceção de dois, Mato Grosso do Sul e Acre. Às vezes, em conversas, anotava incidentes que não tinham nada a ver com o trabalho para a revista, mas que deram em contos e romances.”

Resultado dessa mescla está, por exemplo, em “A Voz Submersa”. Publicado originalmente pela editora Global, o romance está esgotado, mas Miguel sonha com que volte ao prelo, por conta do Juca Pato.

No próximo dia 13, culmina a fase de homenagens a Salim Miguel: na data, o escritor que se forjou entre a redação e as histórias das Arábias contadas pelo pai vai receber o título de doutor honoris causa pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

INCENTIVO. Salim foi um dos editores da revista “Ficção” que, no período de 1976 a 1980, publicou mais de 300 autores brasileiros, entre estreates e consagrados.

As intenções de Miguel encontram eco no ofício que o aclama vencedor. O documento classifica “Eu e as Corruíras” como o coroaamento da obra de “um grande incentivador das artes e da literatura”, que “sempre incorporou aos seus escritos uma visão nacionalista da literatura e um sentimento de soberania nacional em suas apreciações críticas”.

O ofício destaca ainda o comprometimento de Miguel com “a linha do pensamento brasileiro” e o lembra como intelectual que se bate pela “persistência da luta em defesa dos nossos valores e da justiça social”.

046: Escritor Salim Miguel é eleito intelectual do ano

ESCRITOR Salim Miguel é eleito intelectual do ano. **O Estado**. Florianópolis, 05 jun. 2002. Variedades, pag. 14.

PRÊMIO • BOA NOTÍCIA E NOVIDADES NAS LETRAS DE SC

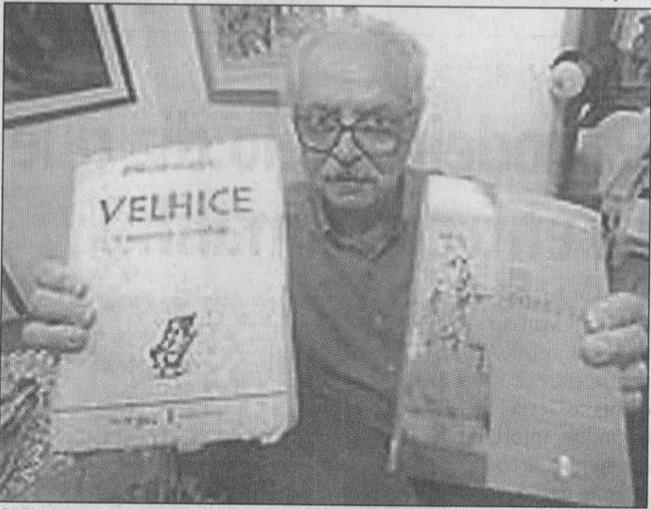
Escritor Salim Miguel é eleito Intelectual do Ano

Obra "Eu e as Corruíras" deu o título ao catarinense

SAIU O RESULTADO OFICIAL do concurso "Intelectual do Ano - Prêmio Juca Pato 2002". O grande vencedor foi o escritor e jornalista Salim Miguel. A obra que levou o catarinense ao primeiro lugar foi o livro de crônicas "Eu e as Corruíras", lançado em 2001 pela Editora Insular, de Florianópolis, em comemoração aos 50 anos de carreira de Salim. Como prêmio, o catarinense receberá uma estatueta reproduzindo Juca Pato, personagem criado pelo chargista Belmonte, que simboliza o espírito crítico e o inconformismo. A entrega do prêmio será neste segundo semestre, em data ainda a confirmar. O concurso é realizado anualmente pela UBE (União Brasileira de Escritores), em parceria com o jornal Folha de S. Paulo.

O concurso "Intelectual do Ano - Prêmio Juca Pato" foi criado em 1962, por proposta de Marcos Rey, um dos fundadores e então vice-presidente da UBE. Participam da disputa autores de livros publicados no ano anterior, em qualquer modalidade, que contribuam ao debate de idéias, desde que inscritos através de uma lista assinada por 30 sócios da UBE. Quem elege o vencedor são os sócios da UBE e de outras entidades previamente cadastradas, bem como escritores não-filiados a essas entidades e representantes de diversas insti-

Arquivo AN/Divulgação/OE



Salim Miguel e Eglê Malheiros lançam hoje "Memórias de Editor"

tuições. A votação pública contribui para a repercussão do Juca Pato, tornando-o um prêmio de especial prestígio, muitas vezes objeto de disputa acirrada entre eleitores de candidatos. A partir de 1962, foram eleitos: Santiago Dantas, Afonso Schmidt, Alceu Amoroso Lima, Cassiano Ricardo, Caio Prado Jr., Érico Veríssimo, Menotti Del Picchia, Jorge Amado, Pedro Antônio de Oliveira Ribeiro Neto, Josué Montelo, Cândido Mota Filho, Afonso Arinos de Melo Franco, Raimundo Magalhães Jr., Juscelino Kubitchek de Oliveira, José Américo de Almeida, Luís da Câmara Cascudo, Sobral Pinto, Sérgio Buarque de Holanda, Dalmo de Abreu Dallari, Paulo Bomfim, Cora Coralina, Carlos Drummond de Andrade, Fernando Henrique Cardoso, Frei Beto, Barbosa Lima Sobrinho, D. Paulo Evaristo Arns, Antonio Callado, Abguar Bastos, Lêdo Ivo, Fábio Lucas, Rachel de Queiroz, Marcos Rey, Luiz Fernando Veríssimo, Sábato Magaldi, José Mindlin e Jacob Gorender.

"Memória de Editor"

Nesta quarta-feira, às 19 horas, na Livraria Açoriana, acontece o lançamento de "Memória de Editor", com Salim Miguel e Eglê Malheiros. Co-editado pelo Escritório do Livro e Imprensa Oficial do Estado, o volume foi organizado por Dorothee de Bruchard e tem prefácio de Walter Carlos Costa.

047: Juca Pato

GOES, Anselmo. Juca Pato. **O Globo**. Rio de Janeiro, 05 jun. 2002. Nota na coluna de Anselmo Goes, pag. 18.

Juca Pato

O escritor Salim Miguel, autor do premiado romance “Nur na escuridão”, editado pela TopBooks, foi escolhido “o intelectual do ano”. Vai receber o troféu Juca Pato, criado pela União Brasileira de Escritores há 40 anos.

048: O difícil ofício de editar livros

BRAGANÇA, Anibal. O difícil ofício de editar livros. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 06 jul. 2002. Ideias, pag. 5.

O difícil ofício de editar livros

Depoimentos do americano Jason Epstein e do brasileiro Salim Miguel exploram crise da profissão

O NEGÓCIO DO LIVRO: PASSADO, PRESENTE E FUTURO DO MERCADO
Jason Epstein
Tradução de Zaida Maldonado
Record, 170 páginas
R\$ 20

MEMÓRIA DE EDITOR
Salim Miguel & Eglê Malheiros.
Org. de Dorothée de Bruchard
Escritório do Livro/Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina
93 páginas
Sem preço definido

ANIBAL BRAGANÇA
PESQUISADOR E PROFESSOR DA UFF
E AUTOR DE *EROS PEDAGÓGICO: UMA HISTÓRIA CULTURAL DO EDITOR DE LIVROS* (a sair)

Nascido das palestras proferidas na Biblioteca Pública de Nova York, em outubro de 1999, a obra de Jason Epstein, *O negócio do livro* tem como fio condutor o relato autobiográfico de sua vitoriosa trajetória profissional na indústria livreira americana, iniciada em 1950, aos 20 anos, na editora Doubleday, onde criou a importante série Anchor Books, passando, oito anos depois, para a Random House, da qual foi diretor editorial por cerca de 40 anos. Epstein viveu todo o processo de profundas transformações do mundo editorial e cultural ocorridas na segunda metade do século 20.

Além de pormenorizar as atividades que desenvolveu – aulas imperdíveis para todos os que militam ou se interessam pelo mundo editorial e livreiro –, o autor faz um retrato impiedoso do que considera a “cada vez mais desgastada indústria” na qual trabalhou no último meio século. Para Epstein, a edição de livros desviou-se da “sua verdadeira natureza” para entrar numa “dança da morte”, da qual não encontra saída.

Na análise do sistema que, segundo ele, levou à “decrepitude terminal” do universo americano do livro, não resta pedra sobre pedra. De agentes literários a livreiros de shopping, de editores-executivos a serviço de conglomerados da mídia, que não gostam de ler, aos impasses do comércio eletrônico de livros, com os prejuízos constantes da Amazon.com, tudo passa pelo seu crivo implacável.

Epstein afirma que sua carreira “percorreu a longa e decrescente (...) ladeira” da indústria editorial americana. Segundo Robert Escarpit, em *A revolução do livro*, editado entre nós pela Fundação Getúlio Vargas, em 1976, “o big business irrompeu na edição americana” em 1955, levando-a a uma “mudança de escala”. Epstein garante que hoje “o mundo editorial dos Estados Unidos é dominado por cinco impérios”, três dos quais, pelo menos, são estrangeiros.

O autor é um representante da transição entre os editores-empresários e os editores-executivos da indústria da mídia. O editor-empresário tem, em geral, “sólida formação intelectual e é movido por objetivos que são, ao mesmo tempo, econômicos e culturais”. Segundo nossa



EDITORAS deixaram de ter, segundo Epstein, preocupação em formar um público mais sofisticado

tese, “muitas vezes sente-se com responsabilidades políticas diante da sociedade”, acentuando-se o seu “eros pedagógico”, sem se dispensar da “exigência de grande aptidão empresarial para mobilizar recursos, próprios ou de terceiros, para viabilizar seus empreendimentos”. Para Roger Chartier, esse “empreendedor singular” se vê também como um intelectual, e cuja “atividade se faz em igualdade com a dos autores”. Em determinado momento, afirma Epstein, o seu trabalho assemelha-se ao de um missionário, com a diferença apenas “no conteúdo de suas respectivas escrituras”.

Ignorando que a edição tem uma história sócio-cultural, de Gutenberg aos editores-executivos dos conglomerados atuais, Epstein afirma que “o negócio da edição de livros é por natureza pequeno, descentralizado, improvisado, pessoal; mais bem desempenhado por pequenos grupos de pessoas com afinidades, devotadas ao seu ofício, zelosas de sua autonomia, sensíveis às necessidades dos escritores e aos diversos interesses dos leitores”, e vê com descrença e desconfiança absolutas o processo de concentração editorial e livreira, que fez do editor um executivo de um negócio comum.

Suas críticas mais severas vão para o processo social que levou à criação das redes de livrarias de shopping, que, pelos altos aluguéis, passaram a exigir maior rentabilidade e a rotatividade do estoque, baseado em *best-sellers* de fórmulas prontas e livros de ocasião escritos por personalidades da mídia, em detrimento dos livros de venda permanente e lenta, que formam a base dos catálogos das editoras mais sérias.

Mas Epstein faz um diagnóstico equívoco das raízes da crise, ao localizá-las na “migração do pós-guerra para os subúrbios e no mercado homogeneizado dela resultante”, o que teria levado ao fechamento de milhares de livrarias in-

dependentes tradicionais, esquecendo que essa crise tem suas origens nas inovações tecnológicas dos meios de comunicação, desde a popularização do rádio e, posteriormente, da televisão, e, mais recentemente, nas novas tecnologias informáticas, que operam transformações na própria cultura e, especialmente, no caso, na relação do leitor com o livro impresso.

No entanto, Epstein revela-se um otimista quanto às possibilidades de um universo editorial criada pelas novas tecnologias, especialmente a internet, antevendo para novos editores “uma vida de aventuras criativas muito mais consequentes e diferentes”, em comparação com o que esperava a geração de 1920.

Corajoso, contundente, profundo, sério, mas leve, sem dúvida, este é um livro fruto de uma paixão duradoura pelo ofício. Nunca antes um editor consagrado havia feito um diagnóstico do mundo do livro como este.

Já no Brasil, são escassos os trabalhos de reflexão publicados por editores. O mais importante é, ainda, o de Monteiro Lobato, em *A barca de Gleyre*, em que, na correspondência com seu amigo Godofredo Rangel, relata seus sonhos, as lutas do cotidiano, as realizações e frustrações de seu trabalho de editor, nas primeiras décadas do século 20. Érico Veríssimo teve sua experiência

de editor publicada em *Um certo Henrique Bertaso*, que escreveu sobre seu patrão na Editora Globo, de Porto Alegre. Mário da Silva Brito, também escritor e editor, deixou um bom depoimento, em *Ângulo e horizonte*, sobre o trabalho de José de Barros Martins. Nelson Palma Travassos foi outro desses raros editores a deixar suas reflexões e projetos para enfrentar as dificuldades do mercado editorial no país, enfiados em *Livro sobre livros*, editado pela Hucitec, em 1978.

Énio Silveira, que estagiou nos Estados Unidos com Alfred Knopf – uma das referências fundamentais de Jason Epstein –, pretendeu escrever suas memórias de editor. O poeta Moacyr Félix pôde reunir em *Énio Silveira, arquiteto de liberdades*, postumamente, apenas pequenos textos e entrevistas sobre sua trajetória de editor, significativos, mas que não conseguem dar-nos plenamente a visão crítica e toda

dimensão que teve Énio na história editorial brasileira.

O lançamento de *Memória de editor*, com Salim Miguel e Eglê Malheiros, integra o projeto *Memória do Livro*, criado por Dorothée de Bruchard. O singelo e belo volume é o resultado de uma longa entrevista feita por ela e Tânia Piacentini. A obra, além de mapear a vida cultural dos anos 1940 a 1960 na capital catarinense, resgata a história editorial iniciada com a criação da revista *Sul* (1948-1957), vinculada ao Círculo de Arte Moderna, grupo de intelectuais e artistas que expressou de forma singular (“mais de integração que de ruptura”) o movimento modernista naquele Estado. Outra realização editorial analisada nesse livro é a da revista *Ficção*, criada no Rio de Janeiro por Cícero Sandroni e Antonio Olinto, aos quais Salim Miguel e Eglê Malheiros se uniram, com Laura Sandroni e Fausto Cunha, em 1975. *A Ficção*, que chegou a alcançar a tiragem de 15 mil exemplares, marcou época e resistiu até 1979.

A obra mostra ainda o trabalho de Salim Miguel à frente da Editora da UFSC, nos anos de 1983-1991, e na Fundação Franklin Cascaes, de Florianópolis, coroando uma carreira de editor, desenvolvida paralelamente à atividade de jornalista e escritor vencedor de vários prêmios literários, inclusive o Juca Pato, este ano.

A iniciativa de Dorothée de Bruchard, embora mais ampla em suas pretensões, guarda semelhanças com o projeto *Editando o Editor* (Com-Arte/Edusp), criado por Jerusa Pires Ferreira, na ECA-USP, e que já publicou volumes de entrevistas com os editores Jacó Guinsburg, da Perspectiva, Flávio Aderaldo, da Hucitec, Énio Silveira, da Civilização Brasileira, Arlindo Pinto de Souza, da Luzero, e de Jorge Zahar.



JASON EPSTEIN



SALIM MIGUEL

049: Prêmio à coerência

PRÊMIO à coerência. **A Notícia**. Joinville, 07 jun. 2002. Opinião, pag. A2.

Prêmio à coerência

Não é só na economia ou nos esportes que Santa Catarina vem conquistando prêmios e méritos. Também na área da cultura o Estado volta a se destacar com a escolha do escritor Salim Miguel como o "Intelectual do Ano", Prêmio Juca Pato, conferido pela União Brasileira de Escritores e jornal "Folha de S. Paulo".

Trata-se de um dos mais representativos prêmios literários do País, que já premiou, desde sua primeira edição, em 1962, os mais importantes intelectuais brasileiros, como o gaúcho Érico Veríssimo, o baiano Jorge Amado, o carioca Sérgio Buarque de Holanda ou o mineiro Juscelino Kubitschek, além de outros nomes expressivos, como Barbosa Lima Sobrinho, dom Paulo Evaristo Arns, Carlos Drummond de Andrade e Rachel de Queiroz.

Natural do Líbano, o escritor veio muito jovem para Santa Catarina, instalando-se em Biguaçu. Iniciou carreira literária em 1951, com a publicação de "Velhice e Outros Contos". De lá para cá, foram 51 anos de contínua produção cultural, na imprensa do Rio e em SC, para onde acabou retornando. Na capital catarinense, exerceu cargos na área cultural e voltou a publicar de forma mais intensa.

A escolha de Salim Miguel para o Prêmio Juca Pato representa, portanto, um reconhecimento também à cultura e à produção literária de Santa Catarina. Áreas, aliás, em que pouco se destaca a gente catarinense. O último a merecer referência nacional foi o poeta Lindolf Bell, com sua

Catequese Poética, na década de 60.

Ano passado, em razão das comemorações de meio século de produção literária, a Fundação Catarinense de Cultura editou pequeno opúsculo denominado "Salim na Claridade", em que 24 outros intelectuais, do Estado e do eixo Rio—São Paulo, prestam depoimentos sobre o escritor e sua obra. Na apresentação, o escritor Iaponan Soares observa: "A importância desse homem das letras é tão ressaltada que arrisco-me a dividir a literatura de Santa Catarina em duas fases — a que precedeu e a que sucede a Salim Miguel". Continua Iaponan: "Desde os tempos do Grupo Sul, nos anos 40 e 50, Salim Miguel vem servindo de guia, de referência para seus pares. É digna de menção sua ousadia ao enfrentar os cânones de então, a estagnação e o marasmo reinantes, propondo uma ruptura com paradigmas estéticos e filosóficos que haviam sido varridos pela modernidade em centros mais desenvolvidos que o nosso".

Aos escritores sempre serão cobradas persistência e coerência, duas virtudes excelsas que Salim Miguel honrou com dignidade ao longo de 51 anos de carreira. Recebe, pois, o reconhecimento de todo o País, dando renovado brilho às letras de Santa Catarina ao ser escolhido para um dos mais importantes prêmios culturais do Brasil, que, invariavelmente, destaca intelectuais instalados nas grandes cidades. Daí o merecimento ainda maior do ilhéu Salim Miguel.

Salim Miguel engrandece a cultura catarinense ao receber um dos mais importantes prêmios culturais do Brasil, o Juca Pato, da União Brasileira de Escritores

050: Justíssimo

MACHADO, Ricardinho. Justíssimo. **A Notícia**. Florianópolis, 15 jun. 2002. Variedades, pag. 07.



051: Ilustrada. O escritor jornalista Salim Miguel

ILUSTRADA: o escritor jornalista Salim Miguel... **Folha de São Paulo**. São Paulo, 31 ago. 2002. Cotidiano, pag. C 12. Foto com nota.



052: Curto circuito

CURTO circuito. **Folha de São Paulo**. São Paulo, 30 ago. 2002, Caderno ilustrada, pag. E 2. Somente nota.



053: Salim na claridade

SALIM na claridade. **A Tarde**. Salvador, 25 ago. 2002. Caderno 2, pag. 04.

Salim na Claridade

Em Santa Catarina, o escritor Salim Miguel honra a glória da literatura brasileira, faz 80 anos cercado do carinho dos amigos e da admiração dos leitores. Para melhor assinalar este acontecimento, reuniram-se 24 apreciadores do trabalho dele num livro/depoimento que, mais que uma louvação, é um testemunho da importância do autor, ora completando também 50 anos de atividade literária.

Salim Miguel, que, além de um belo escritor é também jornalista e animador cultural, soube transpor os limites de sua província alcançando reconhecimento nacional. Com uma fortuna crítica considerável, à qual vem juntar-se agora este *Salim na Claridade*, editado pela Fundação Catarinense de Cultura, com depoimentos de renomados autores e estudiosos da literatura, entre os quais, os baianos Hélio Pólvora e Valdomiro Santana, Salim Miguel faz jus a esta homenagem, como autor renomado e como homem cordial, porque, além de grande escritor merecidamente aclamado, como frisou Fábio Lucas, em seu depoimento, “Quando se trata de Salim Miguel, corre-se o risco da omissão ao se concentrar no escritor tão-somente. É que fica de fora o ser humano Salim Miguel em pessoa. Ao se explorar o ser humano, transbordante, generoso, pode-se esquecer o escritor, muito importante, um dos maiores catarinenses, um patrimônio do Brasil.”

054: Intelectual do ano

SARTORI, Raul. Intelectual do ano. **A Notícia**. Joinville, 22 ago. 2002. Anexo, pag. C 2.



055: Sete dias de vanguarda

MENEZES, Ana Claudia. Sete dias de vanguarda. **A Notícia**. Joinville, 01 dez. 2002. Anexo, pag. C 6.

Sete dias de vanguarda

Há 40 anos, Florianópolis promovia a Semana do Cinema Novo, que iniciou um movimento nacional de popularização dos festivais com filmes inéditos

ANA CLÁUDIA MENEZES

Florianópolis — Numa cidade em que as opções nas telas de cinema resumiam-se à beleza de Victor Mature e Rhonda Fleming em "O Grande Circo" e a do casal Paul Newman e Joanne Woodward em "Paixões Desenfreadas", a realização da 1ª Semana do Cinema Novo Brasileiro, há 40 anos, veio mexer com a estética cinematográfica estabelecida pelo cinema de Hollywood. É também com o pacato estilo de vida de Florianópolis, culturalmente isolada do resto do País e cujo maior contato com o cinema de fora era através das estrelas americanas.

A semana começou no dia 1º de setembro de 1962 e encerrou no dia 7, período no qual foram exibidos no Cine São José sete longas e 12 curta-metragens dirigidos por nomes que, se eram desconhecidos, tornaram-se famosos depois daquela semana, organizada pelo gabinete de relações públicas do governo Celso Ramos.

Estavam nessa lista "Nordeste Sangrento", filme que abriu a mostra, dirigido por Wilson Silva; "Cinco Vezes Paveia", cinco episódios dirigidos por Marcos Farias, Miguel Borges, Joaquim Pedro de Andrade, Carlos Diegues e Leon Hirszman; "Três Cabras de Lampeão", de Aurélio Teixeira; "A Grande Feira", de Rex Schindler; "A Ilha", de Walter Hugo Khoury; "Senhor dos Navegantes", dirigido por Aluizio T. de Carvalho, e, para finalizar o festival, "O Pagador de Promessas", de Anselmo Duarte, que naquele ano venceu a Palma de Ouro de Cannes. Aquela fora a primeira oportunidade para o público florianopolitano assistir ao filme.

Entre os curtas, foram exibidos "Menino da Calça Branca", de Sérgio Ricardo; "Arraial do Cabo", de Paulo César Saraceni; "Aruanda" e "Cajueiro Nordestino", de Linduarte Noronha; "Manuel Bandeira", de Joaquim Pedro de Andrade; "O Grande Rio", de Gerson Tavares, além de um documentário de Ozualdo Candeiras.

Segundo uma reportagem publicada no jornal "O Estado", a Semana do Cinema Novo em Florianópolis deu início a um movimento nacional que popularizaria os festivais de cinema, um hábito anteriormente restrito ao eixo Rio-São Paulo. Em setembro daquele ano, noticiou o periódico, a cidade do Recife (PE) realizaria uma "semana" no mesmo estilo, com filmes inéditos na capital pernambucana.

O intercâmbio também se deu no aspecto social. Durante aquela semana, as colunas sociais dos jornais registravam a presença de atores como Eva Wilma e John Herbert, Irma Alvarez, Maria Pompeu, Marlene França, Mozart Régis (Pituca) e Zenaide Andrade, de diretores como Paulo César Saraceni, e de jornalistas como Claudio Abramo, de críticos de cinema como Paulo Emilio Salles Gomes (leia texto ao lado), além da crítica especializada, como a revista "Cruzeiro".

O Cine São José exibia duas sessões diárias, seguidas por debates entre os diretores dos filmes e o público, e mediação de Paulo Emilio Salles Gomes. Integrante da equipe do gabinete de relações públicas, organizadora do festival, o escritor Salim Miguel, diz que o episódio mais memorável daquele período envolveu justamente o crítico de cinema.

Chovia e ventava muito em Florianópolis, típico da primavera, e o piloto que diariamente trazia a película de Avião, não queria descer de jeito nenhum no Aeroporto Hercílio Luz, temendo um acidente. "E o Paulo Emilio tentando segurar o público no Cine São José, que aguardava a chegada do filme para exibição", lembra Sali, hoje com 78 anos. "E nós, tentando convencer o piloto a descer", conta. Bom de papo, Paulo Emilio, que tinha vivido na França (fugiu para a Europa com a repressão patrocinada por Getúlio Vargas com a Intentona Comunista de 1935) e conhecia como ninguém o cinema francês, disfarçava o atraso com suas histórias da Europa. Finalmente de posse do filme, os organizadores seguiram para o São José, mas a estrada precária até o centro, atrasou ainda mais a tarefa. "Quando chegamos o pessoal estava tão interessado que nem percebeu a nossa presença", conta Salim Miguel, que não lembra qual era o filme daquele dia. Mas recorda que o público recebeu com longos aplausos.

Nem todas as exibições, no entanto, eram ovacionadas. "A Ilha", de Walter Hugo Khoury, conta o escritor, foi o mais polêmico pelas cenas de sexo, o tom intimista, típico de quem se autointitulava o "Bergman brasileiro", referência ao cineasta sueco Ingmar Bergman.

Salim também participou da seleção de filmes que integraria a mostra. O escritor afirma que muitos não tinham as características do Cinema Novo, mas eram representantes importantes de uma fase em que a cinematografia brasileira, assim como outros aspectos da vida cultural do País, estava sendo bastante discutida.



MEMÓRIA
Salim Miguel (alto) ajudou a selecionar os filmes da Semana do Cinema Novo, em 1962, que teve exibição de "O Pagador de Promessas", com Leonardo Villar e Glória Menezes (D).



056: Tricampeão de copas literárias

HASSE, Geraldo. Tricampeão de copas literárias. **Gazeta Mercantil**. São Paulo, 23,24 e 25 ago. 2002. Cultura, pag. 11.

Tricampeão de copas literárias

Vencedor de três dos maiores prêmios para escritores brasileiros, Salim Miguel vive sem o assédio das editoras

GERALDO HASSE*
de Florianópolis

O escritor libano-catarinense Salim Miguel vive em estado de graça desde o lançamento de “Nur na Escuridão”, o livro em que narra a saga de sua família no Brasil desde a chegada em 1927. Em menos de três anos ganhou três dos maiores prêmios literários brasileiros, façanha não alcançada antes por nenhum medalhão das letras nacionais. Sorte? Coincidência? Competência? Conchavo?

Nada como bela história de imigrante para tirar do semi-anonimato um autor de duas dezenas de livros. Salim tinha então três anos, mas nunca esqueceu a primeira lição sobre a língua portuguesa, recolhida num entardecer de maio, no burburinho da Praça Mauá. Foi seu batismo no aprendizado do vocabulário da nova pátria.

Anoitecia no porto do Rio de Janeiro quando o recém-chegado casal de libaneses Youssef e Tamina pediu a um motorista de táxi que o levasse, e às suas crianças, a um endereço anotado num pedaço de papel. O lusco-fusco impedia a leitura do rabisco. Aflito, o chefe da família exclama “nur, nur” e arrasta o motorista para baixo de um poste de luz, onde ambos conseguem finalmente identificar o destino inicial da família, num subúrbio carioca. Algumas semanas depois, os Miguel encontram

Eglê Malheiros, poeta e tradutora com quem se casou há 55 anos (tiveram cinco filhos). Ela lê para ele, revisa seus textos e (nas entrevistas à imprensa) preenche os raros lapsos de sua memória.

Salim sente-se honrado por fazer parte da galeria dos escolhidos pelo Juca Pato, troféu criado em 1963 pela “Folha de S. Paulo” em parceria com a UBE. Com raras exceções, acha que a companhia só o engrandece. Como os gaúchos Érico Veríssimo e L. F. Veríssimo e o potiguar Luís da Câmara Cascudo, é um dos poucos premiados fora do eixo Rio-São Paulo. Acredita que talvez não tenha tantos méritos quanto outros escritores, mas toma os prêmios como recompensa pelo trabalho como operário das palavras. Algo envaidecido na sua modéstia, confessa que nunca quis ser sócio de outra entidade a não ser o sindicato dos jornalistas. Não faz parte nem do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina. A Academia Biguaçuense de Letras, por exemplo, não perdoa a humildade do filho mais ilustre da cidade.

Em seus textos nota-se a busca ansiosa pela precisão, mas melhor ainda é ouvi-lo. Grande contador de histórias, Salim Miguel faz

única que manifestou interesse real foi uma quarta, a carioca Topbooks, que lançaria a primeira edição em novembro de 1999.

Até hoje Salim acha que podia ter segurado o livro mais um pouco, a fim de lhe dar “mais uma enxugadinha...” Sem notícias do resultado da venda da segunda edição, satisfaz o afã de cortar preparando textos antigos, uns publicados, outros inéditos, para novos livros.

Tem por sair este ano pela editora Movimento uma coletânea de 25 textos sobre escritores brasileiros, entre eles seis sobre o poeta catarinense Cruz e Sousa (1861-1897). Aprontou para edição uma vintena de ensaios críticos sobre escritores estrangeiros, de Eça de Queiroz a Vladimir Nabokov, de quem recomenda especialmente o romance “Fogo Pálido”, que inclui entre as 100 maiores obras da literatura universal. Finalmente, acabou de preparar “Gente da Terra e Outras Gentes”, coletâneas de textos sobre personalidades catarinenses — sem editora.

Como se explica que o escritor mais premiado do Brasil não tenha editoras batendo à porta? Salim Miguel não se constrange por “não vender”. Como crítico por



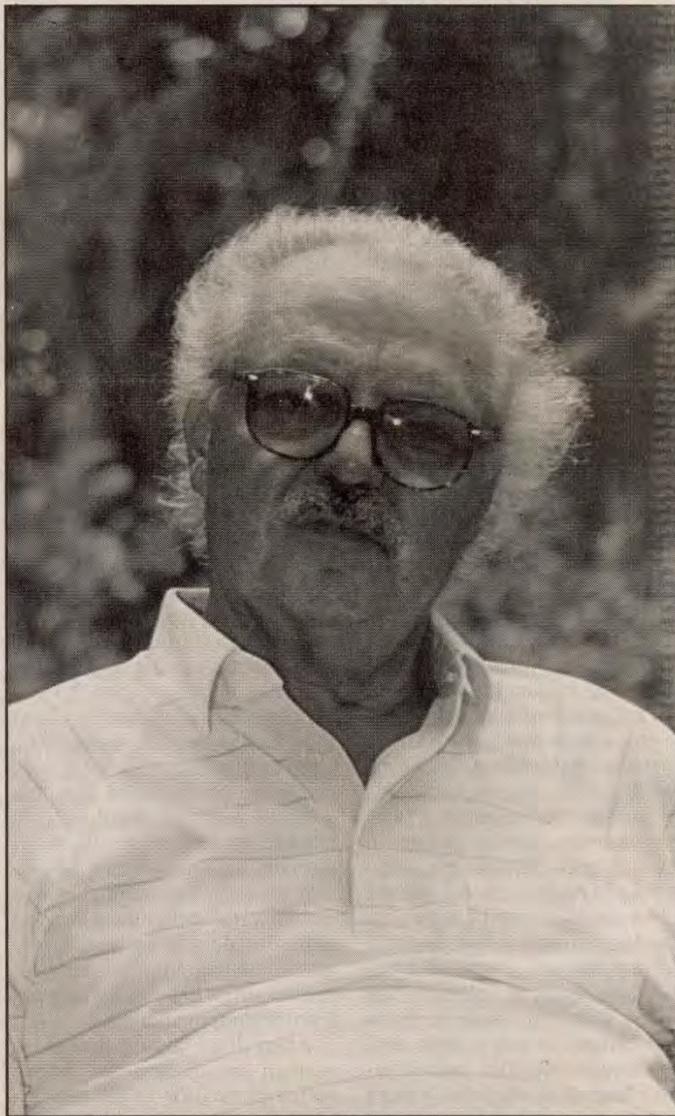
rasta o motorista para baixo de um poste de luz, onde ambos conseguem finalmente identificar o destino inicial da família, num subúrbio carioca. Algumas semanas depois, os Miguel encontram porto definitivo em Biguaçu, pequena cidade do litoral de Santa Catarina, onde a história continua.

Palavra por palavra, o pequeno Salim penetrou tão fundo no universo da língua luso-brasileira que se tornou um profissional. Aos dez anos, quando o pai lhe perguntou o que gostaria de ser na vida, já não tinha dúvida: “Quero ser leitor e escritor.” Para ter acesso aos livros, fez amizade com o poeta J. Mendes, o cego dono da única livraria de Biguaçu. Podia ler qualquer livro do estoque, desde que o fizesse em voz alta, dividindo o prazer da leitura com o amigo destituído de “nur” nos olhos.

Ao entrar na adolescência, já conhecia Machado de Assis, Eça de Queiroz e centenas de escritores de todo o mundo. Com 18 anos, era um agitador cultural em Florianópolis, membro de um grupo de voluntários das artes com claras aspirações literárias e vagas intenções políticas. Varou livros, criou uma revista, empregou-se em jornal, fundou livraria, escreveu contos, críticas e roteiros de cinema, editou livros. Era tão engajado que chegou a ser preso em abril de 1964. Estava na cadeia (onde ficou por 48 dias) quando soube da depredação seguida da queima de livros da livraria Anita Garibaldi, que fundara anos antes, no centro de Florianópolis.

Sete décadas depois de chegar ao Brasil, quando se dispôs a iniciar sua maior obra, a palavra “nur” estava na ponta da língua. Ela lhe serviu para abrir a história e compor o título.

A consagração de Salim Miguel começou em 1999 com o Prêmio Romance do Ano, oferecido pela Associação Paulista dos Críticos de Arte. Em 2001 dividiu com Antonio Torres os R\$ 100 mil do Prêmio Zaffari, criado por uma rede de supermercados do Rio Grande do Sul. Este ano, foi agraciado com o Troféu Juca Pato, atribuído pela União Brasileira de Escritores (UBE). Recebe-o no dia 30 de agosto, na Casa de Mario Quintana, em São Paulo. Fora o Zaffari, o escritor catarinense nunca ganhou dinheiro com direitos autorais, mas não se queixa. “A crítica foi sempre muito generosa comigo”, diz. Seus mais de 20 livros (contos, novelas, romances, críticas e ensaios) foram es-



Salim Miguel, autor de “Nur”: “Escrever é cortar”

pausas espertas (para dar ao interlocutor tempo de anotar e compreender o que acaba de dizer) e tem memória fabulosa. Conhece profundamente a literatura brasileira e mundial. Não esconde que mexer com as palavras é um trabalho árduo. “Escrever é cortar.”

Não há melhor exemplo disso do que “Nur”, cujo copião, baseado num manuscrito de seu pai Youssef — que trocou a profissão de professor no Líbano pela de dono-de-venda no Brasil — tinha inicialmente perto de mil páginas. Da primeira versão, concluída em 1995, resultaram 500 páginas. No ano seguinte, encostou a obra e se dedicou a tarefas mais urgentes.

Entre outras coisas, preparou uma coletânea de textos críticos, foi a Guadalajara falar sobre o escritor mexicano Juan Rulfo (“uma temeridade”, reconhece) e escre-

mais de 50 anos, sabe de dezenas de escritores mantidos no ineditismo por falta de demanda do público leitor e de interesse do mercado editorial. E conta que só pôde concorrer ao Juca Pato — para escritores regulares, não para eventuais — porque soltou em 2001 pela editora Insular “Eu e as Corruiras”, antologia de crônicas já publicadas na imprensa.

Depois do sucesso de “Nur”, o veterano escritor catarinense (78 anos) percebeu que poderia lançar um novo livro todo ano — desde que tivesse histórias novas, tão saborosas quanto a saga de sua família. Aí está a dificuldade: Salim Miguel não é escritor “inspirado”, que escreve copiosamente. Devido ao vício profissional de escrever para sobreviver na imprensa, a maioria dos seus textos é fruto de muita “transpiração”.

ces, críticas e ensaios) foram escritos em horas vagas ou roubadas da atividade regular como jornalista, primeiro em Florianópolis depois no Rio, onde viveu por 15 anos. Na ex-capital federal foi redator de "Fatos & Fotos", repórter de "Manchete" e diretor de "Tendência", da Bloch Editores. De volta ao Estado de origem, trabalhou até se aposentar como diretor da Editora da Universidade Federal de Santa Catarina.

Nos últimos anos, foi prejudicado por uma deficiência visual. Para ler, precisa de uma lente, mas conta com a ajuda da companheira

temeridade", reconhece) e escreveu o ensaio "Como Imagino a Editora de uma Universidade", editado pela Universidade de São Carlos. Em seguida, escreveu a novela "Confissões Prematuras", publicada em 1997 pela Letras Contemporâneas. Só então voltou a "Nur", cortando trechos que não se enquadravam na estrutura de um romance-memorial. Com as sobras, lançou em 1997 "Onze de Biguaçu Mais Um", livro de contos. Ao dar "Nur" por concluído, com 360 páginas, na virada de 1998 para 1999, Salim Miguel enviou cópias para três editoras. A

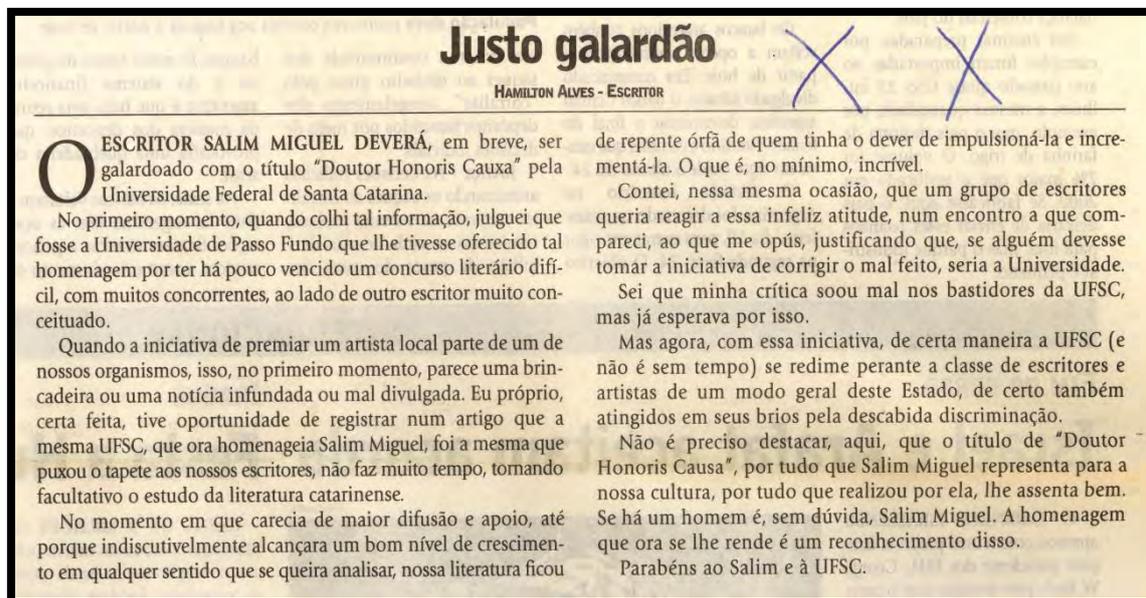
muita "transpiração".

Há meses está empacado em "Viver a Vida", narrativa de um exílio carioca. Não é ficção nem realidade. Como ele explica, é "memória trabalhada ficcionalmente", sua especialidade. O autor não se preocupa em esclarecer o que é uma coisa e o que é outra. Seus escritos são todos ancorados na vida real, mas o compromisso fundamental não é com a verdade factual e, sim, com a liberdade de criação. Seu grande desafio, agora, é tornar-se popular. ■

** Especial para a Gazeta Mercantil*

057: Justo galardão

ALVES, Hamilton. Justo galardão. **O Estado**. Florianópolis, 29 abr. 2002. Opinião, pag. 04.



Justo galardão
HAMILTON ALVES - ESCRITOR

O ESCRITOR SALIM MIGUEL DEVERÁ, em breve, ser galardoado com o título "Doutor Honoris Causa" pela Universidade Federal de Santa Catarina.

No primeiro momento, quando colhi tal informação, julguei que fosse a Universidade de Passo Fundo que lhe tivesse oferecido tal homenagem por ter há pouco vencido um concurso literário difícil, com muitos concorrentes, ao lado de outro escritor muito conceituado.

Quando a iniciativa de premiar um artista local parte de um de nossos organismos, isso, no primeiro momento, parece uma brincadeira ou uma notícia infundada ou mal divulgada. Eu próprio, certa feita, tive oportunidade de registrar num artigo que a mesma UFSC, que ora homenageia Salim Miguel, foi a mesma que puxou o tapete aos nossos escritores, não faz muito tempo, tomando facultativo o estudo da literatura catarinense.

No momento em que carecia de maior difusão e apoio, até porque indiscutivelmente alcançara um bom nível de crescimento em qualquer sentido que se queira analisar, nossa literatura ficou

de repente órfã de quem tinha o dever de impulsioná-la e incrementá-la. O que é, no mínimo, incrível.

Contei, nessa mesma ocasião, que um grupo de escritores queria reagir a essa infeliz atitude, num encontro a que compareci, ao que me opus, justificando que, se alguém devesse tomar a iniciativa de corrigir o mal feito, seria a Universidade.

Sei que minha crítica soou mal nos bastidores da UFSC, mas já esperava por isso.

Mas agora, com essa iniciativa, de certa maneira a UFSC (e não é sem tempo) se redime perante a classe de escritores e artistas de um modo geral deste Estado, de certo também atingidos em seus bríos pela descabida discriminação.

Não é preciso destacar, aqui, que o título de "Doutor Honoris Causa", por tudo que Salim Miguel representa para a nossa cultura, por tudo que realizou por ela, lhe assenta bem. Se há um homem é, sem dúvida, Salim Miguel. A homenagem que ora se lhe rende é um reconhecimento disso.

Parabéns ao Salim e à UFSC.

058: Genialidade nas letras catarinenses

VIEIRA, Cristina. Genialidade nas letras catarinenses. **O Estado**. Florianópolis, 15 e 16 jun. 2002. OE Fim de Semana. Pag. 01.



PERSONALIDADE • ESCRITOR E JORNALISTA, "PRATA DA CASA", É ELEITO INTELLECTUAL DO ANO E DOUTOR HONORIS CAUSA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Genialidade nas Letras Catarinenses

Enfim, os críticos se renderam ao talento de Salim Miguel, que, como um vinho de guarda, fica cada vez melhor

CRISTINA VIEIRA

OFANTÁSTICO ESCRITOR E JORNALISTA SALIM MIGUEL saiu para um passeio com um amigo escritor que visitava Florianópolis, passou por algumas livrarias e retornou para casa. A companheira de 50 anos com quem tem cinco filhos (quatro deles jornalistas). Eglê Medeiros, lhe deu um número de telefone, ao qual deveria retornar uma ligação. Ligou e desligou. Intellectual do Ano, eleito pela União Brasileira de Escritores, em parceria com a Folha de São Paulo. É pouco? Pois passou uns dias e virou Doutor Honoris Causa, título concedido pela Ufsc, na última quinta-feira, anteriormente dado a um único outro escritor José Saramago. Consagração... reconhecimento? Salim Miguel fica feliz, lisonjeado, até tímido... Porém, por de trás daquelas enormes lentes, o brilho nos olhos ao falar do amor pela palavra denuncia o que realmente lhe revigiliza ao ponto de aos 78 anos, com 20 livros publicados, ele estar preparando mais três obras, [todos de crítica literária]: "minha grande paixão são meus livros, depois é o jornalismo. Até hoje quando vou em uma redação, tenho vontade de sentar naquelas máquinas e escrever". O prêmio Intellectual do Ano virá no próximo semestre por meio do troféu Juca Pato. É a primeira vez na história de 39 anos do troféu que um catarinense é escolhido. Salim Miguel é, na verdade, libanês. Chegou por aqui em 1927, quando tinha três anos. Criou-se em Biguaçu. Escreveu contos, novelas, romance, um livro de depoimentos e três de crítica literária. O romance "Nur-Na Escuridão", que conta a trajetória de uma família libanesa no Brasil, é um dos mais consagrados, ganhando em 1999, o Prêmio de Melhor Romance publicado naquele ano, concedido pela Associação Paulista de Críticos de Arte. Salim é ainda um dos precursores do Grupo Sul, movimento cultural que entre outros feitos produziu o primeiro longa catarinense "O Preço da Ilusão". Já colaborou para inúmeros jornais de todo o Brasil, inclusive este, que agora ele concede essa entrevista.

OE: O que significa ser eleito Intellectual do Ano?

Salim: Alguns dos nomes mais representativos da intelectualidade brasileira já receberam esse troféu. É sempre muito bom estar ao lado de nomes tão ilustres. Também reativa o interesse pela obra de um escritor, além de me incentivar a produzir mais e melhor.

OE: Você foi escolhido pela obra "Eu e as Corruiras", lançada pela Editora Insular?

Salim: É isso e não é! É, porque obrigatoriamente existe a necessidade de ter um livro publicado no ano anterior, mas o troféu refere-se ao conjunto da obra e pelo trabalho feito como escritor, como homem inserido na sociedade, no sentido de buscar um mundo melhor. Eu nunca tive uma participação política de partido, mas sempre lutei por isso.

OE: O troféu Juca Pato simboliza o inconformismo. Com o que Salim Miguel anda inconformado?

Salim: Eu sempre fui inconformado com o que eu via ao redor de mim. Se eu pensar só em termos pessoais, eu até que não me dei mal. Sou filho de imigrante. Meu pai sempre foi um homem de pequenas posses. Mas o mundo ao meu redor é que me deixa descontente, tanto que em 1964, no Golpe Militar, eu fui preso e depois tive que morar no Rio de Janeiro.

Olhe para o Brasil, o escravo que acompanhou Cabral dizia "em se plantando tudo dá", entretanto observe o número crescente de crianças pedindo esmola, de crimes, de sem terra, de sem teto... Isso, no Brasil e no mundo, o drama é maior, haja visto o 11 de setembro e o que os EUA fizeram depois: sempre cito a frase do piloto de um caça americano: "estou jogando uma bomba de dois milhões de dólares em casebres de 10 dólares".

OE: "Eu e as Corruiras" é um livro de crônicas...

Salim: É um livro que comemora os 50 anos da minha atividade como escritor, porque como jornalista já trabalhava antes, onde eu reuni textos que foram publicados nos últimos anos em jornais e revistas. Não tem todas as crônicas, mas aquelas que eu achei que não perderam a atualidade, porque muitas crônicas são escritas hoje e amanhã já envelheceu. São temas variados, boa parte memorialístico.

OE: O que permanece enquanto essência do Salim Miguel que publicou o primeiro livro em 1951 e o que lançou "Eu e as Corruiras"?

Salim: Sempre retratando o nosso tempo, a nossa gente, o nosso dia-a-dia, os problemas humanas e como o homem age na sociedade. Continuo sendo o que sempre fui. Sou escritor rápido. O jornalismo me deu isso. Como nada parte do nada, tenho uma ideia básica, que pode vir de um diálogo que ouvi, de um rosto e daí começo a escrever. O que eu espero é que eu tenha melhorado, sendo coerente com aquilo que eu me propus quando comecei.

OE: E quando foi que começou?

Salim: Eu tinha lá os meus dez anos, quando meu pai me vendo agarrado a tudo quanto era papel impresso, me disse assim: "O que que tu pretendes fazer na vida?" E eu sem titubear respondi: Ler e escrever. Ai minha mãe disse assim: "não vai ser fácil. Espero que consigas". Não foi fácil mesmo, mas consegui viver da palavra, porque é a única coisa que sei fazer na vida! Claro que não vivo dos meus direitos autorais, porque isso no Brasil, poucos escritores conseguem, mas sempre vivi da palavra, como jornalista profissional, como sócio de gráfica, de distribuidora de livro, de editora, dirigindo por oito anos a Editora da Ufsc e na Fundação Franklin Cascaes criei um segmento editorial, lançando concursos literários e livros de interesse do município.

OE: O jornalismo está muito artificial?

Salim: A TV é superficial e os jornais impressos precisavam ser repensados, acho que mais críticos, investigativos, como fazia Tim Lopes. Eu inclusive trabalhei com ele na Manchete!



059: Luz na escuridão

LOTH, Moacir. Luz na escuridão. **A Notícia**. Joinville, 04 ago. 2002. Anexo, pag. C 3.



Luz na escuridão

MOACIR LOTH
ESPECIAL PARA O ANEXO

Florianópolis — O escritor, jornalista e animador cultural Salim Miguel vem recebendo o reconhecimento merecido na comemoração do lançamento dos 50 anos do seu livro de estreia: "Velhice e Outros Contos", publicado pelas Edições Sul, em 1951. Além de conquistar, aos 77 anos, dois prêmios nacionais com o livro "Nur na Escuridão", romance sobre seus familiares libaneses no Brasil, o ex-diretor da Editora da UFSC (EdUFSC) foi o autor catarinense homenageado do Circuito Cultural Banco do Brasil, cuja "Roda de Leitura com Nelson Motta" aconteceu em Florianópolis. Salim vive um momento extremamente gratificante: em 1999, o livro "Nur", (Editora Topbooks) recebeu o prêmio de melhor romance do ano, uma distinção da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA). E no final de agosto de 2001, dividiu com o escritor Antônio Torres ("Meu Querido Canibal") o Prêmio Zaffari & Bourbon da 9ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo (RS), considerado o maior evento do gênero na América Latina. Autor de 20 obras, Salim é o primeiro escritor de Santa Catarina a ganhar os dois prêmios. O 21º livro já está a caminho: "Viver a Vida: Narrativas de um Exílio no Rio". Na sua finalização, investiu parte dos recursos da premiação. Os 50 anos de vida literária de Salim Miguel renderam também sessões especiais da Assembleia Legislativa e da Câmara Municipal de Florianópolis, provocando emocionados depoimentos do homenageado. Igualmente, o governo do Estado distinguiu o autor com a Medalha Anita Garibaldi. Os escritores catarinenses, reunidos em encontro estadual em São Bento do Sul, fizeram homenagem unânime, oferecendo-lhe um troféu, contendo frase de seu ídolo, José Saramago: "Literatura é vida". Para fechar com chave de ouro a comemoração dos 50 anos de literatura, além do *honoris*, Salim foi agraciado com o Prêmio Luca Pato 2002, conferido ao Intelectual do Ano pela União Brasileira de Escritores (UBE) e jornal "Folha de S. Paulo". O recente livro "Salim na Claridade", reunindo 24 depoimentos de intelectuais brasileiros sobre o autor, foi organizado para a FCC Edições pelo escritor e ex-diretor da Imprensa Oficial de Santa Catarina (Ioesc), Flávio José Cardozo, retratando, além da obra, o cidadão, o jornalista e o animador cultural. A Editora da Universidade Federal de Santa Catarina (EdUFSC), levando em conta a contribuição à literatura catarinense e brasileira, indicou Salim Miguel para receber da UFSC o título de *doutor honoris causa*, principal honraria que a instituição pode dar a alguém. A distinção foi dada em 1999 ao Prêmio Nobel de Literatura José Saramago, de quem Salim é leitor e admirador desde antes da fama. O autor de "Ensaio sobre a Cegueira" chegou a encaminhar material para a "Revista Sul", dirigida por Salim, nos anos 40/50. Durante sua estada em Florianópolis, o português foi saudado, em nome dos escritores catarinenses, pelo autor de "Nur na Escuridão". O escritor Salim Miguel, conhecido nacionalmente também como jornalista (escreveu na grande imprensa, principalmente carioca), considera-se cidadão libano-biguaçuense, pois nasceu no Líbano em 1924 e chegou ao Brasil (Rio) em 1927. Após dois anos, a família mudou para Biguaçu, na Grande Florianópolis, onde Salim morou dos 5 aos 19 anos. Em 1943, a família Salim vai morar em Florianópolis, onde o intelectual inicia sua longa e profícua jornada cultural. Crítico literário e jornalista atuante, Salim amargou 48 dias de cadeia em 1964, durante a ditadura militar. A "experiência" inspirou obras, entre as quais, o livro "Primeiro de Abril: Narrativas da Cadeia", e o próximo lançamento "Narrativas de um Exílio no Rio". Com Eglê Malheiros, e E. M. Santos, o escritor produziu o argumento e roteiro do primeiro longa-metragem catarinense: "O Preço da Ilusão". Ainda em Florianópolis criou e liderou o movimento cul-

Consagrado autor catarinense, Salim Miguel dignifica a literatura brasileira



vai morar em Florianópolis, onde o intelectual inicia sua longa e profícua jornada cultural. Crítico literário e jornalista atuante, Salim amargou 48 dias de cadeia em 1964, durante a ditadura militar. A "experiência" inspirou obras, entre as

quais, o livro "Primeiro de Abril: Narrativas de um Exílio no Rio". Com Eglê Malheiros, a mulher, e E. M. Santos, o escritor produziu o argumento e roteiro do primeiro longa-metragem catarinense: "O Preço da Ilusão". Ainda em Florianópolis criou e liderou o movimento cultural conhecido como Grupo Sul, que revolucionou o panorama literário catarinense, nos vários gêneros, mantendo intenso intercâmbio nacional e internacional. Ao deixar a prisão, Salim e Eglê seguiram para o Rio de Janeiro. Lá, além de continuar no cinema e na literatura, Salim atuou durante quase 15 anos em jornais e revistas. Durante dez anos foi colaborador assíduo do caderno "Idéias", do "Jornal do Brasil" (JB), editado por Mário Pontes. Nas empresas do Grupo Bloch foi redator, repórter especial e chefe de redação. Crítico de literatura brasileira e hispano-americana, redigiu verbetes sobre escritores para a Enciclopédia Delta-Larousse. Também no Rio foi um dos editores da revista "Ficção". Nos anos 80 começou vida nova na capital catarinense. De 1983 a 91, dirigiu e consolidou a EdUFSC e durante quatro anos foi superintendente da Fundação Franklin Cascaes (FFC), que cuida da cultura de Florianópolis, período que imprimiu-lhe uma nova dinâmica que permitiu uma maior visibilidade nacional. Além dos 20 livros, Salim integrou e organizou numerosas antologias, participando igualmente em eventos literários na Alemanha, na Argentina e em Portugal. Na comemoração dos 50 anos de literatura publicou "Eu e As Corruínas" (Editora Insular). Entre os seus prêmios, destaca-se ainda o da União Brasileira de Escritores (UBE/R) para "Primeiro de Abril — Narrativas de Cadeia". Ao prêmio da 9ª Jornada Nacional de Literatura de Passo Fundo concorreram 190 obras publicadas entre junho de 1999 a maio de 2001, algumas do exterior e de vários importantes escritores do Brasil. Trata-se do maior evento literário da América Latina, tanto em participação como em premiação (R\$ 100 mil para o primeiro colocado). "O prêmio que recebi também é um reconhecimento à qualidade do que está se produzindo em Santa Catarina", sublinha Salim, acrescentando que "não sou melhor nem pior do que outros escritores que estão em plena atividade no Estado". Para ele, vários colegas poderiam ter conquistado o mesmo prêmio. "Espero, portanto, que em 2003 outro catarinense reprise a façanha." Salim falou repetidas vezes nas entrevistas e palestras que "Nur" estava dando sorte ao autor. Mas a verdade é que a qualidade da obra é que tem garantido um sabor especial à festa dos 50 anos de literatura. Não é por nada que a obra já está no forno para a sua terceira edição. O poeta Carlos Drummond de Andrade, ao comentar "Os Nossos Iguais", um dos textos de Salim, destacava a sua "consciência literária" e o "sutil aproveitamento que consegue obter dos valores da linguagem". O poeta estava carregado de razão. Salim lia, quando menino em Biguaçu, para um velho cego em troca de livros. Hoje, com a perda quase total da visão, Salim encontra luz na escuridão: sua inseparável companheira, a escritora e teatróloga Eglê Malheiros, lê para ele. Luz é a palavra mágica que ilumina a obra e dá um brilho especial ao escritor na festa de meio século de literatura.

Prêmios nacionais, homenagens, convites, livros — uma festa que não acaba para o escritor Salim Miguel, que vive o seu tempo de glória

■ **MOACIR LOTH**, jornalista, assessor de imprensa da Editora da Universidade Federal de Santa Catarina (EdUFSC)

Ano 3 - Número 7 - Abril/Maio - Junho - 2002

UBE

VAPT - VUPT

- “O Catarina!”, suplemento cultural da Fundação Catarinense de Cultura, publicou um número especial sobre teatro, abordando algumas questões a ele relacionadas em artigos de Carlos Eduardo Silva, Carmen Lúcia Fossari, Valmor Beltrami (Nini), José Ronaldo Faleiro, Vera Colaço, Neno Brazil, Waldir Brazil, Nando Moraes, Zeula Soares e Lau Santos.

- Através da Lei nº 5828, de 27 de dezembro de 2001, o município de Blumenau tornou obrigatória a exposição, com prioridade, em todas as bibliotecas e livrarias, as obras de qualquer área de autores residentes naquela cidade há mais de cinco anos. Nas estantes onde forem expostas deverá constar com destaque o título AUTORES DE BLUMENAU. Está de parabéns o município de Blumenau pela meritória iniciativa.

- Na quarta edição de seu “Concurso Literário Conto e Poesia”, o Sindicato dos Trabalhadores na Indústria de Energia Elétrica de Florianópolis (Sinergia) recebeu cerca de 700 trabalhos concorrentes, com autores de todas as regiões do Estado, num total de 57 municípios. Os 45 trabalhos selecionados serão reunidos numa coletânea que deverá ser lançada em julho, revelando a nova safra de nossas letras.

- Os colegas do Estado do Paraná estão se movimentando para criar sua União Brasileira de Escritores (UBE), tendo à frente do movimento nomes de prestígio nas letras do nosso vizinho do norte. Desejamos aos colegas sucesso na iniciativa e nos colocamos à disposição para colaborar naquilo que seja necessário.

- A Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), seção de Santa Catarina, lançou a coletânea “Crônicas de Advogados”, reunindo trabalhos premiados em concurso de âmbito estadual. Tanto entre os premiados como entre os membros da comissão julgadora estão nomes que integram nossa UBE-SC.

- Nosso colega Marcelo Steil foi nomeado para o Conselho Estadual de Cultura como representante da UBE-SC. Estamos aguardando para breve a nomeação de outro colega para a Comissão Catarinense do Livro, o que permitirá

colocar em execução a chamada “Lei Grando.” Nesse sentido estamos mantendo freqüentes contatos com o Governo do Estado.

- A UFSC promoveu, em sua Galeria de Artes, a exposição “Formas e Cores”, da artista plástica Aurélia Nattir; na mesma Galeria aconteceu o evento “Caligrafias Açorianas”, com as exposições “Espíritos nas Ilhas”, de Valter Vinagre e “Tempo no Tempo” de Ferreira Pintom com lançamento do vídeo “Em nome do Espírito Santo”, de Carlos Brandão Lucas e do livro “Nove rumores do mar”, de Eduardo Bettencourt, além do CD “Clássicos Açorianos”, de Carlos Alberto Moniz: no hall da Reitoria da UFSC foi realizada a exposição fotográfica “Fortificações da Ilha de Santa Catarina”, de Ademilde Silveira Sartori e Alberto Luís Barckert.

- A Fundação Catarinense de Cultura promoveu o seminário “Jornalismo Cultural - Cinco Debates”, com a participação de Regina Zilberman, José Castello, Cremilda Medina, Anelito de Oliveira e Paulo Clóvis Schmitz. Foi lançado na ocasião livro em homenagem a Salim Miguel.

- Realizou-se também o seminário “Atuação do Ministério Público em defesa da probidade administrativa”, tema de maior importância, com a participação de vários especialistas. Foi lançado na ocasião o livro “História do Ministério Público Catarinense”, de Raulino Jacó Brünning e prefácio de Enéas Athanázio.

- Nosso colega Osmar Pisani lançou a segunda edição de seu livro “As Paredes do Mundo”, com textos críticos de Antônio Hohlfeldt, Péricles Prade e Rodrigo de Haro.

- Nossa UBE-SC avança. Todos os itens propostos na posse da atual Diretoria foram cumpridos ou estão encaminhados. Vários escritores se filiaram e nosso site tem sido bastante visitado. Visite-o você também, participe, faça sugestões!



Gráfica Real
IMPRESSOS DE QUALIDADE

Livros, Jornais, Cartões, Receituários, Blocos, etc.

Fone: (0xx47) 367-4254 e-mail: graficareal@neoclic.com.br
4ª Avenida, 189 - Esq. c/ Rua 600 - Sala 04 - Baln. Camboriú - SC

061: Eles dizem, eles fazem

ELES dizem, eles fazem: Salim Miguel. **Lux Jornal**. Rio de Janeiro, 30 jan. 2002. Editoria Caderno Bis, pag. 06.

-Eles dizem, eles fazem

Gastronomia

Tempo houve em que cozinhar era algo restrito ao mundo das domésticas. Hoje, tanto as mulheres quanto os homens se aproximaram dos fogões e curtem elaborar pratos. O número de gourmets cresceu em todo o país. O de livros de receitas, também. A escritora gaúcha Patrícia Bins organizou "Brasil: receitas de criar e cozinhar" (AEG Editora) - volume 2. São 28 convidados de todo o Brasil ligados às artes plásticas ou literárias - que repassam a sua receita de criar e cozinhar. Lá estão a couve e o arroz mineiro de Fernando Sabino, o Christmas Cake de Patrícia, o Malfatti di ricotta de Pietrina Checacci e tantas outras delícias. Bom de ler, bom de fazer...

Terceira idade

O projeto Vida Ativa, voltado para a terceira idade agendou uma série de cursos para 2002. Os principais são Informática, Dança de Salão, Alongamento com Reeducação Postural e Inglês. As aulas acontecerão em fevereiro nas instalações da Unidade Ipanema. Mais informações: 2536-5000.

Salim Miguel

O escritor catarinense Salim Miguel completa esse ano 50 anos de literatura. Para marcar a data, a Fundação Catarinense de Cultura está lançando "Salim na Claridade" (FCC Edições) reunindo 24 depoimentos sobre a vida e a obra do escritor. Organizado por Flávio José Cardozo, o livro traz textos de Edla Van Steen, Fábio Lucas, Luiz Antônio de Assis Brasil e outros que incensam o homenageado. Salim, que nasceu no Líbano, veio criança para o Brasil. Começou a escrever em 51 e o mais premiado de seus livros é "Nu na escuridão", editado em 99.

Polêmica

O romance policial "No fundo da raloa" do Padre Edmilson Ribeiro (Imago) ganhou um grande espaço na mídia nacional por focar em suas páginas muito sexo, traição, vingança e palavrões. O que causou espécie foi o fato do livro ter uma linguagem crua, sem falso moralismo, o que é inusitado para um servo de Deus, que, presume-se, leve uma vida cheia de

Índice por Autor

| | | | |
|-------------|---|----------------------------------|---------------------|
| Sem autoria | Encontro Cultural | A Notícia | 001 |
| | Doutor Salim Miguel | Diário Catarinense | 004 |
| | Salim Miguel | Diário Catarinense | 006 |
| | A mais justa homenagem | Diário Catarinense | 008 |
| | Destaque | Diário Catarinense | 009 |
| | Esquecidos pela lei | Diário Catarinense | 010 |
| | O escritor Salim Miguel é aclamado intelectual do ano | O Escritor | 012 |
| | Salim Miguel - Intelectual do ano de 2001 | O Escritor | 013 |
| | Uma justa homenagem | Diário Catarinense | 015 |
| | Salim Miguel conquista prêmio Juca Pato | Diário Catarinense | 017 |
| | Memórias ao pé da letra | Diário Catarinense | 018 |
| | Salim Miguel é o vencedor do prêmio UBE | Diário Catarinense | 019 |
| | Políticas culturais | Diário Catarinense | 020 |
| | Muito mais cultura | Diário Catarinense | 021 |
| | OS livros na praça | Diário Catarinense | 028 |
| | Salim nas alturas | Leitura & Prazer | 029 |
| | Salim Miguel um doutor escritor | Jornal Universitário-UFSC | 031 |
| | Aprendendo a escrever na companhia das corruíras | Diário Catarinense | 034 |
| | Olhar de repórter | Correio Braziliense | 037 |
| | Salim Miguel homenageado | A Notícia | 039 |
| | Troféu põe Salim Miguel em boa companhia | A Notícia | 040 |
| | Prêmio Salim Miguel recebe hoje o Juca Pato 2001 | Folha de São Paulo | 041 |

| | | | |
|----------------------------|---|---------------------------|---------------------|
| | Escritor Salim Miguel é eleito intelectual do ano | O Estado | 046 |
| | Prêmio à coerência | A Notícia | 049 |
| | Ilustrada. O escritor jornalista Salim Miguel... | Folha de São Paulo | 051 |
| | Curto circuito | Folha de São Paulo | 052 |
| | Salim na claridade | A Tarde | 053 |
| | Vapt - vupt | Informativo da UBE | 060 |
| | Eles dizem, eles fazem | Lux Jornal | 061 |
| ALVES, Hamilton | O Intelectual do ano | O Estado | 044 |
| | Justo galardão | O Estado | 057 |
| ANGIOLILLO, Francesca | Salim Miguel recebe o troféu Juca pato | Hoje em Dia | 022 |
| | Salim Miguel ganha troféu Juca Pato | Folha de São Paulo | 036 |
| | Jornalista vence troféu Juca Pato | Jornal do Comercio | 045 |
| BARREIROS, Julita da Silva | Rápidas | Tribuna da Ilha | 026 |
| BIANCHINI, Fábio | Salim Miguel ganha um lugar entre os grandes | Diário Catarinense | 014 |
| | Mas ficar parado era impossível | Diário Catarinense | 016 |
| BRAGANÇA, Anibal | O Díficil ofício de editar livros | Jornal do Brasil | 048 |
| GALVANI, Walter | Um intelectual do Sul | ABC Domingo | 023 |
| GIORDANO, Rafaela | Bem longe da proteção da lei | Diário Catarinense | 011 |
| | A literatura valorizada | Diário Catarinense | 033 |
| GOES, Anselmo | Juca Pato | O Globo | 047 |
| HASSE, Geraldo | Tricampeão de copas literárias | Gazeta Mercantil | 056 |
| IANNI, Octavio | Ficção e história na obra de Salim Miguel | O Escritor | 025 |
| LIMEIRA, Claudio | Um colaborador de primeira hora | Correio das Artes | 030 |

| | | | |
|----------------------|--|----------------------------------|---------------------|
| LIZ, Romi de | Primeira mão | Diário Catarinense | 005 |
| LOTH, Moacir | Luz na escuridão | A Notícia | 059 |
| MACHADO, Ricardinho | Justíssimo | A Notícia | 050 |
| MALLMANN, Regis | O primeiro Juca Pato da literatura catarinense | A Notícia | 042 |
| MENEZES, Ana Claudia | Sete dias de vanguarda | A Notícia | 055 |
| MENEZES, Cacau | Na ilha | Diário Catarinense | 027 |
| NOGUEIRA, Adriano | Como intelectual do ano, Salim Miguel ganha o troféu Juca Pato | Linguagem Viva | 003 |
| PEDROSO, Néri | Salim e Eglê comungam conversa | A Notícia | 038 |
| PEREIRA, Mário | Doutor Salim: assim estava escrito | Diário Catarinense | 035 |
| SAMPAIO, Ivanildo | Memórias de editor | Jornal do Comercio | 002 |
| SANTHYANNA, Monica | Salim Miguel é o mais novo membro da UFSC | Diário Catarinense | 007 |
| SARTORI, Raul | Intelectual do ano | A Notícia | 054 |
| TAVARES, Elaine | Salim Miguel: vou ser um escritor sim, e com esse nome. | Jornal Universitário-UFSC | 032 |
| TERNES, Apolinário | Mestres no conto e na poesia | A Notícia | 043 |
| VIEIRA, Cristina | Genialidade nas letras catarinenses | O Estado | 058 |
| WILLER, Claudio | O Catarinense Salim Miguel recebeu o Juca Pato | O Escritor | 024 |

Índice por Jornal

| | | | |
|----------------------------|----------------------|--|---------------------|
| A Notícia | | Encontro Cultural | 001 |
| | | Salim Miguel homenageado | 039 |
| | | Troféu põe Salim Miguel em boa companhia | 040 |
| | | Prêmio à coerência | 049 |
| | LOTH, Moacir | Luz na escuridão | 059 |
| | MACHADO, Ricardinho | Justíssimo | 050 |
| | MALLMANN, Regis | O primeiro Juca Pato da literatura catarinense | 042 |
| | MENEZES, Ana Claudia | Sete dias de vanguarda | 055 |
| | PEDROSO, Néri | Salim e Eglê comungam conversa | 038 |
| | SARTORI, Raul | Intelectual do ano | 054 |
| | TERNES, Apolinário | Mestres no conto e na poesia | 043 |
| A Tarde | | Salim na claridade | 053 |
| ABC Domingo | GALVANI, Walter | Um intelectual do Sul | 023 |
| Correio Braziliense | | Olhar de repórter | 037 |
| Correio das Artes | LIMEIRA, Claudio | Um colaborador de primeira hora | 030 |
| Diário Catarinense | | Doutor Salim Miguel | 004 |
| | | Salim Miguel | 006 |
| | | A mais justa homenagem | 008 |
| | | Destaque | 009 |
| | | Esquecidos pela lei | 010 |
| | | Uma justa homenagem | 015 |
| | | Salim Miguel conquista prêmio Juca Pato | 017 |
| | | Memórias ao pé da letra | 018 |
| | | Salim Miguel é o vencedor do prêmio UBE | 019 |

| | | | |
|---------------------------|-----------------------|--|---------------------|
| | | Políticas culturais | 020 |
| | | Muito mais cultura | 021 |
| | | OS livros na praça | 028 |
| | | Aprendendo a escrever na companhia das corruíras | 034 |
| | BIANCHINI, Fábio | Salim Miguel ganha um lugar entre os grandes | 014 |
| | BIANCHINI, Fábio | Mas ficar parado era impossível | 016 |
| | GIORDANO, Rafaela | A literatura valorizada | 033 |
| | LIZ, Romi de | Primeira mão | 005 |
| | MENEZES, Cacau | Na ilha | 027 |
| | PEREIRA, Mário | Doutor Salim: assim estava escrito | 035 |
| | SANTHYANNA, Monica | Salim Miguel é o mais novo membro da UFSC | 007 |
| | GIORDANO, Rafaela | Bem longe da proteção da lei | 011 |
| | | Prêmio Salim Miguel recebe hoje o Juca Pato 2001 | 041 |
| | | Ilustrada. O escritor jornalista Salim Miguel... | 051 |
| | | Curto circuito | 052 |
| Folha de São Paulo | ANGIOLILLO, Francesca | Salim Miguel ganha troféu Juca Pato | 036 |
| Gazeta Mercantil | HASSE, Geraldo | Tricampeão de copas literárias | 056 |
| Hoje em Dia | ANGIOLILLO, Francesca | Salim Miguel recebe o troféu Juca pato | 022 |
| Informativo da UBE | | Vapt - vupt | 060 |
| Jornal do Brasil | BRAGANÇA, Anibal | O Díficil ofício de editar livros | 048 |
| Jornal do Comercio | ANGIOLILLO, Francesca | Jornalista vence troféu Juca Pato | 045 |

| | | | |
|--------------------------------------|----------------------------|--|---------------------|
| | SAMPAIO, Ivanildo | Memórias de editor | 002 |
| | | Salim Miguel um doutor escritor | 031 |
| Jornal Universitário-UFSC | TAVARES, Elaine | Salim Miguel: vou ser um escritor sim, e com esse nome. | 032 |
| Leitura & Prazer | | Salim nas alturas | 029 |
| Linguagem Viva | NOGUEIRA, Adriano | Como intelectual do ano, Salim Miguel ganha o troféu Juca Pato | 003 |
| Lux Jornal | | Eles dizem, eles fazem | 061 |
| | | O escritor Salim Miguel é aclamado intelectual do ano | 012 |
| | | Salim Miguel - Intelectual do ano de 2001 | 013 |
| | IANNI, Octavio | Ficção e história na obra de Salim Miguel | 025 |
| O Escritor | WILLER, Claudio | O Catarinense Salim Miguel recebeu o Juca Pato | 024 |
| | | Escritor Salim Miguel é eleito intelectual do ano | 046 |
| | ALVES, Hamilton | O Intelectual do ano | 044 |
| | ALVES, Hamilton | Justo galardão | 057 |
| O Estado | VIEIRA, Cristina | Genialidade nas letras catarinenses | 058 |
| O Globo | GOES, Anselmo | Juca Pato | 047 |
| Tribuna da Ilha | BARREIROS, Julita da Silva | Rápidas | 026 |